



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**EXPLORAÇÃO ANIMAL, VEGANISMO POPULAR E CAPITALISMO:
EFEITOS DE SENTIDOS DOS ATIVISTAS DIGITAIS**

WILLIAMS DA SILVA RODRIGUES

JOÃO PESSOA-PB

2023

WILLIAMS DA SILVA RODRIGUES

EXPLORAÇÃO ANIMAL, VEGANISMO POPULAR E CAPITALISMO:

efeitos de sentidos dos ativistas digitais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha de Pesquisa: Culturas e Sociabilidades.

Orientação: Prof. Dr. Marcelo Burgos Pimentel dos Santos

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA BANCA EXAMINADORA COMPOSTA PARA
AVALIAR **WILLIAMS DA SILVA RODRIGUES**

Aos 22 dias do mês de agosto de 2023, às 9 horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de defesa de Dissertação, intitulada: “**EXPLORAÇÃO ANIMAL, VEGANISMO POPULAR E CAPITALISMO: efeitos de sentidos dos ativistas digitais**” apresentada pela(o) discente **WILLIAMS DA SILVA RODRIGUES**, estando a Comissão Examinadora composta pelos docentes: Prof. Dr. Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, Prof. Dr. Rogério De Souza Medeiros (PPGS/UFPA), e Prof. Dr. Cláudio Luis de Camargo Penteado (UFABC). Dando início aos trabalhos, a(o) professor(a) **Marcelo Burgos Santos**, na qualidade de Presidente da Comissão, convidou os demais integrantes da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida foi concedida palavra à(o) defendente para expor uma síntese de sua Dissertação que, após, foi arguida pelos membros da Comissão Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o conceito de **APROVADO**. A seguir foi encerrada a reunião, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com a Lei, expedir o respectivo Diploma de **MESTRE EM SOCIOLOGIA**.

OBSERVAÇÕES DA BANCA EXAMINADORA

Para depósito final, a banca recomenda rescrever a hipótese do trabalho e revisar o objetivo. Por fim, uma boa revisão texto antes do depósito final e expedição de diploma.

 Documento assinado digitalmente
MARCELO BURGOS PIMENTEL DOS SANTOS
Data: 22/08/2023 17:54:53 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo Burgos Pimentel dos
Santos
Orientador(a)

 Documento assinado digitalmente
ROGERIO DE SOUZA MEDEIROS
Data: 24/08/2023 11:12:10 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rogério de Souza Medeiros
UFPA

 Documento assinado digitalmente
CLAUDIO LUIS DE CAMARGO PENTEADO
Data: 24/08/2023 08:14:47 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Cláudio Luis de Camargo Penteado
UFABC

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R696e Rodrigues, Williams da Silva.

Exploração animal, veganismo popular e capitalismo :
efeitos de sentidos dos ativistas digitais / Williams
da Silva Rodrigues. - João Pessoa, 2023.
143 f. : il.

Orientação: Marcelo Burgos Pimentel dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - CCHLA/.

1. Análise do discurso. 2. Ativistas digitais. 3.
Veganismo popular. 4. Exploração animal. 5.
Capitalismo. I. Santos, Marcelo Burgos Pimentel dos.
II. Título.

UFPB/BC

CDU 614.9(043)

FOLHA DE AVALIAÇÃO

A dissertação intitulada “*Exploração animal, Veganismo Popular e capitalismo: efeitos de sentidos dos ativistas digitais*”, de autoria de Williams da Silva Rodrigues, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, apresentada em sessão pública ao Programa Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia, foi aprovada em 22/08/2023, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Documento assinado digitalmente
 MARCELO BURGOS PIMENTEL DOS SANTO
Data: 22/08/2023 17:54:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr. Marcelo Burgos Pimentel dos Santos
Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
Orientador (PPGS-UFPB)

Documento assinado digitalmente
 ROGERIO DE SOUZA MEDEIROS
Data: 24/08/2023 11:12:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr. Rogério de Souza Medeiros
Doutorado em Sociologia pela Boston University - Estados Unidos
Examinador Interno (PPGS-UFPB)

Documento assinado digitalmente
 CLAUDIO LUIS DE CAMARGO PENTEADO
Data: 24/08/2023 08:14:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr. Cláudio Luis Camargo Penteado
Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
Examinador Externo (UFABC)

Por um Veganismo Popular
e revolucionário!

AGRADECIMENTOS

Finalmente chegou o momento de agradecer. Talvez o melhor momento, pois é o encerramento de um processo que se inicia com uma ideia e se encerra com um produto com ideias, discussões, proposições que foram (e são) fruto do trabalho, a produção de conhecimento, meu trabalho de dissertação de mestrado.

Mais uma formação concluída, mais uma vez iniciando os agradecimentos à minha **mãe (Vana)**, que mesmo que nunca vá ler meu trabalho, mesmo que nesses mais de dois anos de pesquisa tenhamos passado por vários momentos (bons, ruins e muito ruins). Sem saber, foi por conta das condições materiais (onde comer, onde dormir) que ela me proporcionou, que pude continuar me dedicando à pesquisa, principalmente quando não tinha bolsa.

Mais uma formação concluída e de novo eu agradecendo à **Vanessa**, que ouviu/leu meus dramas e também foi feliz com minhas alegrias e assim é há vários anos. Mais especificamente há 10 anos, que celebramos em outubro de 2023, mês que escrevo esses agradecimentos.

Um agradecimento especial à **Anne**, que surge na minha vida enquanto estou mestrando e que direta (nas nossas tantas conversas sobre veganismo) e indiretamente (só sendo ela mesma), contribuiu para que eu pudesse estar sempre no meu melhor.

Agradeço à **Layne** que dividimos um pouco das nossas experiências com os mestrados. Agradeço à **Natália, Lays, Rodrigo e Jonas**, que foram o mais próximo que tive de realmente viver o mestrado nessa vida de “pós remota”. Espero reencontrar vocês nessas andanças.

A **Marcelo** (Prof. Dr. Marcelo Burgos Pimentel dos Santos) por topar esse projeto, pela orientação e sugestões ao longo do processo de escrita.

A **Vitor Ávila** e **Carlos Coelho** que sem eles essa pesquisa não existiria.

À banca examinadora, pela disponibilidade, avaliação e sugestões.

Ao **CNPq**, pela concessão da bolsa, fundamental para minha permanência no mestrado.

Aos(às) demais professores(as) e funcionários(as) do **PPGS/UFPB**.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar a compreensão de dois ativistas digitais do Veganismo Popular (Vegano Vitor e Vegetal Vermelho) a respeito da exploração animal no sistema capitalista. Foram analisados cerca de 22 vídeos dos ativistas por meio de seus perfis disponíveis no *Youtube*. Utilizou-se a Análise do Discurso (AD) com base nas perspectivas de Michel Pêcheux e Eni P. Orlandi, fundamentada no materialismo histórico dialético. Ao final deste estudo, podemos observar que a partir da Formação Discursiva (FD) do Veganismo Popular esses ativistas produzem efeitos de sentidos justificando que o modo de produção capitalista reproduz e sustenta a exploração animal e o especismo. Ainda assim, estes ativistas argumentam que apenas com a superação do sistema capitalista e a criação de outro modo de produção, em que os animais não sejam tratados como mercadorias, a exploração animal poderá deixar de existir.

Palavras-chave: Análise do Discurso; ativistas digitais; Veganismo Popular; exploração animal; capitalismo.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the understanding of two digital activists of Popular Veganism (Vegano Vitor e Vegetal Vermelho) with respect to animal exploration in the capitalist system. Foram analyzed about 22 videos two activists by half of their profiles available on *Youtube*. Discourse Analysis (AD) was used based on the perspectives of Michel Pêcheux and Eni P. Orlandi, based on dialectical historical materialism. At the end of this study, we can observe that from the Discursive Formation (FD) of Popular Veganism these activists produce effects of senses justifying that the capitalist mode of production reproduces and sustains animal exploration and speciesism. Still, these activists argue that only by overcoming the capitalist system and creating another mode of production, and that you are encouraged not to be treated as marketplaces, animal exploration will be able to cease to exist.

Keywords: Discourse Analysis; digital activists; Popular Veganism; animal exploration; capitalism.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
Capítulo 1 – Veganismo e suas múltiplas determinações.....	24
1.1 – O <i>popular</i> enquanto interpretação teórica e política na aproximação da luta feminista com o veganismo	27
1.2 – Da perspectiva teórica “tradicional” e suas determinações idealistas (abstratas) à interpretação materialista histórica e suas determinações concretas (reais).....	35
Capítulo 2 – Veganismo Popular e digital: a Internet como ferramenta (e estratégia) de divulgação, popularização e contra-argumentação.....	58
Capítulo 3 – Exploração Animal e o Capitalismo no discurso do Veganismo Popular: como pensam os ativistas digitais	80
3.1 – O que é o veganismo? Como eles entendem o(s) veganismo(s) e o Veganismo Popular	81
3.2 – Libertação animal e libertação humana: Veganismo Popular e a importância da articulação com outros movimentos	93
3.3 – Veganismo Popular x Veganismo Liberal.....	98
3.4 – Veganismo Popular (e) Revolucionário: da libertação animal à superação do capital	115
CONSIDERAÇÕES	126
REFERÊNCIAS	130

INTRODUÇÃO

A Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), uma das principais referências no que diz respeito ao vegetarianismo e veganismo no Brasil, define o veganismo como um movimento em que as pessoas que o integram procuram excluir “na medida do possível e do praticável” todas as “formas de exploração e crueldade contra os animais”, desde alimentação, vestuário e entre outras “esferas do consumo”.¹ A SVB baseia sua compreensão de veganismo na *The Vegan Society*, referência mais conhecida mundialmente ao falar de veganismo, fundada em novembro de 1944 pela iniciativa de Donald Watson. Já o vegetarianismo, segundo a SVB, é a “escolha alimentar na qual se tira os produtos de origem animal do cardápio”.

É importante ressaltar que há uma confusão na compreensão do que é vegetarianismo e o veganismo. Qual a diferença? Existe alguma diferença? A maioria das pessoas acredita que o veganismo e o vegetarianismo são sinônimos de dieta e “estilo de vida”.² Mayra Ferrigno (2012, p. 19) pontua que no contexto da década de 40, no “despertar” do veganismo, ele surge como “uma nova proposta de dieta dentro do vegetarianismo”. Não é evidente que, mesmo naquele momento, o veganismo surgiu como uma *nova proposta de dieta*. Contudo, a dieta foi - e ainda é - um fator importante no veganismo, porém não se limita a essa característica. Isso será amplamente debatido ao longo deste trabalho, a partir da discussão com o marco teórico que deu base a pesquisa e, concomitantemente, em diálogos feitos com os atores escolhidos nesta pesquisa, os ativistas digitais veganos Vegano Vitor e Vegetal Vermelho.

1) **Vitor Ávila (“Vegano Vitor”)**: “Vegano anticapitalista lutando contra todas as opressões.” Se descreve como: “Lutando contra todas as opressões dentro e fora da net.”³ Ele afirma que seu canal no *Youtube* promove a “transformação social pela educação” e reforça que o canal tem uma posição política “contra todos os tipos de opressões, incluindo o racismo, a lgbtfobia, o machismo, a xenofobia” entre outras. Nessa descrição, Vegano Vitor enfatiza algo que será corroborado no seu discurso: “A luta contra a exploração animal deve andar de mãos dadas com outras lutas por justiça social.” Vegano Vitor é ativista/militante pelo Veganismo Popular⁴, possui graduação em Design e atualmente está cursando Ciências Sociais (UnB). Com

¹ Ver em: <https://www.svb.org.br/vegetarianismo1/o-que-e>. Acesso em: 27/12/2023.

² “Um estilo de vida vegano envolve viver uma vida mais compassiva com os animais e o meio ambiente.” (THE VEGAN SOCIETY, tradução nossa). No próprio site da sociedade, há uma aba “estilo de vida”.

³ Descrição feita na sua “*bio*” (espaço onde as pessoas se descrevem) do *Instagram*.

⁴ Será discutido o que é o Veganismo Popular, bem como outras características.

relação à militância organizada, já fez parte da organização “*Anonymous for the Voiceless*” e contribuiu com o “Subverta – Coletivo Ecosocialista e Libertário”, organização política do partido PSOL. Seu canal possui 26,7 mil pessoas inscritas e mais de 851 mil visualizações (dados de junho de 2023).

Imagem 1 – Canal “Vegano Vitor” no Youtube



Fonte: autor (2022)

O outro ativista escolhido nesta pesquisa é:

2) **Carlos Coelho/“Vegetal Vermelho”**: se define como “Filósofo antiespecista”. No seu canal no *Youtube* ele escreve: “Professor e doutor em filosofia fala sobre veganismo, política e atualidades.” Além da militância “individual”⁵, Vegetal Vermelho também faz parte do “Coletivo VACA” (Veganismo AntiCapitalista e Popular – @coletivovaca), coletivo alinhado à “UVA” (União Vegana de Ativismo – @uniaoveganadeativismo). Seu canal possui 3,33 mil pessoas inscritas e mais de 35 mil visualizações (dados de junho de 2023). Os números do seu canal são bem menos expressivos se comparado ao de Vegano Vitor.

⁵ “(...)toda a ação política virtual é hoje necessariamente coletiva, com todos os espaços de interação sendo coletivos e alimentados por qualquer pessoa.” (VASCONCELOS FILHO, 2016, p. 19).

Imagem 2 – Canal “Vegetal Vermelho” no Youtube



Fonte: autor (2022)

No terceiro capítulo deste trabalho estará concentrada a análise mais detalhada da pesquisa, porém, o diálogo com os atores estará presente ao longo do trabalho ampliando o debate em torno do tema. Nesse sentido, sobre a confusão trazida anteriormente a respeito do veganismo e vegetarianismo, Vegetal Vermelho comenta que *“A palavra ‘vegano’ ela surge justamente pra tentar dar uma ênfase à luta pela libertação animal, contra a exploração dos animais [...]”*⁶. Neste sentido, o termo “vegetarianismo” que era usado anteriormente, foi apropriado e dele esvaziado o seu sentido político, portanto, novos nomes e conceitos são criados com a necessidade de reafirmar o posicionamento. Vegetal Vermelho complementa: *“E em nome de algumas pessoas que vão no Instagram dizer então que ‘o veganismo é um estilo de vida’ a gente vai chegar à conclusão que ‘sim’ e vamos apagar toda uma história, uma história de luta? Isso é realmente muito perigoso”* (Vegetal Vermelho).

Do mesmo jeito, podemos observar na relação Veganismo Popular *versus* Veganismo Liberal, onde foi necessário, a partir da realidade material desse tempo histórico, o surgimento dessa “corrente alternativa” para disputar politicamente as ideias já subvertidas do que é ou seria o movimento vegano. Assim, é importante destacar que o veganismo não é um movimento único, uníssono, mas plural, contraditório e complexo. Portanto, existem formas de viver/compreender o veganismo, bem como de discursar sobre ele. Essas formas são chamadas de “correntes”; as mais comuns são a do “Veganismo Liberal” e a do “Veganismo Popular”⁷. A corrente do “Veganismo Liberal” dialoga com a perspectiva apontada pela SVB e a *The*

⁶ Sempre que trazer a fala de um dos atores/interlocutores da pesquisa, ela será escrita em *itálico* e “entre aspas”.

⁷ É consenso entre militantes de diversos coletivos veganos espalhados pelo Brasil, que o termo foi cunhado pela primeira vez pela militante Sandra Guimarães.” (BITTENCOURT, 2023, p. 10).

Vegan Society, enquanto que a do “Veganismo Popular” se contrapõe a essa perspectiva por entender que o movimento vegano não deve se limitar a uma lógica do consumo. É nesta corrente que a presente pesquisa se debruçou, analisando o discurso produzido no *Youtube* pelos ativistas digitais veganos “Vegano Vitor” e “Vegetal Vermelho”.

A discussão sobre “Veganismo Popular” e “Veganismo Liberal”, ainda não é um debate comum na academia. As pesquisas produzidas a partir das contribuições de alguns(as) autores(as) clássicos(as) do movimento animal, como Peter Singer, Richard Ryder, Tom Regan⁸, Gary Francione, entre outros(as), tratam do veganismo como: a) uma dieta ou estilo de vida; b) formas de consumo; c) forma ética ou d) moralidade. Essas discussões apresentam “uma característica específica altamente ligada ao consumo: o boicote a produtos de origem animal” (DAVIDSON, 2020, p. 59). Também apontam para o debate do “bem-estarismo” e “abolicionismo”⁹: formas de compreender e pautar as estratégias e táticas no movimento animal. Sendo assim, há uma carência na produção acadêmica e do debate teórico sobre a questão animal, partindo da sua materialidade e das contradições do sistema político-econômico-social que sustenta (e se sustenta a partir da) a exploração animal.

Por outro lado, no movimento vegano, o embate dessas correntes contraditórias possui efervescência e complexidade no discurso e na práxis¹⁰ dos(as) militantes e ativistas veganos(as), com um destaque para o ativismo digital. O ativismo vegano digital se apresenta como um importante mecanismo de discussão, construção, afirmação e popularização do veganismo, mais especificamente o Veganismo Popular. Desse modo, novas pesquisas e trabalhos – assim como os novos sentidos produzidos nos discursos dos ativistas – vão transcender a compreensão do animal enquanto sua função utilitária ou significativa nas sociedades: “estas pesquisas têm transformado abatedouros, zoológicos, laboratórios, criadouros e reservas ecológicas em instâncias etnográficas (...)” (SORDI, 2011, p. 6).

⁸ Othoniel Neto (2021) faz apontamentos filosóficos acerca desses autores. Ver em: <https://www.conjur.com.br/2021-out-14/opinio-discussao-existencia-direitos-animais>. Para um estudo mais detalhado ver também Nunes (2010): <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4199>.

⁹ De maneira geral, bem-estarmistas defendem uma redução (gradual) da exploração animal: como gaiolas mais confortáveis ou fim delas, “abate humanizado”, porém ainda dentro da lógica de exploração. Já abolicionistas animais, afirmam que não há forma de reduzir a exploração animal, a única redução possível é o fim dela. (SORDI, 2011; BITTENCOURT, 2023). Assim, pode-se traçar um paralelo entre a corrente do Veganismo Liberal com a perspectiva do bem-estarismo, e o Veganismo Popular com a perspectiva abolicionista.

¹⁰ “(...) práxis - é um processo, movimento que se dinamiza por contradições, cuja superação o conduz a patamares de crescente complexidade, nos quais novas contradições impulsionam a outras superações.” (NETTO, 2011, p. 31).

Demarcando a diferença entre as correntes, o Veganismo Liberal se associa ao liberalismo econômico e propõe soluções para a exploração animal no modo de produção capitalista a partir do consumo e sem questionar as estruturas materiais da exploração/opressão. A prática político-econômica do (neo)liberalismo propõe que o bem-estar pode ser garantido por meio da liberdade individual atrelada ao direito à propriedade privada, livre mercado e comércio, tendo o Estado como garantidor dessas relações (HARVEY, 2005). Já o Veganismo Popular considera a totalidade das explorações (e opressões), assim como questiona como a estrutura do modo de produção capitalista sustenta estas explorações/opressões. Tem como pautas fundamentais a reforma agrária, a soberania alimentar e dos povos originários, o Poder Popular, o feminismo, o antirracismo, a anti LGBTQIA+ fobia, o fim do uso de agrotóxicos, o fim dos grandes latifúndios e a valorização dos(as) trabalhadores(as) da terra. No decorrer da pesquisa essa discussão será aprofundada, bem como a importância de demarcar a diferença entre essas correntes.

Apesar de existirem organizações, coletivos, entre outros com atuações “fora” da Internet, grande parte das discussões sobre o Veganismo Popular acontece na Internet a partir da produção de conteúdos (postagens, textos, vídeos, etc.) de veganos(as). Nesta pesquisa, foram escolhidos os discursos inseridos na corrente do Veganismo Popular por concordar com os apontamentos desse veganismo e com as críticas feitas ao Veganismo Liberal (que serão trabalhadas ao longo do trabalho). Para este estudo, foram escolhidos os discursos dos ativistas já citados e que, à sua maneira, corroboram e se identificam com a corrente do Veganismo Popular.

Algumas características foram importantes para escolha desses ativistas digitais veganos, dentre elas destacamos: o fato de dialogarem diretamente e estarem alinhados com a corrente do “Veganismo Popular”, tendo seus discursos inscritos na Formação Discursiva (FD) que chamarei de *FD vegana popular*. O tipo de conteúdo é crucial para escolha dos atores da pesquisa (PIZA, 2016). A FD é onde os sentidos são constituídos, onde a ideologia do sujeito o interpela em sujeito do discurso e no seu discurso, essa ideologia se materializa. É na FD que, dada uma Formação Ideológica (ideologia), os sentidos se materializam. Outras características importantes são que os interlocutores enfatizam suas críticas ao Veganismo Liberal, veganismo esse que desconsidera a estrutura das relações/explorações e tanto Vegetal Vermelho quanto Vegano Vitor são críticos ao modo de produção capitalista, bem como às diversas expressões

desse modelo que explora os animais, como a indústria animal e o Agronegócio¹¹ brasileiro. Por fim, esses ativistas reforçam em seus discursos, a importância de pensar o veganismo alinhado com outros movimentos contrários às opressões. Além do conteúdo, foi considerada também a pluralidade, expressão e relevância dos seus discursos no debate sobre o tema abordado nesta pesquisa. Existem outros canais que possuem alguns vídeos falando sobre Veganismo Popular (como o “Tese Onze”, “Chavoso da USP”), mas não é o foco principal como é nos canais dos ativistas escolhidos.

Segundo Orlandi (2015, p. 25), “cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões”. Pensando assim, essa pesquisa se propõe a tratar da questão animal na sua materialidade, pois ao não analisar a exploração animal materialmente, todas as outras interpretações são vistas como um “antiespecismo metafísico” ou “antiespecismo moral” (MAURIZI, 2020; MANNI; MAURIZI, 2022, tradução nossa). Estudar e analisar a exploração animal por uma perspectiva que não seja material, desconsiderando assim sua totalidade, constitui um problema: não explicar o motivo dos animais serem explorados, ou por que eles são transformados em mercadorias (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019). É neste sentido que se dá a relação da exploração animal e o capitalismo. Essa dimensão será melhor discutida no Capítulo 1. O materialismo histórico considera que as ideias e comportamentos (individuais e coletivos) são influenciados/condicionados pelo desenvolvimento das forças produtivas e pelas relações de produção — as relações entre grupos/classes, a posição que ocupam na hierarquia social, a posse que têm ou não dos meios de produção (MANNI; MAURIZI, 2022, tradução nossa).

Dessa forma, o rumo desta investigação foi traçado com base no objetivo geral: analisar a compreensão dos ativistas digitais veganos sobre a exploração animal no sistema capitalista. Para atender a esse objetivo geral é preciso: a) explicar a relação entre a exploração animal e o sistema capitalista e demonstrar como os ativistas digitais apresentam essa relação nos seus discursos, b) evidenciar a Formação Discursiva que constitui os sentidos do movimento vegano no discurso desses ativistas, c) investigar as diferenças entre o Veganismo Popular e o Veganismo Liberal e d) interpretar e apreender o veganismo a partir de uma análise materialista histórica.

¹¹ O termo “Agronegócio” é escrito com letra maiúscula para enfatizar o seu significado político e social. Essa grafia é fundamental para evidenciar a distinção do seu sentido comum de “negócios relacionados à agricultura”. (NETTO, 2019).

Como mencionado, muitas discussões sobre o Veganismo Popular se dão na Internet, no ciberespaço¹² e os ativistas escolhidos produzem seus discursos no *Instagram* e no *Youtube*. Aqui, optou-se por delimitar a análise no *Youtube* devido à complexidade e a riqueza dos detalhes possibilitadas nos vídeos. No vídeo, é possível captar outros elementos que vão compor o discurso como a entonação das frases, movimentos etc. Marília Barreira e Luciana Maia (2020, p. 46), ao escolherem o *Youtube* como espaço do *corpus* de pesquisa, vão ressaltar a relação do dito com o não-dito, pois “a comunicação em forma de vídeo, faz com que seu conteúdo possa ser analisado para além daquilo que se diz, captando cenários, imagens e expressões corporais”, algo que dialoga com um “pressuposto” da Análise do Discurso, no qual veremos mais adiante. Um exemplo nesse sentido, em um vídeo Vegano Vitor fala que não precisa ser de esquerda para ser vegano, porém ele inicia o vídeo reproduzindo o hino da Internacional Comunista e com a tela toda em cor vermelha. Essa ironia compõe o discurso e o complexifica. Assim, Barreira e Maia (2020, p. 41) chamam atenção para a importância dos vídeos, pois “a dimensão comunicacional dos vídeos abrange outros fatores que podem ser fundamentais para ampliar as investigações sobre ciberativismo”¹³.

Além dessas características, existem outros fatores que corroboram a escolha do *Youtube*. Essa plataforma está entre as 10 redes sociais mais utilizadas atualmente no Brasil. Segundo o estudo “Tendências de Social Media 2023” da Comscore Brasil (2023), a categoria de redes sociais, ou de maneira geral, mídias sociais, é a mais consumida no Brasil, dando ao país o 3º lugar de maior consumidor mundial. Conforme o relatório da *We Are Social e Meltwater*¹⁴, o Brasil abrigava 152,4 milhões de usuários de mídia social em janeiro de 2023, o equivalente a 70,6% da população total. O *Youtube* é a segunda rede social mais utilizada no Brasil, com cerca de 142 milhões de usuários(as) consumindo conteúdo na plataforma – dados também de janeiro de 2023. Colocando o Brasil no 3º lugar do ranking mundial de uso do *Youtube* (STATISTA, 2023; WE ARE SOCIAL; MELTWATER, 2023). É importante chamar atenção de que esse número (142 milhões) são dados fornecidos pelo próprio *Google*, e dizem respeito ao alcance de publicidade, ele não representa necessariamente o número de usuários(as) ativos(as), porém, “os próprios dados da empresa sugerem que o alcance dos

¹² “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” (LÉVY, 1999, p. 92).

¹³ Falaremos sobre esse ativismo no capítulo 2.

¹⁴ Disponível no Dataportal: <https://dataportal.com/essential-youtube-stats> e <https://dataportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 27/12/2023.

anúncios do YouTube no início de 2023 era equivalente a 65,8% da população total do Brasil no início do ano” (WE ARE SOCIAL; MELTWATER, 2023).

Rafaela Leite (2019, p. 26) ressalta que em meio à disponibilidade de diversos serviços de audiovisual na Internet, o do *Youtube* é o que mais atrai o público. Para a autora, “Uma proposta para refletir sobre a popularidade do site no Brasil é, primeiro, pensar que há um hábito cultural de consumo audiovisual no Brasil e, um outro ponto a ser considerado é o fato da gratuidade do serviço, facilitando assim o consumo por número maior de público” (Idem).

O Veganismo Popular destaca e demarca a relação do veganismo como um movimento que se opõe ao modelo de sociedade capitalista por considerar a forma como o modo de produção capitalista potencializa a exploração animal, pois, esses animais passam a assumir outra forma, a *forma-mercadoria* (COSTA, 2019). Eles são inseridos na produção material e assim, além de “máquina”, passam a ter valor de *mercadorias*¹⁵, isto é, “não como meio de produção, mas como resultado do processo de produção: a mercadoria animal” (MAURIZI, 2020, tradução nossa). É com o desenvolvimento dessa sociedade que os animais passam a ser produzidos industrialmente e a exploração que já existia adquire características próprias, ampliando em escala incalculáveis. É nesse sentido que Vegetal Vermelho diz que o veganismo é um movimento que opta “*não por fazer parte de uma estrutura, de uma construção social que pensa os animais enquanto mercadoria*” (Vegetal Vermelho).

Esta pesquisa se propôs colocar os animais no centro do debate. Portanto, discutir a exploração da vida deles considerando a materialidade dessa exploração e que esta compõe uma totalidade, o modo de produção capitalista. Assim, é primordial considerar a categoria de *totalidade* como princípio metodológico. Para Ivo Tonet (2013, p. 116), isso significa que:

(...) nada pode ser compreendido de modo isolado. O sentido de cada parte, de cada fato, de cada dado só emerge na medida em que ele for apreendido como momento de um conjunto, como resultado de um processo através do qual cada um dos elementos parciais vai adquirindo a sua natureza e a sua especificidade (TONET, 2013, p. 116).

Sendo assim, entendendo a dinâmica desse modo de produção, para o Veganismo Popular a exploração animal é um complexo que compõe a totalidade do capitalismo, assume-se então a hipótese de que os discursos dos ativistas digitais veganos estudados devem produzir efeitos de sentido que pautem um processo de subversão e superação desse sistema como

¹⁵ Para Marx (2011), sob o modo de produção capitalista, a(s) mercadoria(s) aparece como forma elementar, e é por isso que sua investigação parte dessa categoria. Da mesma forma, partimos deste entendimento nesta pesquisa.

fundamental para o fim da exploração animal. Nesse sentido, a Análise do Discurso visou evidenciar *como se dá a relação entre exploração animal e o sistema capitalista no discurso dos ativistas digitais?* Veremos ao longo da discussão aqui trazida, com ênfase no capítulo três, como esses ativistas evidenciam em seus discursos a importância da construção de outro modo de produção para que sejam garantidas condições materiais para o fim da exploração animal, confirmando a hipótese levantada.

Com a Análise do Discurso, objetivamos entender e compreender os discursos considerando a Formação Discursiva que os ativistas estão inseridos, a fim de explicitar como a Formação Ideológica¹⁶ (ou seja, a ideologia) em que o sujeito do discurso se inscreve, interpela os ativistas e como isso se materializa nos seus discursos produzindo os efeitos de sentidos. (VARGAS, 2020). A maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua é uma das reflexões da Análise do Discurso (ORLANDI, 2005). Em outras palavras, a FD são formas/modos próprios de dizer que vão agrupar os discursos, essa permite que cada enunciado, fala, texto, etc., mobilize determinados sentidos. Nas FD, é possível notar que os discursos nunca são neutros, são sempre carregados de ideologia.

Os dispositivos analíticos propostos pela Análise do Discurso são fundamentais para entender as questões ideológicas presentes e predominantes nos discursos, para assim, compreender *como* as palavras significam e não (apenas) *o que* significam. Por exemplo, quando Vegetal Vermelho diz que o vegano liberal aparece como uma “chantagem”, o significado da palavra chantagem pode ser “pressão sob ameaça” ou “extorsão”, mas ao relacionar a palavra ao discurso, conseqüentemente, à sua exterioridade, entende-se que ela mobiliza o sentido de que uma pessoa que defende o Veganismo Liberal – principalmente se for uma pessoa com notoriedade/visibilidade – desmobiliza e esvazia a crítica e a radicalidade do movimento.

O discurso produz efeito de sentido, pois não se reduz a troca de informação (SANTOS; SILVA, 2014), já que “não preexiste à formação discursiva na qual se constitui” (PÊCHEUX, 2014, p. 154). Isto é, o discurso não é o sentido em si, mas o *efeito de*. É importante observar como o sentido é constituído, quais elementos tornam possíveis determinados sentidos e não outros. O discurso assume efeito de sentido, visto que é com o discurso que os indivíduos agem

¹⁶ Para Pêcheux (1995, p. 146), a instância ideológica – em sua materialidade concreta – existe sob formas de *Formações Ideológicas*, essas, sempre comportam posições de classe e se dá na luta de classes na/da ideologia.

ao serem interpelados em sujeitos discursivos se identificando com uma FD. Outrossim, é fundamental entender as condições de produção de um discurso para compreender como funciona esse discurso e quais sentidos ele mobiliza, ou seja, é crucial considerar que Vegano Vitor e Vegetal Vermelho vão mobilizar sentidos em consonância com a perspectiva política-teórica do *popular* (essa dimensão será melhor abordada no subcapítulo 1.1 e ao longo da pesquisa). Quando os ativistas se opõem ao que veganos(as) liberais defendem, por exemplo, fazem isso partindo de uma realidade sócio-histórica (e ideológica) diferente.

É importante também entender que os discursos sempre estão em relação (se relacionando, em movimento), não existindo apenas “em si”. Pêcheux compreende que o(s) sentido(s) do discurso é regulado no tempo e espaço da prática humana, assim, deve-se relacionar a linguagem à sua exterioridade (ORLANDI, 2005, p. 16). Essa exterioridade está na ideologia. Portanto, a ideologia e a linguagem vão se aproximando ao longo do processo teórico até “fundirem-se numa totalidade que constitui objetos” (DORNELE, 2007, p. 31). Dessa forma, o sentido (de uma palavra, expressão, etc.) é determinado pelas posições ideológicas (ou formações) que são sócio-históricas. Portanto, “palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (...)” (PÊCHEUX, 2014, p. 146).

Entende-se assim, que Vegano Vitor e Vegetal Vermelho, por se assumirem “vegano(s) popular(es)”, fazem parte dessa FD, logo, os seus dizeres fazem sentidos na compreensão dessa FD (e suas FIs). Dito de outra forma, essas palavras, expressões e proposição adquirem sentido em referência às Formações Ideológicas (PÊCHEUX, 2014). Um exemplo é quando Vegano Vitor diz: “*É óbvio, pra quem me conhece só um pouquinho, que eu tou no Veganismo Popular [...] não consigo categorizar um produto como ‘vegano’ se ele foi produzido por uma empresa escrota [...]*”. “Produto vegano” na FD do Veganismo Popular possui sentido próprio por haver um efeito que essa FD possibilita. Veremos sobre essa compreensão de “produto vegano” no próximo capítulo.

Para se pensar a construção do *corpus* deste estudo foram levantados alguns questionamentos que dialogassem com os objetivos e o tema da pesquisa. Devido ao tamanho do universo discursivo não seria possível analisar todos os vídeos postados pelos ativistas. Com isso, considerando também a hipótese desta pesquisa, foram feitos os seguintes questionamentos: o que é o “Veganismo Popular”? Qual(is) o(s) sentido(s) que os ativistas atribuem para essa corrente do veganismo? Qual a importância de diferenciar o “Veganismo

Popular do “Veganismo Liberal”? Os ativistas compreendem o veganismo como um movimento revolucionário anticapitalista?¹⁷ Se sim, de que forma? Como essa relação aparece nos seus discursos produzidos (e reproduzidos) na Internet? Essas perguntas culminaram na elaboração de palavras-chave que nortearam a escolha dos vídeos analisados. As palavras-chave são as seguintes: “Veganismo Popular”; “Veganismo Liberal”; “especismo”; “movimento vegano”; “sistema capitalista”; “capitalismo”; “anticapitalismo”; “revolução”; “interseccionalidade¹⁸”; “indústria” e “liberalismo”.

É importante ressaltar que os vídeos foram selecionados a partir dos títulos (tendo as palavras-chave como orientação), que além dos próprios vídeos, também mobilizam sentidos. Os títulos funcionam como um “convite” ao conteúdo dos vídeos (LIMA, 2017, p. 136-137). O recorte se deu de acordo com o aporte teórico-metodológico, dialogando com o tema e o problema da pesquisa e sem comprometer a totalidade do sentido dos discursos nem levar a um suposto enviesamento do pesquisador, visando mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (ORLANDI, 2005; VARGAS, 2020).

Sabendo que os títulos, enquanto materialidades, também significam e, em diálogo com os questionamentos anteriormente apresentados. E com base na proposta teórica e metodológica desta pesquisa, foram escolhidos onze (11) vídeos de cada ativista. Percebeu-se que a riqueza do discurso presente nesses vídeos se mostrou “suficiente” em tratar das questões levantadas. Após as análises dos vídeos selecionados, não foi necessário ampliar a quantidade, pois verificou-se uma “repetição” dos discursos, ou seja, não havia acréscimo de elementos que alterassem a compreensão do objeto. Os vídeos foram dispostos no quadro abaixo:

¹⁷ Maila Costa ressalta algo interessante que, justamente com a leitura mais aprofundada para a construção do marco referencial dessa pesquisa, impactou na mudança de perspectiva da estruturação do problema pesquisado: quando se assume anticapitalista ou é anarquista, ou é comunista. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZ59ZtmNxck&t=2s>. Acesso em: 16/09/2022.

¹⁸ Kimberlé Crenshaw (1991) utiliza esse termo, essa chave de análise e interpretação para chamar atenção às “várias maneiras pelas quais raça e gênero se cruzam para moldar os aspectos estruturais, políticos e representacionais da violência contra as mulheres não-brancas.” A autora faz uma ressalva de que não pressupõe que a interseccionalidade seja “apresentada como uma nova teoria totalizante da identidade.” Mas sim, na “necessidade de explicar múltiplos motivos de identidade ao considerar como o mundo social é construído.” (CRENSHAW, 2017). Ver em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/>. Acesso em: 27/12/2023.

Quadro 1 – Vídeos analisados de “Vegano Vitor” e Vegetal Vermelho

ATIVISTA	TÍTULO	LINK
Vegano Vitor	1) MOVIMENTOS VEGANOS	https://www.youtube.com/watch?v=I8_9hpXorY
	2) O QUE É VEGANISMOS???!?!!	https://www.youtube.com/watch?v=6XYxYWzBPO8
	3) QUAL É O CONTRÁRIO DE VEGANISMO	https://www.youtube.com/watch?v=Bx_gHDv4hQM
	4) Veganismo é um estilo de vida ou uma pauta política?*	https://www.youtube.com/watch?v=-1U0vscqA7g&t=0s
	5) VEGANISMO ESTRATÉGICO VS VEGANISMO POLÍTICO	https://www.youtube.com/watch?v=OOk4GJ-hxSo
	6) LIVE: Lendo e comentando o texto "A Forma Animal da Mercadoria" com a autora Maila Costa	https://www.youtube.com/watch?v=fZ59ZtmNxc&t=2s
	7) NÃO ADIANTA EU SER VEGANO O PROBLEMA É O CAPITALISMO	https://www.youtube.com/watch?v=hanfig50PRk&t=12s
	8) Perguntas & Respostas com Sandra Guimarães – Papacapim	https://www.youtube.com/watch?v=A91toHgSF_Mg
	9) Veganismo e política com Raphael Sebba	https://www.youtube.com/watch?v=7mx_iWkWr_vs
	10) FINALMENTE!! BOICOTAR PRODUTOS OU MARCAS?!?!!	https://www.youtube.com/watch?v=q4N0C3VGoDc&t=13s
	11) COMO O VEGANISMO ME TROUXE PRA ESQUERDA?!!	https://www.youtube.com/watch?v=y99VacZBTu_Y
Vegetal Vermelho	1) O que é o VEGANISMO? Glossário do Vegetal	https://www.youtube.com/watch?v=gCXjuhRlvIw
	2) O que eu acho do VEGANISMO LIBERAL?	https://www.youtube.com/watch?v=i1ptcnFlfmE
	3) O que é um VEGANO LIBERAL?	https://www.youtube.com/watch?v=krr-5ZEHo4I
	4) O VEGANISMO É UM ANTICAPITALISMO: a questão do protagonismo dentro do movimento VEGANO	https://www.youtube.com/watch?v=GDAfb10i-lw
	5) Resposta ao VegetariRANGO - Interconexão entre veganismo e os movimentos de direitos humanos	https://www.youtube.com/watch?v=GikuYRrxko4
	6) TRANSFORMAR-SE PARA TRANSFORMAR O MUNDO! Boicote e veganismo interseccional	https://www.youtube.com/watch?v=9IZ4RzgJcio
	7) Curso sobre VEGANISMO POPULAR na UERJ: Os povos originários não são ESPECISTAS - AULA 1 (1)	https://www.youtube.com/watch?v=zo2wHYexH5Y&t=656s
	8) INTERSECCIONALIDADE DAS LUTAS: veganismo enquanto aliança	https://www.youtube.com/watch?v=7BAEBZUpq7k
	9) O DESMATAMENTO É CULPA de quem COME CARNE? Veganismo liberal e a culpabilização do outro	https://www.youtube.com/watch?v=Z74eSa8DWpo
	10) VEGANISMO, MERCANTILIZAÇÃO DA NATUREZA E ANTROPOCENTRISMO	https://www.youtube.com/watch?v=rVPnrhlyg4
	11) UM ANO DE VEGANISMO: a grande lição e os motivos que me fizeram me tornar um ativista	https://www.youtube.com/watch?v=FyY_ejLK_K4

Fonte: autor (2023)

Após a seleção dos vídeos, esses foram transcritos em um documento de texto (no Word) uma espécie de “caderno de campo”, dando forma à *superfície linguística*. Orlandi (2012, p.

63) fala que *texto*¹⁹ é “a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte”. Após a construção dessa *superfície linguística* (que configura o dado bruto) foi feita uma “pré-análise” inicial das sequências discursivas²⁰ (LIMA, 2017) analisadas, onde entra em jogo a exterioridade, “como”, “quem”, “em quais circunstâncias” se dão determinado discurso.²¹ Essa etapa da constituição da *materialidade discursiva* compreende uma análise de natureza linguística enunciativa que “prepara”, “antecede” a primeira análise teórica.

A partir da leitura material e histórica em conjunto com a Análise do Discurso, é possível capturar a essência do discurso dos ativistas, ou seja, compreender os efeitos de sentidos desses discursos que estão além do que foi dito. Dessa forma, transpor a aparência imediata do mesmo, entendendo como a ideologia interpela os sujeitos dos discursos e influencia esses sentidos. O sentido do discurso não está (apenas) na “superfície linguística”, isto é, no intradiscurso, na “palavra/fala”, mas é reflexo da ideologia. Por esses caminhos é possível perceber que o sentido não está apenas na palavra, mas na sua relação com a FD que o sujeito do discurso se insere, como por exemplo quando Vegetal Vermelho e Vegano Vitor afirmam que o Veganismo que defendem luta por “outro mundo”, “outra forma”, “outra realidade”. Na essência dos seus discursos, é entendido que estão se referindo à outra forma de organizar a produção que não seja baseada na exploração (animais humanos e não-humanos, natureza, etc.). Para isso, é crucial conflitar o dito com o não-dito, ouvir o que o sujeito diz, assim como o que ele não diz, mas que “constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2005, p. 59). Sob essa perspectiva, o discurso é entendido a partir da compreensão da materialidade discursiva, ou seja, do fenômeno (do que é dito, do que é aparente) para se buscar a essência (o dito em confronto com o não-dito, a influência da ideologia), formando assim, a totalidade que permite compreender o lugar do sujeito do discurso, o sentido desse discurso e o seu efeito. Neste caso, o sentido está na posição do sujeito e não nas palavras (MAGALHÃES, 2013).

Desse modo, para atender e responder aos objetivos desta pesquisa, a escolha do Materialismo Histórico Dialético em consonância com a Análise do Discurso, possibilitou desvelar a aparência do objeto estudado e apresentar sua a essência²² (NETTO, 2011). A AD

¹⁹ Esse texto compõe o discurso que produz sentido em referência a Formação Discursiva vegana popular. Assim, todo discurso faz parte de um processo discursivo mais amplo.

²⁰ Esses recortes discursivos irão aparecer ao longo da pesquisa com a referência do sujeito do discurso.

²¹ Por exemplo: essa sequência discursiva analisada foi dita por Vegano Vitor, ativista digital alinhado à corrente do Veganismo Popular. Foi produzido no seu canal na plataforma do *Youtube*, a ideia central desse vídeo é falar sobre o contrário do veganismo.

²² E esse real não é “descoberto”, a gente se depara com ele, vai ao encontro dele (PÊCHEUX, 2008, p. 29).

trabalha a “forma material”, que se configura como a forma histórica”²³, na relação da língua com um sujeito histórico (ORLANDI, 2005). Ao analisar o discurso dos ativistas, é possível inferir que o que foi dito relaciona-se com outros discursos, com o contexto em que o ativista está inserido, com as condições de produção, e assim, com a FD da corrente do Veganismo Popular. Quando Vegano Vitor ratifica que “*a minha posição política é de esquerda*”; “*eu sou uma pessoa da esquerda revolucionária*”, os efeitos de sentidos produzidos a partir do seu discurso assumem “características” que existem em relação com a sua Formação Discursiva vegana popular, diferentemente de uma pessoa alinhada ao Veganismo Liberal que concorda com uma perspectiva liberal contrária às diversas pautas defendidas pelo Veganismo Popular como reforma agrária, *soberania alimentar*, etc.

Sintetizando, para compreensão dos sentidos do discurso é preciso: 1º) Fazer referência desse discurso (sentido) às condições de produção: quem está falando, como e em quais circunstâncias. 2º) Estabelecer as relações do discurso com sua memória (outros discursos): um discurso não surge do nada. Para existir, outros precisaram já terem dito. E 3º) Remetê-lo a uma FD específica, na medida que o exclui de outra, pois, é na FD que os sentidos se constituem; isto é, para a FD do Veganismo Popular como²⁴ isso significa? A interdiscursividade é a relação que um discurso tem com sua exterioridade, com o “já-dito”. Ou seja, o intradiscorso (dito agora) e o interdiscorso (o “já-dito”) não se separam, estrutura e acontecimento estão relacionados. Portanto, o discurso que já foi dito possibilitará todo o dizer. Já o intradiscorso diz respeito ao funcionamento do discurso em si, o “fio do discurso” do sujeito (PÊCHEUX, 1995, p. 166). Dessa forma, podemos analisar que para a FD do Veganismo Popular, a definição “tradicional” do veganismo apresentada pela *The Vegan Society* não é estática e deve se ajustar às novas demandas da sociedade. Sendo assim, Vegetal Vermelho pontua que outras/novas definições do veganismo vão surgir e essas devem se adequar às demandas do tempo presente.

Em uma segunda etapa, foi realizado o primeiro tratamento. A sequência discursiva (empírica) foi “convertida” em objeto teórico-discursivo, passando a ser “dessuperficializado” por meio do tratamento crítico. Para isso, foram construídos “quadros de análises” que permitiram uma melhor apreciação do material, onde ao lado esquerdo (o *dito*) foi descrito na íntegra o que os ativistas disseram (*superfície linguística*) e ao lado direito (o *não-dito*). Dessa maneira, foi se constituindo o *objeto discursivo*, relacionado o que foi dito com o que não foi

²³ Para a AD “(...) o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo (ORLANDI, 2005, p. 69).

²⁴ A AD se vale do uso da metáfora como categoria/instrumento de análise (ORLANDI, 2005, p. 42).

dito e o que poderia ter sido dito (ORLANDI, 2005).²⁵ São trabalhadas as paráfrases e a sinonímia, assim como são identificadas as Formações Discursivas do sujeito do discurso, ou seja, o “lugar da constituição dos sentidos (sua ‘matriz’, por assim dizer) (...)” (PÊCHEUX, 1995, p. 162).

Quadro 2 – Exemplo de quadro de análise (parte 1)

<p style="text-align: center;">Ativista: Vegano Vitor Vídeo: 3) QUAL É O CONTRÁRIO DE VEGANISMO Link: https://www.youtube.com/watch?v=Bx_gHDv4hQM</p>		
ETAPAS	DITO	NÃO-DITO
da SUPERFÍCIE LINGUÍSTICA ao OBJETO DISCURSSIVO	<p><i>“Especista é quem acredita que outras espécies de animais podem ser usadas como bens de consumo, ou seja, para entretenimento, pra testes, vestuário, alimentação. Especista é todo mundo que compactua e financia tudo isso. Então se você não é vegan, você é especista!”</i></p>	<p>Algo que Vegano Vitor não diz, é que a sociedade que a gente vive é especista, consequentemente, o pensamento, a ideologia, a prática “comum” dessa sociedade é ser especista. Então, ser especista não parte, ao menos não só, de uma escolha pessoal.</p>

Fonte: autor (2023)

A partir da forma aparente do objeto (superfície linguística) foram feitas abstrações e extraídos elementos de uma contextualidade determinada, de uma totalidade (NETTO, 2011). Depois desse movimento, algumas determinações já passam a ser apreendidas, assim, foi se configurando o objeto discursivo. Logo, a afirmação de Vegano Vitor está correta, porém é necessário transpor o intradiscurso e relacionar essa sequência discursiva apresentada com outros discursos, com um “não discurso” para entender os efeitos de sentidos do discurso dele. Limitar a análise apenas às “palavras” ignorando o discurso, nesse exemplo, poderia entrar na celeuma de culpabilizar o indivíduo e ignorar a dimensão da estrutura. Sendo Vegano Vitor inscrito na FD do Veganismo Popular, a ideia de culpabilização do indivíduo é descartada, pois essa corrente do veganismo considera o contexto histórico-social dos indivíduos.

Como movimento “final” da análise, esse objeto discursivo passa a ser *processo discursivo*, onde se percebe a influência da ideologia no discurso e desse modo, os processos discursivos são constituídos (ORLANDI, 2005). Importante ressaltar que essas etapas são separadas didaticamente para facilitar a exposição e compreensão, porém, ao analisar o discurso, o analista “transita” entre esses momentos. A constituição do objeto discursivo

²⁵ Nesse momento: i) desfaz a ilusão do que o que foi dito só poderia ter sido dito assim e ii) desnaturaliza a relação palavra-coisa. (ORLANDI, p. 76).

acontece paralelamente a formulação do processo discursivo pelo analista, portanto, essas duas etapas coexistem dialeticamente.

Quadro 4 – Exemplo de quadro de análise (parte 2)

	Ativista: Vegano Vitor Vídeo: 4) Veganismo é um estilo de vida ou uma pauta política?* Link: https://www.youtube.com/watch?v=-1U0vscqA7g&t=0s	
ETAPAS	DITO	NÃO-DITO
da SUPERFÍCIE LINGUÍSTICA ao OBJETO DISCURSIVO	<i>“Especista é quem acredita que outras espécies de animais podem ser usadas como bens de consumo, ou seja, para entretenimento, pra testes, vestuário, alimentação. Especista é todo mundo que compactua e financia tudo isso. Então se você não é vegan, você é especista!”</i>	Vegano Vitor não diz aí é que a sociedade que a gente vive é especista, consequentemente, o pensamento, a ideologia, a prática “comum” dessa sociedade é ser especista.
constituição do PROCESSO DISCURSIVO	FD x FI O processo ideológico influencia os discursos, bem como pensamentos e ações, portanto, ser especista é uma condição “normal” da sociedade que vivemos, se nasce especista, pois a sociedade é baseada no especismo. O Veganismo Popular não culpabiliza um indivíduo por tais condutas, a crítica desse veganismo é uma crítica radical às estruturas de produção (material e ideológica) que normaliza a prática especista.	

Fonte: autor (2023)

Ao relacionar a FD com a FI que rege essas relações, são constituídos os processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentidos dos discursos dos ativistas veganos. São observados os efeitos metafóricos objetivando a articulação estrutura e acontecimento. A estrutura (o interdiscurso) determina o acontecimento (intradiscurso), ou seja, “o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva” (ORLANDI, 2015, p. 81). E dessa forma é apreendida a historicidade²⁶ (Idem). Pode-se observar isso no quadro acima (espaço FD x FI).

Depois da apropriação da percepção dos ativistas veganos em diálogo com o marco teórico construído, pôde-se perceber como esses ativistas veganos vão mobilizar sentidos acerca da relação exploração animal e capitalismo, entendendo que a exploração é parte desse sistema. Portanto, é fundamental que o movimento vegano seja um movimento político que (1) promova o boicote às estruturas de exploração (como o agronegócio e a industrial animal); (2) se apresente enquanto popular (radical, construído com o povo, acessível, etc.); que (3) dialogue com outros movimentos que almejam um “outro mundo” que não se baseie na exploração/opressão (humana, não-humana e natureza) e que (4) efetivamente e de maneira irrestrita, fundamente sua crítica ao modo de produção capitalista. Os sentidos identificados, a

²⁶ O trabalho dos sentidos no discurso. (ORLANDI, 2005, p. 68).

partir desses discursos produzidos em vídeos, se constituem na Formação Discursiva *vegana popular*. Esses elementos serão trazidos ao longo desta pesquisa.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos. No Capítulo 1 – *Veganismo e suas múltiplas determinações* foi abordado inicialmente o “popular” na sua dimensão teórica para embasar o entendimento do Veganismo Popular. Em seguida, foram discutidas as “formas” teórico-metodológicas de interpretar o veganismo, agrupadas em duas: uma partindo de concepções idealistas/morais que teorizam o veganismo no campo das ideias, dentro de uma moralidade subjetiva e/ou de uma escolha pessoal. A outra se ancora na materialidade, na historicidade, analisando o movimento vegano e a exploração animal partindo do concreto, entendendo que esses elementos fazem parte da totalidade do modo de produção da sociedade atual. A chave teórica dessa perspectiva é entender os animais não-humanos como mercadorias.

No Capítulo 2 – *Veganismo Popular e digital: a Internet como ferramenta (e estratégia) de divulgação, popularização e contra-argumentação* foi realizada uma discussão acerca da importância da Internet, das redes sociais e plataformas digitais como espaço e ferramenta de divulgação do(para) o veganismo e, especialmente, para o Veganismo Popular. Ainda neste capítulo, ressaltamos a relevância da Internet como *lugar* de contraposição de uma hegemonia no discurso sobre o que é o veganismo.

Por fim, o Capítulo 3 – *Exploração Animal e o Capitalismo no discurso do Veganismo Popular: como pensam os ativistas digitais*. Neste capítulo, o discurso dos ativistas digitais veganos estudados foi analisado e discutido minuciosamente. O capítulo foi dividido em quatro subcapítulos decorrentes do agrupamento dos sentidos que Vegano Vitor e Vegetal Vermelho mobilizaram. São eles: *O que é o veganismo? Como eles entendem o(s) veganismo(s) e o Veganismo Popular; Libertação animal e libertação humana: Veganismo Popular e a importância da articulação com outros movimentos; Veganismo Popular x Veganismo Liberal; e Veganismo Popular (e) Revolucionário: da libertação animal à superação do capital*. Foram evidenciados os efeitos de sentidos produzidos nesses discursos sobre a compreensão deles acerca de relação capitalismo e exploração animal, ou seja, como esses discursos vão produzir efeitos de sentidos considerando que a exploração animal é sustentada e reproduzida pelo capitalismo, sendo assim, fundamental a construção de outro modo de produção e organização social no qual os animais não sejam mercadorias.

Capítulo 1 – Veganismo e suas múltiplas determinações

O veganismo, como outros movimentos, é complexo e está em constante disputa. Existe um entendimento mais difundido e reproduzido que parte prioritariamente de concepções idealistas, abstratas e morais sobre “o que é o veganismo” e tem alguns nomes de referência nessa discussão, como: Peter Singer, Gary Francione, Tom Regan, Richard Ryder, Carol J. Adams, entre outros. Essas perspectivas compõem “escolas” inseridas em um “antiespecismo metafísico” ou “antiespecismo moral” (MANNI; MAURIZI, 2022). Chamo essa perspectiva teórica de “tradicional” por ser a mais disseminada e conhecida de forma geral, nessa também se encontra a maior produção acadêmica, teórica, e de conteúdos na Internet. Essa perspectiva embasa o maior número de organizações, entidades e ativistas pela libertação animal – como o caso da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB)²⁷ e, internacionalmente, a *The Vegan Society*, PETA, entre outras. O veganismo dessa perspectiva é geralmente representado por “personalidades como artistas, esportistas, atores e atrizes. Em sua grande maioria, pessoas ricas, brancas e cisgêneras” (SOUZA, 2022, p. 76).

Há uma tendência no movimento vegano de eleger algumas “vozes” como mais legítimas, ignorando assim, outras leituras. Enquanto a posição de ONGs internacionais é vista como “oficial”, outras que vão se contrapor a essas são classificadas como “opinião pessoal” (GUIMARÃES, 2020). Esse ponto de vista se ancora na concepção da *The Vegan Society* que aponta o veganismo como um “estilo”, “filosofia” ou “modo” de vida, assemelhando-se a uma religião ou forma de se vestir. Essa concepção nos leva a pensar que o veganismo se resume a escolha pessoal/individual, limitando-o apenas à abdicção de formas de consumo, associado a uma dieta ou escolha alimentar, mobilizando sentidos de que só é possível ser vegano(a) se for rico(a), ao passo de que produtos industrializados e caros representam o veganismo. O discurso, ou seja, a Formação Discursiva (FD)²⁸ dessa interpretação está diretamente alinhada com uma ideologia liberal, compartilhando das lógicas de mercado e do capitalismo neoliberal, pois esse antiespecismo metafísico não consegue fazer uma crítica à(s) real(is) estrutura(s) de exploração (MAURIZI, 2020; SOUZA, 2022).

²⁷ A SVB se insere na corrente do Veganismo Liberal (ou pragmático), esse “é mais suscetível a ganhar apoio político, uma vez que não vai totalmente contra as grande[s] empresas.” Ver em: <https://javeganize.com.br/2019/09/25/entenda-as-diferencas-entre-veganismo-pragmatico-e-abolicionista/>.

²⁸ (1) onde os sentidos vão ser constituídos; (2) onde a ideologia do sujeito o interpela em sujeito do discurso; (3) onde se materializa a ideologia; (4) unidades de análise que onde são identificados os sentidos. Essa definição será discutida ao longo do trabalho.

Um dos principais desafios de quem se dispõe a estudar o veganismo é entender/trabalhar com as diferentes perspectivas, correntes e concepções. “Em parte, essa dificuldade encontra-se situada no entendimento do veganismo como uma filosofia de vida, ou mesmo uma dieta alimentar, em formação na contemporaneidade –, portanto, ancorado em significados e identidades que são constantemente tensionados pelos próprios adeptos ou pela sociedade geral” (SANTOS, 2022, p. 24). O (a corrente do) veganismo que se insere sob essa concepção tradicional é o Veganismo Liberal, que por se limitar às medidas paliativas, acaba em certa medida, contribuindo “com a ideologia dominante e com as relações de poder estabelecidas (...)” (SOUZA, 2022, p. 76). Ou seja, as empresas que “detém apoio econômico de governos hegemônicos e lançam produtos para uma classe média com poder de compra”. Assim, essa perspectiva ao pensar em resultados imediatos ignora o político, isto é, o “sentido ético e moral da causa” (Idem).

Nesse sentido, Antônio Souza (2022) apresenta o exemplo de uma campanha publicitária realizada pela SVB em 2020: “Se você ama um por que come o outro?”. Em um cartaz havia um ator (“branco e cisgênero”) ao lado de um cachorro e um porco “de raça sofisticadas e caras (...) dificilmente encontrados nas comunidades periféricas” que representam o consumo simbólico de classes com maior poder aquisitivo. As peças publicitárias foram colocadas na linha 4 (amarela) do metrô de São Paulo, a “mais moderna da América Latina e operada pela iniciativa privada” (Idem). Portanto, essa campanha da SVB tinha o objetivo de atingir um público que geralmente é o que consegue consumir os produtos com “selo vegano”. A perspectiva liberal do movimento chega ao Brasil (pela SVB) a partir de algumas ONGs internacionais, como a *Mercy For Animals*, *Animal Equality* e *People for the Ethical Treatment of Animals* (PETA), essas e outras

são acusadas de receber contribuições financeiras de empresas que não são veganas, fato que não pode ser comprovado e que evidencia conflitos de interesses, pois empresas que deveriam lutar a favor dos direitos dos animais recebem aportes financeiros de empresas que exploram a proteína animal (SOUZA, 2022, p. 76-77).

Vanessa Negrini (2019) analisa o discurso da SVB, da Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA) e o Portal Vista-se (do fundador Fábio Chaves, que Vegano Vitor vai fazer algumas críticas e veremos em outro momento). A autora elenca algumas sequências discursivas em que esses interlocutores, inseridos na FD dessas organizações, reforçam o sentido de não concordância com a dimensão da interseccionalidade do movimento, ratificando o caráter individualista.

Vejam essas sequências destacadas: a) “O veganismo tem que pensar o que é e ao que veio pra não se perder em outras batalhas”; b) “Se a gente pede mais do veganismo do que os vegans podem oferecer, enfraquecemos o movimento”; c) “O centro do veganismo é acabar com o especismo, qualquer coisa além pertence a outro movimento”; “d) “Veganismo é sobre os animais, não sobre pessoas. Parem de enfiar causas humanas no veganismo” e g) “Os animais são vítimas, os humanos são seus algozes. Como você tenta enfiar as causas de um algoz na causa das vítimas?” (NEGRINI, 2019, p. 82). Esse discurso nos leva a fazer a associação de uma lógica individualista e atomizadora que é própria da ideologia liberal²⁹, o onde o sujeito é tragado da cena política e emerge como um “apêndice da produção” se colocando na esfera do consumo. Logo, uma agência (individual) que “não visa a luta contra o capital” não é agência, mas “aceitação passiva” de como o mundo é (MANNI; MAURIZI, 2022). Vale ressaltar que nesta pesquisa analisamos o discurso dos ativistas do Veganismo Popular para identificar a compreensão desses, dentre outras coisas, do Veganismo Liberal. Não me detive ao discurso dos inseridos na corrente liberal, todavia, essa dimensão de um estudo “comparativo” poderá ser ampliada futuramente em uma pesquisa de doutorado.

Na perspectiva discutida até aqui, é dito que o veganismo procura excluir a exploração animal na medida do “possível” e de forma “praticável”, restringindo (e esvaziando) o movimento ao âmbito do consumo ou não consumo. Uma observação precisa ser feita: deve-se ter cuidado ao pensar essa lógica do possível e do praticável, pois, até onde vai o limite desse possível e desse praticável? O que seria possível e praticável? Essas palavras podem ter uma polissemia a depender da FD. Para a FD do Veganismo Liberal, “possível” e “praticável” seria consumir um produto que não contém insumos de origem animal independente se a empresa que o produziu é uma multinacional associada à exploração animal, trabalho escravo e desastres ambientais. Já para a FD do Veganismo Popular considerar a realidade de cada indivíduo e como a estrutura irá inferir no consumo desse indivíduo e na sua soberania alimentar, por exemplo, é pensar o veganismo dentro do possível e praticável.

Contrapondo-se a essa interpretação, também será discutido neste capítulo o enfoque teórico-metodológico que tem como base a materialidade e as relações produtivas. Sob este prisma, o veganismo e a exploração animal passarão a ser analisados e compreendidos na sua historicidade, considerando suas determinações concretas, isto é, esses elementos foram

²⁹ Sob um aspecto social, o neoliberalismo vai difundir um ideal com bases na “individualização das relações sociais às expensas das solidariedades coletivas (...)”. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 15).

estudados como parte de um todo (e em relação com esse todo), portanto, na sua totalidade. O pilar elementar dessa interpretação, da mesma forma que na sociedade capitalista, é a mercadoria. Em outros termos, entender que nesse modo de produção, os animais não-humanos assumem a forma de mercadoria(s). O discurso, a FD dessa interpretação está diretamente alinhada com uma ideologia radical, anticapitalista³⁰, antiopressões e *popular*. É onde se insere o Veganismo Popular. Pensando nisso, para elucidar e ambientar essa discussão, é preciso inicialmente trabalhar a concepção do que seria o “popular” enquanto percepção teórica. Para tal, tomaremos a compreensão a partir da luta feminista e faremos uma aproximação do feminismo com o veganismo. Será feito o debate sobre esse *popular*, tendo como principal base o “feminismo popular” (e o Feminismo Camponês Popular - FCP). Problematizaremos assim, como – a partir dessa compreensão – podemos extrapolar os entendimentos para o Veganismo Popular.

1.1 – O *popular* enquanto interpretação teórica e política na aproximação da luta feminista com o veganismo

Nesta pesquisa foram analisados os discursos dos ativistas veganos que compõem a corrente do Veganismo Popular, ou seja, os seus discursos estão inseridos nessa Formação Discursiva (que chamo de FD *vegana popular*). Portanto, essa corrente será a mais trabalhada e aprofundada ao longo do trabalho. Todavia, se faz necessário situar o que está sendo entendido como *popular*. Isto é, como essa dimensão e como o discurso desse *popular* no veganismo produz efeitos de sentidos de um movimento construído pela (e para) classe trabalhadora e classes populares que contrapõe não só o discurso, mas a forma de ser do Veganismo Liberal, que detém uma hegemonia discursiva sobre o que deve ser o veganismo. Além de conduzir a práxis vegana desses ativistas. Outrossim, se assumir *popular* é considerar a superação do modo de produção capitalista por entender que esse mantém o especismo e a exploração animal.

A principal base para discutir sobre o *popular* será o “feminismo popular”. A história indica que o movimento feminista foi e continua sendo o movimento que mais é sensível à questão animal. Isto é, o feminismo sempre esteve na vanguarda das discussões do veganismo

³⁰ Suzana Petropouleas (2022, p. 125), estudando canais “anticapitalistas” no *Youtube*, apresenta algumas características que fazem parte dessa ideologia: “oposição radical ao capitalismo; o diagnóstico crítico deste, atrelado a inevitável necessidade de ruptura e revolução do sistema econômico; a necessidade de mobilização coletiva de trabalhadores com este fim e a centralidade da análise com recorte de classe e o foco no trabalhador; o trabalho em conjunto com outros sujeitos dessa comunidade; e a importância de exercício da imaginação política como forma de redefinir o que é normalizado pelo capitalismo e propagar outros mundos possíveis”.

e na intersecção das pautas (BITTENCOURT, 2023). Optou-se por fazer essa aproximação teórico-conceitual por haver uma carência do debate (estudos) sobre essa corrente do veganismo na Academia, pois há uma ausência da discussão acerca do veganismo enquanto um movimento político nesta perspectiva. Dito isso, tratarei a respeito do Veganismo Popular não apenas enquanto pesquisador/observador, mas como vegano pertencente à classe trabalhadora, negro e que acredita que o veganismo, especificamente o popular, é um movimento potencial e importante no processo de construção de outra organização política-econômica-social, sobretudo antiespecista. “A prática do veganismo irá sempre mudar de acordo com a vivência e experiência cultural de uma pessoa” (BRUECK, 2017 apud DAVIDSON, 2020, p. 24).

Alinne Bonetti (2007) trabalha o conceito de *popular* ao estudar sobre o ativismo “feminino popular”. O adjetivo “popular” implica um recorte analítico que se ampara no conceito de “grupos populares” e se inspira no cotidiano, na experiência e nos valores de grupos de baixa renda. A autora traz esse recorte analítico com base em uma sociedade de classes marcada por desigualdades (sociais, políticas, econômicas, etc.), procurando compreender “(...) a coerência interna de lógicas culturais distintas que convivem numa mesma sociedade” (BONETTI, 2007, p. 13). Partindo da perspectiva marxista do entendimento da sociedade de classes, o *popular* remete à construção do movimento – ou parte dele – que considera a dinâmica e as contradições da sociedade capitalista, onde existe um antagonismo material e ideológico entre a classe que lucra e assim objetiva manter e reproduzir a exploração animal (não-humana e humana). E do outro lado, a classe que entende as contradições da sociedade e a necessidade de um movimento que se coloque ao lado de quem é explorado(a). Ou seja, parte-se também da compreensão de que há uma corrente do movimento vegano em que a sua militância se assume (e é legitimada pelos seus pares) como parte/pertencente da classe trabalhadora ao compreender que o veganismo precisa ser percebido como *popular*, acessível e plural, considerando não só a luta contra a exploração animal, mas as diversas lutas anti-opressão. Só a partir da organização coletiva da classe trabalhadora e popular que será possível a consolidação do fim da exploração animal.

Para Souza (2022), o Veganismo Interseccional³¹ é um movimento de resistência e reivindicação política e socioeconômica que combate a desvalorização de grupos

³¹ Esse também pode ser chamado de Veganismo Popular “(...) por alguns grupos veganos, como a União Vegana de Ativismo - UVA. Essa vertente engloba diferentes ações coletivas e movimentos articulados por interseções como LGBTQI+, direitos humanos, feminismo, anarquismo, racismo, direito dos animais, dentre outros. Essas ações problematizam o veganismo, almejando maior participação social e inclusão.” (SANTOS, 2022, p. 39).

marginalizados, critica “as lógicas de mercado, a publicidade, a produção de produtos caros e industrializados” (Idem, p. 42), denuncia a exploração animal (humana e não-humana) e se preocupa com as condições de trabalho precárias em frigoríficos.

A inspiração de Bonetti (2007) para trabalhar a perspectiva do “ativismo feminismo popular” se deu no contato com a experiência do ativismo político de mulheres das camadas de baixa renda. Essas mulheres “buscavam um lugar de destaque no campo feminista local” e quando passaram a frequentar esse campo, “se apropriaram dos sentidos nele produzidos, interagiram com eles e produziram novos sentidos, introduzindo ali a sua voz, desafiando as suas formulações e disputando os seus espaços” (BONETTI, 2007, p. 15). Tomo como inspiração para tratar sobre o *popular*, o contato com os ativistas e seu ativismo digital (através principalmente do *Youtube*) acerca do Veganismo Popular. Ao analisar o discurso dos ativistas percebeu-se um movimento parecido: ao se identificarem enquanto veganos populares, se apropriam dos sentidos (do já-dito) do campo do veganismo, principalmente da perspectiva liberal do movimento, e a partir desses sentidos passam a produzir novos, introduzindo suas formas de entender o movimento, contrapondo discursos e disputando espaços muitas vezes, já demarcados.

Um exemplo é quando Vegano Vitor discorda do discurso de um vegano liberal e alega que esse veganismo é individualista: “*o problema para o Veganismo Liberal é apenas o produto em si, o foco é quem tá consumindo esse produto. Ele não tem um olhar tão crítico em relação a outras formas de exploração que a empresa que lucra com a venda desse produto comete*” (Vegano Vitor). Segundo Dario Manni e Marco Maurizi (2022), para os liberais a (sua) própria liberdade é mais importante que a dos outros. E mais, a liberdade alheia torna-se um empecilho para a sua, pois o liberalismo nunca foi uma filosofia política de “todos” (leia-se todas as classes e grupos sociais).

Bonetti (2007, p. 15) ainda pontua que “desta experiência é possível identificar um projeto político específico, bem como o esboço de um sujeito político, que (...) se posiciona em relação a uma determinada concepção de feminismo”. A corrente do Veganismo Popular vem se (re)afirmar enquanto um projeto político específico, sob uma leitura da realidade, se posicionando contra uma concepção hegemônica de veganismo, o Veganismo Liberal. Ao se declarem “veganos populares”, esses ativistas produzem seus discursos inseridos em uma dada Formação Discursiva, passando assim, a produzir efeitos de sentidos contrários ao da FD do Veganismo Liberal. No discurso liberal é comum dizer que o veganismo parte de uma escolha

pessoal do indivíduo, porém, no popular, o veganismo é entendido como um posicionamento político que considera não só o indivíduo, mas a totalidade. Carmen da Silva (2016) chama atenção como o debate de um feminismo hegemônico que desconsidera a questão de raça e classe ignorou a existência do(s) feminismo(s) contra hegemônicos que foram se consolidando na experiência brasileira do movimento feminista ao longo da história. Percebe-se também que ao olhar atualmente para o movimento vegano, a construção e afirmação da hegemonia do discurso de um Veganismo Liberal vem ocultando efervescentes debates e discussões acerca de um Veganismo Popular que inclui a dinâmica de classes, raças, gêneros etc. (DAVIDSON, 2020).

Silva (2007) problematiza a concepção predominante nos estudos desenvolvidos no Brasil sobre o feminismo, concepção essa que classifica o movimento feminista como sendo de classe média, composto por mulheres brancas e acadêmicas. Do mesmo modo, trouxe outro olhar para um entendimento (do senso) comum acerca do feminismo, ao percebê-lo como um movimento elitista. Vegano Vitor acredita que com o crescimento do Veganismo Popular, o movimento vegano cria outro aspecto, se afastando da compreensão de um movimento “elitista” e “protagonizando por homens brancos”. Todavia, um veganismo “centralizado no consumismo vegano sustenta um sistema capitalista que oprime todos (exceto homens brancos ricos cis-heterossexuais do Norte-global), assim como sustenta a própria lógica especista que supostamente busca combater” (DAVIDSON, 2020, p. 80).

Conforme Vegano Vitor, pessoas pretas e periféricas vêm ganhando mais destaque nas redes sociais ao divulgarem e promoverem um veganismo “inclusivo, que faz recorte de gênero, raça e classe”, e esse veganismo luta por um mundo em que não só os animais não-humanos, mas os humanos também sejam respeitados. É importante salientar que mesmo que os ativistas escolhidos não sejam pessoas negras e/ou periféricas, se identificam (e são identificados pelas pessoas que os acompanham) como veganos populares por fazerem parte da classe trabalhadora. Eles reforçam isso nos seus discursos.

Quézia Lima (2017), afirma que com o advento da Internet e a popularização do ativismo digital do feminismo, os sentidos machistas sobre o feminismo – que predominavam o senso comum – passam a ser confrontados. Observa-se que com a popularização do Veganismo Popular por meio de Internet, a hegemonia do imaginário social sobre o que é o veganismo passa a ser confrontado com um novo discurso. Segundo Magnus Goulart (2015), a popularização da Internet, mais especificamente a partir dos anos 90, possibilitou – por meio

de um novo ambiente – a ressignificação dos discursos pelos sujeitos. Do mesmo modo, essa ressignificação advinda da velocidade e extensão global da comunicação pela Internet passou a ser quase instantânea entre os sujeitos. Em vista disso, o autor aponta que ao analisar os efeitos de sentidos que são (re)produzidos nos ambientes digitais, a Internet se configura como um “terreno profícuo em materialidades discursivas de análise” (GOULART, 2015, p. 74-75).

A questão de classe para as militantes do feminismo popular está condicionada ao projeto político assumido pela articulação a qual faz parte. Assim, o caráter da classe trabalhadora é garantido por essa organização em dois aspectos. O primeiro é a identificação dessa organização como um feminismo anticapitalista, já o segundo aspecto consiste em fundar suas lutas em mudanças estruturais (SILVA, 2017). No Veganismo Popular também podemos observar isso, o sentido da dimensão de classe (trabalhadora) assumida por seus(suas) “representantes” (especificamente pelos ativistas estudados) é produzido e ratificado na FD desses. Por exemplo, quando Vegano Vitor está falando como o Veganismo Popular se opõe ao liberal, ela considera que o popular: “faz recortes de raça, classe e gênero nas suas críticas [...]” e também “enxerga o capitalismo como um modelo a ser superado e por isso tem muito mais proeminência na esquerda”. Quando enfatiza no seu discurso que o movimento considera esse recorte de classe, consequentemente se assume o pertencimento à classe trabalhadora. Outro ponto em concordância com Silva (2017), é quando Vegano Vitor afirma que o Veganismo Popular considera a necessidade da mudança da estrutura, ou seja, a superação do capitalismo.

Assim, dada a posição de classes que os ativistas se reconhecem (trabalhadora), constroem uma “identidade política” assumindo esse caráter de *popular*, de modo que, os seus discursos reforçam essa “identidade” ao serem interpelados pelas Formações Ideológicas dessa interpretação. Isto é, a perspectiva do *popular* trazida por pessoas que compõem as classes trabalhadores e populares demanda outras dinâmicas, políticas e teóricas, e desafios para o veganismo (SILVA, 2007). A crítica do Veganismo Liberal à exploração animal “fica na superfície” por não ser uma crítica radical, portanto, ao pensarmos o *popular* enquanto leitura teórica e política, necessita-se elevar a discussão. “O veganismo liberal, apesar de compreender que os animais são oprimidos em nossa sociedade, não vai muito além de descrever seu funcionamento superficial. Ou seja, não consegue explicar por que os animais são e continuam sendo explorados” (UVA, 2021).³²

³² Trecho retirado do site oficial da UVA: uniaovegana.org.

Vale salientar que o feminismo popular é entendido como um “pensamento crítico radical sobre a situação das mulheres” e um “movimento social que atua para alterar esta situação” (SILVA, 2007, p. 305). Da mesma forma, o Veganismo Popular faz uma crítica radical às condições de existência do animal não-humano (e humano) enquanto mercadoria e se propõe um movimento anticapitalista que, além de questionar esse sistema, aponta outros caminhos como a construção de outros modos de produção. Para a União Vegana de Ativismo – UVA (2021), discutir o consumo é mais importante do que falar sobre produção para entender como, a partir da transformação do modo de produção, pode-se construir as condições para a libertação animal, pensando inclusive, na soberania alimentar baseada em alimentos vegetais que não degradem o ambiente e nem sejam prejudiciais à saúde.

Lia Barbosa (2019) e Vanessa Lazzaretti (2021) vão trabalhar com a categoria do “Feminismo Camponês e Popular (FCP)”. Esse feminismo não almeja uma articulação com um feminismo liberal, pelo contrário, se pretende uma articulação com movimentos populares que “sejam atentos às disputas de classe e dispostos a construir alternativas de sociedade que se distinguem do modelo capitalista” (LAZZARETTI, 2021, p. 30-31). O Veganismo Popular não descarta nem desconsidera os avanços conquistados pelos movimentos de “libertação animal”, pelo “direito dos animais”, entre outros nesse espectro. Entretanto, essa corrente do veganismo se propõe a elevar a discussão e pensar em alternativas à sociedade que reproduz o especismo. Da mesma forma que as mulheres camponesas populares “reconhecem a contribuição histórica da teoria feminista, mas se posicionam de forma muito demarcada contra o sistema capitalista, reivindicando a transformação estrutural do sistema mundial capitalista e a construção de uma sociedade socialista” (AMARAL, 2019 apud LAZZARETTI, 2021, p. 32), o Veganismo Popular propõe um veganismo “político preocupado com as lutas de classe, influenciado por ideais marxista” (SOUZA, 2022, p. 74).

O caráter *popular* do FCP se dá no autorreconhecimento dessas mulheres como trabalhadoras, enquanto classe trabalhadora do campo, e surge por se tratar de uma construção coletiva das diversas organizações do campo popular e não de uma corrente de pensamento ou de uma teoria feminista (BARBOSA, 2019).³³ O FCP é construído “na/da própria realidade das mulheres do campo, além de ser um instrumento político na busca pela emancipação das camponesas” (LAZZARETTI, 2021, p. 17). O caráter *popular* do Veganismo Popular se

³³ Já o caráter *camponês* se dá no autorreconhecimento dessas mulheres como trabalhadoras, enquanto classe trabalhadora do campo.

materializa nesse pertencimento da classe trabalhadora e também em oposição à concepção “única” do que é o veganismo. Além de ser um movimento que se forma (e é formado) a partir da realidade material dos indivíduos, o Veganismo Popular é também um instrumento de luta que almeja a emancipação, no caso a libertação dos animais. “A defesa de um veganismo popular, político e interseccional” surge “a partir do entendimento crítico de como a nossa sociedade capitalista funciona” (UVA, 2021). Isto é, por compreender “como essas lutas já estão conectadas pelas mesmas estruturas de poder e opressões, estruturas essas que se alimentam umas às outras” (Idem).

O FCP tem como proposta fomentar um feminismo que pense na transformação da sociedade e se preocupe em ser popular, nesse sentido, “emerge como possibilidade de ampliação dos caminhos emancipatórios do projeto socialista” (FROTA, 2021, p. 197). Essa também é uma característica marcante presente no discurso dos ativistas estudados: a transformação da sociedade a partir da construção de uma nova forma de sistema. Segundo Vegano Vitor, foi o veganismo que o aproximou da esquerda, para ele as principais pautas defendidas pelo veganismo dialogam com as pautas defendidas pela esquerda, e debate isso no vídeo “COMO O VEGANISMO ME TROUXE PRA ESQUERDA?!”.³⁴

Já Priscila de Sá (2021), discute sobre o *popular* estudando as Promotoras Legais Populares (PLPs): “(...) um movimento de mulheres de caráter feminista e antissistêmico, cujos modos de organização e de ação política tendem a favorecer a presença de mulheres populares.” (SÁ, 2021, p. 9). Ao compreender o capitalismo “(...) enquanto um sistema complexo, cuja totalidade de relações de dominação cingem-se aos processos de produção e reprodução (...)” (Idem, p. 35), ela considera ser fundamental estabelecer uma relação de “solidariedade entre todos os trabalhadores”. O Veganismo Popular se vale da compreensão de solidariedade estendendo-a aos animais não-humanos, evidenciando e demarcando qual a posição deles dentro desse sistema. Para Sandra Guimarães (2021), uma pessoa vegana deve praticar a solidariedade política com animais não-humanos ao não cooperar com o sistema que domina, explora e lucra com a morte desses animais. As mulheres da Via Campesina³⁵ pautam sua luta na perspectiva de um mundo socialista, essa é uma proposta política que parte dos setores populares que se posicionam contra a “produção agrícola neoliberal, o agronegócio, com o

³⁴ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=y99VacZBtuY>.

³⁵ Se configura em um “movimento internacional capaz de dar voz e ressonância aos camponeses de todo o mundo, unidos por sua rejeição ao modelo neoliberal de desenvolvimento rural e sua determinação de serem incluídos na formulação de políticas públicas que os afetem.” (VIA CAMPESINA, 2023). Ver mais em: <https://viacampesina.org/en/annual-report-2022/>. Acesso em: 26/12/2023.

desafio de construir um Projeto Popular de Agricultura Camponesa na óptica feminista” (SCHWENDLER, 2017, p. 163). Lazzaretti (2021, p. 76) ratifica que isso se dá “pelo fato de que para as mulheres do MST, a luta por seus direitos sempre esteve atrelada à luta de classes”.

Em outro momento veremos como o modo de produção do Agronegócio serve para manutenção da exploração da natureza, que inclui animais, solo, águas, florestas, ar entre outros. Pois, da mesma forma que “não há como eliminar as relações patriarcais, sem com isso mover as bases do capitalismo (...)” (SEIBERT, 2019, p. 146), também é impossível eliminar as relações especistas de exploração, sem subverter as bases que sustentam essa exploração. O próprio desenvolvimento tecnológico do capitalismo aliado à crise ambiental possibilita novos caminhos para a luta pela libertação animal (e a ambiental), pois a racionalidade desse sistema é contraditória e tende à autodestruição. (MAURIZI, 2023).

O “Setor de Gênero” do MST aponta que o feminismo defendido por elas(es) é (1) *popular*, por ter um “posicionamento político de classe, no desafio de construir o poder popular”, é (2) revolucionário, pois “busca romper com as estruturas de dominação e exploração presentes na sociedade de classes, a fim de forjar uma sociedade emancipada e socialista” E também é (3) subversivo porque se propõe a “subverter a ordem social, mudá-la e transformá-la em sua essência e, a partir disso, construir uma nova ordem, sem relações de dominação, discriminação, exploração e violência” (MST, 2015 apud LAZZARETTI, 2021, p. 86). Da mesma forma se propõe o Veganismo Popular: ser popular como o nome diz, mas também revolucionário e subversivo.

Guimarães (2019)^{[i]36} chama atenção que quando fala de “popular”, não é sobre “produtos populares” ou “produtos baratos para que o povo compre” – ao menos, não apenas isso. Todavia, ele usa a palavra “popular” com o significado advindo da militância política. Posto isso, traz o exemplo de que o MST fala a respeito da “Reforma Agrária Popular” e que existe a luta pelo “Poder Popular”: “*É no sentido de construído com o povo e para o povo também, né? (...) A gente precisa da ajuda do povo, a gente não vai ganhar essa luta sem o povo. A gente não vai ganhar essa luta antiespecista sem o povo, né?*”. As discussões sobre um Veganismo Popular estão presentes, por exemplo, nos discursos dos ativistas e na prática militante dos mesmos. Entretanto, por se tratar de uma categoria (discursiva) “recente”, as

³⁶ Conferir vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=A91toHgSFMg>. Sempre que houver uma fala nos vídeos de Vegano Vitor ou Vegetal Vermelho e essa não corresponda aos mesmos, será sinalizada com o sinal: [i] sobrescrito. Vale lembrar que quando Vegano Vitor convida e entrevista outra pessoa e decide colocar esse vídeo em seu canal, de alguma forma, aquele discurso também passa a compor o seu discurso.

questões teóricas estão sendo formuladas e desenvolvidas. Essa pesquisa também se apresenta como uma forma de trazer para o debate teórico e acadêmico, as discussões do Veganismo Popular enquanto uma corrente não só prática (ativista/militante), mas também teórica, além de mostrar como essa dimensão se materializa através dos discursos.

Foi esse o olhar que quisemos trazer neste subcapítulo. Fazer a discussão como a dimensão, a categoria de *popular*, é utilizada na práxis do feminismo, especialmente o Feminismo Popular e o Feminismo Camponês Popular (FCP), e a partir dessa compreensão, relacionar (ou extrapolar) com o que o movimento vegano quer trazer quando se apresenta como “Veganismo Popular”. Pensar o *popular* sob o prisma teórico e político no/do veganismo, é construir um movimento que considera a realidade material da sociedade, na sua particularidade e pluralidade. É também construir um veganismo considerando não só a dimensão de classe (incluindo a perspectiva de gênero, raça, sexualidade, etc.), como também a luta de classes, do movimento enquanto constante disputa. Se reivindicar *popular* é contrapor outro modo (liberal) de ser do veganismo, é se opor a um discurso hegemônico sobre o que é e como deve ser a luta contra a exploração animal. É *popular* também, pois é feito com (e para) a classe trabalhadora, pois classes populares – juntamente com os animais não-humanos – são exploradas por esse modo de produção.

Por fim, ter o *popular* como interpretação teórica e política é se opor ao capitalismo, por enxergar esse modelo como reprodutor do especismo. Portanto, tem como horizonte teórico a revolução desse sistema. Feitas essas considerações fundamentais sobre o que é o *popular*, agora discutiremos – mais profundamente – acerca das determinações idealistas e concretas do veganismo.

1.2 – Da perspectiva teórica “tradicional” e suas determinações idealistas (abstratas) à interpretação materialista histórica e suas determinações concretas (reais)

Esta pesquisa partiu de um interdiscurso, de um “já dito” sobre o (que é) veganismo, tendo como objeto os discursos dos ativistas digitais veganos (inseridos na FD do Veganismo Popular) que circulam e/ou se constituem no ambiente digital, observando a relação entre o “dizer” e as condições de produção desse “dizer”. Procurou-se assim, considerar o que é dito em um discurso e/ou o que é dito em outro em relação com o não-dito (LIMA, 2017). Esse dizer carrega sentidos que circulam no senso comum, portanto, a compreensão de veganismo de organizações como a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) e *The Vegan Society* se

estabelece como único. Como foi dito, muitas organizações, movimentos, ativistas, figuras públicas etc., se guiam pela compreensão *tradicional* do veganismo:

O veganismo, segundo definição da Vegan Society, é um modo de viver (ou poderíamos chamar apenas de "escolha") que busca excluir, na medida do possível e praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra os animais - seja na alimentação, no vestuário ou em outras esferas do consumo (SVB, 2022).

Em nenhum momento na definição da SVB é feito algum recorte de gênero, de classe, de raça ou inclui os humanos como animais e “não abarca as interseccionalidades com a opressão de animais humanos” (NEGRINI, 2019, p. 87). A SVB também não considera a dimensão da estrutura, do modelo de sociabilidade em que vivemos, pelo contrário, está alinhada com a dinâmica social do capitalismo. Veremos isso no decorrer deste trabalho.

Para se debater veganismo e exploração animal, é preciso discutir acerca de um conceito fundamental, o especismo, no qual a perspectiva *tradicional* compreende como uma forma de discriminação (e não de opressão)³⁷ entre espécies, mais especificamente da espécie humana para com as outras. Essa perspectiva do veganismo pontua que o especismo, assim como outras discriminações, como o racismo, machismo, homo e LGBTQIA+ fobia, se sustenta(m) na lógica de superioridade. Nesse caso, do ser humano sobre outras espécies, outros animais não-humanos (RYDER, 2009; FERRIGNO, 2012). Consequentemente, muitas vezes o especismo é justificado por uma falha moral ou falta de compaixão com os animais, e comumente impera uma lógica de culpabilização, individualização e responsabilização dos indivíduos.³⁸

O especismo se apresenta nas relações sociais que os humanos estabelecem com os animais não-humanos, em que são escolhidos e classificados: quais “tipos” de animais são dignos de respeito e de terem direito à vida, de receberem amor e serem tratados como parte da família e quais seu sofrimento deve ser ignorado. Quais são “para consumo” (e devem ser comidos bem passados em uma celebração familiar), “sobretudo nas grandes indústrias de alimentos animais, objetificados, ou tratados como matéria-prima para consumo”³⁹ (FERRIGNO, 2012, p. 193). É na indústria alimentícia que a exploração animal atinge níveis de crueldade incomparáveis com outros setores. (MAURIZI, 2023). Vegano Vitor menciona

³⁷ Para Manni e Maurizi (2022) a "discriminação" é elemento *ideal* do especismo, enquanto a “exploração” é o elemento *material*.

³⁸ A filosofia neoliberal vai pensar sob a ótica de uma “integração de todos no mercado por intermédio da ‘responsabilidade individual’”. A concepção de sociedade e indivíduo sob a orientação neoliberal pressupõe uma “Primazia da concorrência sobre a solidariedade”, como também a “responsabilidade individual”, essas características “são vistas como os principais fundamentos da justiça social.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 118; 321).

³⁹ Recomendo a leitura fundamental, que no seu título já nos faz refletir: “Por Que Amamos Cachorros, Comemos Porcos e Vestimos Vacas” da Melanie Joy.

que é atribuído aos animais silvestres uma valorização diferente de outros “grupos”/“classe” de animais de outras espécies em geral, sendo conferida uma maior importância a algumas espécies em detrimento de outras. Esse valor difere (maior valor) do que é atribuído para os “animais para consumo”. Ele comenta como as pessoas geralmente se incomodam quando um leão é caçado, mas não se importam com bilhões de frangos mortos por ano no Brasil (cerca de 1,49 bilhão no 2º trimestre de 2022).⁴⁰ Esse “valor a mais”, essa valoração/importância diferenciada, é fruto do especismo. Pois, como vimos, essa ideologia pressupõe – além da superioridade da espécie humana sobre outros animais – uma “hierarquia de importância” entre as diversas espécies de animais.

Se pensada abstratamente, a justificativa para essa “diferença de valor” seria: “é por causa do especismo!” Porém, dessa forma não pode ser explicado o real motivo dessa diferença existir. Se fosse questionado por qual razão há um espanto quando acontece com os animais silvestres e não com um “gado de corte” a dimensão teórica tradicional não conseguiria responder por não conseguir superar o limite da aparência dos fenômenos. Não consegue ir à raiz do problema, não considera a estrutura de exploração.

Por outro lado, se entende que isso acontece por ser um processo imanente da indústria animal, a “racionalidade irracional do capitalismo” determina quais animais e de que forma iremos nos relacionar com cada espécie, isto é, quais animais assumirão a forma-mercadoria e quais serão considerados parte da família (COSTA, 2020)^[1]. De maneira geral, é(são) a(as) indústria(as) que determina(m) quais os animais vão ser utilizados como mercadorias e quais os que terão uma consideração ética “superior”. Ou seja, são as condições materiais de produção e reprodução que vão determinar essa “cadeia de valor”. A redução desses animais a uma “massa anônima”, negando suas necessidades e particularidades torna-se proporcional à acumulação de capital (MANNI; MAURIZI, 2023).

“A gente já nasce usando os animais para todas as finalidades, seja em circos, restaurantes, lojas de roupa. A nossa espécie normalizou tanto o especismo que hoje em dia é até um pouco difícil de entender porque toda a sociedade é especista e [porque] a gente vive em uma sociedade que apoia, aprova e incentiva o especismo” (Vegano Vitor).

Quando não se faz uma leitura da exploração animal materialmente, torna-se “*difícil de entender porque toda a sociedade é especista*”. Ao não compreender que “*hoje em dia*” os animais são mercadorias, não se percebe o real motivo da sociedade aprovar e incentivar o

⁴⁰ Agência IBGE (2022).

especismo. Essa é uma falha apontada por Gomyde, Costa e Fernandes (2019) e por Maurizi (2020). Quando Vegetal Vermelho e Vegano Vitor vão falar de especismo nos seus discursos, os sentidos mobilizados transitam entre considerar e não considerar o modo de produção, entre apontar que o especismo é fruto do antropocentrismo e dizer que o que estrutura a lógica antropocêntrica é o sistema capitalista.

Gary Francione chama essa “escolha”/“classificação” de “esquizofrenia moral”⁴¹, enquanto Sônia Felipe chama de “especismo seletivo” (FERRIGNO, 2012, p. 194). Se contrapondo a esse entendimento, Renato Bittencourt (2023, p. 30) afirma que o especismo “não é um desvio moral ou uma falha no caráter das pessoas, é uma opressão e uma ideologia estrutural e sistêmica (...)”. No que diz respeito a essa “escolha”, Ferrigno (2012) sistematiza três “posturas” que partem da condenação: 1) à morte (consumo de ovos e leite seria “permitido”)⁴²; 2) ao sofrimento (na lógica do “abate humanitário”) e 3) ao uso dos animais. Outros(as) autores(as) vão dizer que as posturas 1 (morte) e 2 (sofrimento) podem ser chamadas de “bem-estaristas” e a postura 3 (uso) de “abolicionista” (FERRIGNO, 2012, p. 40-41). Essa postura abolicionista, resolveria as falhas das outras duas, ou seja, condena o uso dos animais independente de outros fatores como dor e morte.

Além de Gary Francione, Tom Regan e Peter Singer são nomes históricos na pesquisa e leitura sobre veganismo: “O termo ‘libertação animal’ (ou *animal liberation*) [difundido por Peter Singer]⁴³ representa hoje o nome de um movimento global vegetariano” (FERRIGNO, 2012, p. 59). Outro conceito fundamental para compreender o veganismo é o de senciência. Em termos gerais, um ser senciência é todo aquele que consegue sentir com capacidade de sofrer ou de ter prazer. Sendo assim, os animais (humanos e não-humanos) naturalmente não possuem interesse em sofrer e morrer, eles nutrem desejo de viverem livres. Para esses autores citados, a concepção de senciência possui o lastro no Direito e na moralidade (FERRIGNO, 2012). Porém, além desse lastro ter limites (teóricos e políticos), ainda mantem uma estrutura especista, pois as normas (legais e sociais) permitem e garantem a exploração dos animais, não

⁴¹ Quando Francione discorre sobre a “esquizofrenia moral”, coloca como similar o especismo e o antropocentrismo e essa comparação é equivocada, pois é um determinado grupo, uma classe específica que se beneficia da existência do especismo e não a humanidade como um todo. Essa “esquizofrenia” não é uma falha cognitiva (do indivíduo humano) como aponta Francione, mas sim “em função de uma ideologia dominante que nos é imposta através de uma organização produtiva [capitalismo] que coloca aqueles animais e naturaliza eles [no caso naturaliza por meio da reificação, a exploração] através da forma-mercadoria.” (COSTA, 2021)^[1].

⁴² “O capitalismo e a busca pelo lucro tornaram a indústria de produção de leite e ovos uma fonte de tortura para os animais, ainda mais brutal do que a de carne.” (NEGRINI, 2019, p. 30).

⁴³ Na sua obra de mesmo nome “Libertação Animal”, clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais, de 1975.

por serem especistas (ou também), mas por serem burguesas. Esses indícios são expressões de uma classe dominante. Essa classe explora a natureza (no geral) e os animais (em particular) e essa hierarquia é assegurada juridicamente; é por essa lógica que é legal um animal ser tratado como propriedade (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019).

Diferente dessa(s) corrente(s) de pensamento defendida por Singer, Regan e Francione – que pensam o especismo como um “preconceito” –, a partir da concepção materialista, o especismo é entendido como uma “estrutura social de exploração” que tem na sua base interesses materiais, econômicos e de poder, dos quais a sociedade como um todo social, mas principalmente a classe dominante, se aproveita para obter ganhos. Nessa interpretação, o antiespecismo refere-se a “crítica coerente a todas as relações de poder, mas sobretudo, a ação voltada ao esfacelamento material de todas estas relações” (MAURIZI, 2020). Ou seja, o antiespecismo infere na destruição e superação das relações de poder que mantêm essa estrutura social de exploração.

A compreensão do que é o especismo leva a uma diferença de método (abordagem): os animais são reduzidos a recurso e objeto, ou melhor, à mercadoria dentro do sistema de produção capitalista porque é cômodo e assim é obtida vantagens econômicas para uma determinada classe. Já com relação ao objetivo, o antiespecismo deve ser uma crítica de todas as relações de poder e de exploração dos animais não-humanos (e humanos) em uma sociedade de classes. Logo, sem exploração animal e da natureza, a sociedade de classes não se sustenta (MAURIZI, 2020). Portanto, a crítica antiespecista que Maurizi faz possui um caráter material, sendo assim, esse fenômeno pode ser apresentado em sua totalidade (MARX; ENGELS, 2007).

Assumindo esse caráter material, compreende-se que o especismo, de alguma forma, sempre esteve presente nas sociedades primitivas, mas foi no capitalismo – após o advento da revolução industrial, com “a formação e expansão das multinacionais ou empresas globais e com o firmamento do sistema capitalista financeiro” (MOTA; SANTOS, 2020, p. 81-82) – que ganhou forças e a proporção de hoje. Logo, é fundamental compreender o veganismo e a questão animal por uma perspectiva teórica do materialismo histórico, pois ao não analisar a exploração animal materialmente, todas as interpretações são vistas como um “antiespecismo metafísico” (MAURIZI, 2020). Esse se dá em três principais escolas de pensamento que estão dispostas no quadro a seguir:

Quadro 5 – Escolas do antiespecismo metafísico

ESCOLAS DO ANTIESPECISMO METAFÍSICO	
ESCOLAS	PRINCIPAIS AUTORES(AS)
<i>Filosofia moral burguesa</i>	Peter Singer, Richard Ryder, Tom Regan, Hilal Sezgin e outros
<i>Crítica jurídica liberal</i>	Gary Francione (Will Kymlicka e Sue Donaldson se juntaram depois)
<i>Antiautoritarismo pós-estruturalista social liberal</i>	Carol J. Adams, Donna Haraway, Birgit Mütherich, Jacques Derrida

Fonte: GOMYDE; COSTA; FERNANDES (2019) adaptada pelo autor (2022)

A chamada “filosofia moral burguesa” trata da questão da exploração animal em abstrato a partir da moralidade e da ética, sem levar em consideração seu aspecto concreto, sua materialidade histórica no modelo político-econômico da sociedade burguesa. Essa escola aborda “(...) a questão dos motivos pelos quais o sofrimento dos animais é considerado diferente do sofrimento humano, ou, mais precisamente, porque tais diferenças fornecem a base moral para ações” (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019, p. 183). No entanto, essa filosofia moral apresenta alguns problemas, dentre eles, um crucial: não explicar o motivo dos animais serem explorados e por que eles são transformados em “objetos” para fim econômico (mercadorias) (Idem). Essa compreensão é fundamental, pois só assim teremos uma base teórica crítica para confrontar os discursos dos ativistas sob a a FD *vegana popular*. Essas três escolas

(...) não podem nos dizer como o pensamento ideológico sobre os animais e seu status como propriedade passaram a existir e por que na sociedade capitalista burguesa a exploração animal tomou precisamente a forma altamente tecnológica e industrializada que possui atualmente (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019, p. 187).

Isso se dá devido a essas formas de pensar não colocarem no centro do debate a questão material, isto é, não entenderem o animal na sua forma-mercadoria. Só a crítica radical é capaz de enxergar a raiz do problema por analisar a exploração animal na conjuntura política-social-econômica vigente fundamentada na sua forma elementar. A base de toda ordem social foi (e é) formada pela produção e a troca de produtos (mercadorias), assim, para compreender a dinâmica social da exploração animal é preciso buscar na “economia da época estudada” (ENGELS, 2020, p. 175). É nesse sentido que Marx (2011), para analisar a sociedade

capitalista, parte da sua forma mais simples, a forma-mercadoria⁴⁴. Ao utilizar aqui a base teórica do materialismo histórico para analisar a exploração animal e o especismo, conseqüentemente o veganismo, compreende-se que os animais não-humanos assumem a condição de forma-mercadoria nas relações de produção do capitalismo. A mercadoria compreende também “(...) a forma pela qual o sistema se generaliza e expande, destinando ao mercado todos os produtos do trabalho, uma vez que a fonte criadora desses produtos, a força de trabalho, assume igualmente a forma mercadoria” (GRESPLAN, 2021, p. 31).⁴⁵

Em síntese, por pensar o especismo como opressão (de caráter apenas idealista) e não como exploração (material e ideológica) nenhuma das três escolas são capazes de compreender e explicar os reais motivos, a quem interessa e como os animais (não-humanos) são explorados na sociedade capitalista. O caráter do Veganismo Liberal dialoga com essas escolas. Para Engels (2020, p. 67), o método metafísico em algum momento se torna “parcial, limitado e abstrato, perdendo-se em contradições insolúveis” deixando de lado assim, as relações recíprocas, a existência, o desenvolvimento e o movimento; observando apenas as árvores e esquecendo a floresta, isto é, analisando partes e ignorando o todo, considerando o agente e deixando de lado a estrutura. Considerar o especismo como um processo particular da realidade ignorando a totalidade significa concebê-lo como universo deslocado (CURY, 1986, p. 27). Isso leva a um problema: se a exploração animal for entendida de uma forma não material, não é feita uma distinção entre as “explorações”, ou seja, é possível equivocar-se ao considerar que o especismo é fruto de um modo de pensar, do antropocentrismo, da lógica de superioridade humana abstrata/geral. Dessa forma, não se faz uma distinção, por exemplo, entre a "exploração" de uma família que cria animais para fins de subsistência, como um(a) pequeno(a)/médio(a) agricultor(a), da exploração de uma indústria animal – o Agronegócio de maneira geral.⁴⁶

Em razão disso, na contramão desse entendimento que se fundamenta um antiespecismo, um veganismo com uma orientação materialista histórica que é revolucionário, anticapitalista e que se propõe fazer a crítica radical às estruturas que sustentam e se alimentam dessa exploração: o Veganismo Popular. A eficiência de uma análise antiespecista materialista

⁴⁴ “(...) *forma simples elementar* da sociabilidade capitalista”. (FAZZIO apud MARX, 2021, p. 11).

⁴⁵ No capitalismo os animais são vistos como “portadores materiais de valor e como um meio de produção do capital, como meio de trabalho e como sujeitos de trabalho fornecidos pela natureza gratuitamente.” (GOMYDE; COSTA FERNANDES, 2019, p. 181).

⁴⁶ Para mais, ver: “Pegando o touro pelos chifres: é hora de cortar carne industrial e laticínios para salvar o clima” (GRAIN, 2017, tradução nossa). Disponível em: https://grain.org/e/5639#_ftnref7.

histórica “(...) prova ser capaz de explicar e analisar as relações entre humanos e animais de forma abrangente, as quais sob uma inspeção atenta se revelam como relações de exploração e dominação entre o capital, de um lado, e o proletariado, animais e a natureza de outro” (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019, p. 193).

Assim, o especismo deve ser compreendido enquanto um reflexo ideológico da exploração e não a base da exploração animal; um reflexo ideológico do movimento real da reprodução material da sociedade burguesa, sociedade esta que estamos analisando (e inseridos/as). Maurizi chega ao cerne da questão: “Nós não exploramos animais porque os consideramos inferiores, ao contrário, nós os consideramos inferiores porque os exploramos” (MAURIZI apud GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019, p. 190). Em outras palavras, a exploração animal – no sistema capitalista – existe, não porque os (outros) animais são subjugados como inferiores, mas esses são subjugados como inferiores pelo fato de serem explorados. Logo, não se pode entender o veganismo (como uma prática antiespecista) interpretando o especismo como um pressuposto (meramente) ideológico ou idealista, mas sim, compreendendo que o especismo é uma expressão do movimento real contraditório da exploração animal na sociedade capitalista.

a) Mercadoria animal: o fetiche e a propriedade

Seria um erro histórico dizer que não existia consumo de carne antes da modernidade, porém, as relações de consumo anteriores ao capitalismo eram diferentes, a demanda pelo consumo e exploração animal hoje é estrutural ao capitalismo. Em outros períodos, como mencionado, a exploração⁴⁷ do consumo animal servia para atender às necessidades da população de maneira geral. Apesar de os animais terem sua liberdade cerceada, serem mortos e servirem para entretenimento em determinados momentos, com o processo de desenvolvimento da sociedade capitalista eles deixam de ter seu uso como “funcionalidade” e passam a servir ao propósito de geração e acúmulo de riquezas de uma classe.

Fazendo um breve resgate histórico, mudanças reais na relação do tratamento e exploração dos animais – tanto para retirada de partes (“insumos”) como lã e leite, quanto para utilização da força física para realização de trabalho – se deram no período Neolítico (a partir de 3.000 a.C.), justamente com o desenvolvimento da agricultura extensiva (MONTEIRO; SIQUEIRA, 2015). Com as novas formas de cultivo, os animais se tornaram uma expressão da propriedade

⁴⁷ Atualmente a compreensão de exploração relacionada aos animais difere de outros períodos históricos.

privada, que por sua vez, se torna uma forma de riqueza. O consumo de carne já foi “(...) a ostentação de poder dominante para governar. Quanto mais gados abatidos, cozinhados e comidos, maior era o homem” (SPENCER, 1995 apud MONTEIRO; SIQUEIRA, 2015, p. 20). Vale ressaltar que a propriedade privada (nesse sentido, os animais não-humanos), diferentemente de muitos pensadores da época, não constituíam um “direito natural” do homem (John Locke) mas sim, conferido historicamente para atender aos anseios da classe dominante da época. Assim, uma nova forma de riqueza é estabelecida, essa não era vista nas sociedades coletoras, “comunistas primitivas”, essa “riqueza” outrora eram animais livres. “É corrente a associação da difusão do consumo de carne no Brasil à colonização europeia” (RIBEIRO; CORÇÃO, 2013, p. 427). Ribeiro e Corção (2013) vão destacar que no Brasil já existia a caça/consumo de animais nativos, porém, a colonização portuguesa introduziu o gado (“vaca para consumo alimentício”).

As relações sociais capitalistas em todo o mundo se disseminaram com a indústria animal, em especial a criação de gados e ovelhas (MONTEIRO; SIQUEIRA, 2015). De acordo com Marx (1859, p. 20), na sociedade burguesa “(...) a agricultura transforma-se cada vez mais num simples ramo industrial, e é completamente dominada pelo capital”. É por isso que Guimarães (2018) afirma a incompatibilidade em ser vegano(a) e defender o capitalismo (assim como o colonialismo). Os animais não-humanos foram uma das primeiras formas de acumulação de capital e hoje, na fase mais desenvolvida do capitalismo, eles são componentes essenciais para o crescimento desse sistema. Segundo Vegetal Vermelho, a autora Silvia Federici no livro “Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva” diz que “[...] a primeira máquina produzida pelo capitalismo foi o corpo humano e não a máquina a vapor. Foi a transformação do corpo... é um esvaziamento de pensamentos ancestrais animistas, eles foram esvaziados e no lugar disso eles passaram a se tornar mera máquina.” Além disso, ele acrescenta que foi o “corpo em geral” o primeiro corpo a ser criado pelo capitalismo e indaga: “talvez o corpo dos animais também” (Vegetal Vermelho).

No início do século XX, a partir de um processo de industrialização, o consumo de carne é elevado devido ao crescimento das indústrias de alimentos (FERRIGNO, 2012). A “produção animal” que era realizada em pequena escala, toma proporções de produção em massa, aumentando o potencial de exploração animal e intensificando como se cria, mata, processa e comercializa os animais (FERRIGNO, 2012; ALVES FILHO, 2020; MANNI; MAURIZI,

2023)⁴⁸. Essa “transição” da fazenda (produção em pequena escala) para a indústria (larga escala) fomentada no capitalismo teve influência da revolução verde⁴⁹ (GÓES, 2019, p. 15).

É extremamente crucial ressaltar que quando se faz a crítica (principalmente o Veganismo Popular) à exploração animal e a forma como essa exploração existe no modo de produção capitalista, essa crítica é direcionada às indústrias, grandes empresas, multinacionais de produção (e exploração) animal. Foi com a consolidação desse modo de produção que essas indústrias/empresas passaram a produzir (não criar) animais em larga escala. É no capitalismo que os animais são “feitos” para serem mercadorias, *commodities*⁵⁰. Vegano Vitor fala sobre isso quando diz haver uma diferença entre o “tio do dog da esquina” (desloca o sentido de trabalhador) e uma empresa como a *Mc Donald's* (“*multinacional focada apenas em lucrar*”).

A produção industrial, diferentemente de pequenos(as) e médios(as) agricultores(as) da Agricultura Familiar, é baseada em larga escala, produção de excedentes, subsídios, e são “comercializados como commodities globais” (GRAIN, 2017). É devido a esses (e outros) fatores que essa forma de produção é insustentável. Portanto, há uma disparidade entre a produção familiar onde a escala é muito menor, o número de animais é reduzido, possibilitando uma relação de proximidade entre os humanos e esses animais. Percebe-se uma maior presença de atividade manuais, em outras palavras, o grau da divisão social de trabalho é menor, gerando uma menor abstração e menor estranhamento em relação ao animal. Um exemplo dessa relação (ou perda da mesma) se dá no processo da ordenha, que antes era feita de forma manual e individual, passa a ser por meio de um maquinário. Outra mudança observada é na relação animal/comprador(a), “consumidor-mercadoria” (GÓES, 2019): geralmente a criação de animais é para autoconsumo, diferentemente da indústria que tem como finalidade a mercantilização e acúmulo de capital. Com as mudanças causadas pela revolução verde⁵¹ e industrialização, a relação humano-animal foram se modificando.

⁴⁸ Recomendo a leitura de Alves Filho (2020) para saber mais sobre a circulação do discurso a respeito dos animais ao longo dos períodos históricos: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12338>. Acesso em: 26/12/2023.

⁴⁹ “A Revolução Verde na América Latina e o processo de modernização da agricultura brasileira, durante as décadas de 1950 e 1960, é um marco fundamental para as transformações tecnológicas que permitiram a integração da agricultura com a dinâmica industrial de produção (...)” (LIMA, 2020, p. 22). Saiba mais em: <https://www.ecycle.com.br/revolucao-verde/>. Acesso em: 26/12/2023.

⁵⁰ “A commodity [expressão em inglês], por definição, é uma mercadoria padronizada e de baixo valor agregado, produzida por diferentes produtores e comercializada em nível mundial, cuja oferta e demanda são praticamente inelásticas no curto prazo e cujos preços são definidos pelo mercado (...)”. (MARTINS, 2009). Exportação no Brasil: presença no mercado global. <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/exportacao-e-comercio-exterior/>. Acesso em: 26/12/2023.

⁵¹ Porto-Gonçalves (2004 apud GÓES, 2019, p. 69) critica a industrialização do campo para a direção de um sistema agrário-agrícola capitalista neoliberal, pois argumenta que a ausência de autonomia dos camponeses e a

A indústria da carne ganha forças a partir da terceira revolução⁵² industrial e consolidação do modo de produção capitalista. Com isso os animais passam a serem “produzidos” (trancados, reproduzidos, abatidos e exportados) em larga escala (MOTA; WILLIAN; QUEIROZ, 2019). Isto é, “graças à era industrial que a comida passou a ser processada em fábricas e a ser vendida pela lógica capitalista” (GOODY, 1995 apud PELLERANO, 2017, p. 113), impactando até hoje a forma que as pessoas se relacionam com os alimentos, como o caso dos animais (Idem). Portanto, é somente compreendendo a concretude do processo de produção dessa sociedade que se torna possível analisar e compreender o papel dos animais no sistema capitalista, em linhas gerais, a sua mercantilização para obtenção de lucros. “Os animais foram deixando de ser utilizados prioritariamente para fins de reprodução social (alimentação, tração, vestimenta e transporte) para serem utilizados como meios de produção, com o intuito de acumulação” (COSTA, 2019).

No passado, a exploração de outros animais pelos seres humanos fazia parte de um processo espontâneo que se deu de maneira metabólica e foi evoluindo até se tornar uma prática social que serviu para suprir as necessidades da população em crescimento. Entretanto, essa relação mudou no último século, sendo consequência direta do desenvolvimento do modo de produção capitalista, “(...) transformou-se numa prática econômica destrutiva” (COSTA, 2019), assim como toda prática econômica no capitalismo que tem como fonte de “recursos”, matéria-prima, um elemento, uma fonte natural. Vegano Vitor aponta que a questão da necessidade é a “chave”:

“[...] se a gente não precisa consumir animais e a gente sabe que o consumo desses animais né? Causa muita dor, causa muito sofrimento, causa impactos ambientais, causa transtorno psicológico – inclusive para os trabalhadores humanos dessa indústria – por quê que a gente vai continuar fazendo isso, né?” (Vegano Vitor).

Ele usa a palavra “chave” como uma metáfora fundamental, o ponto crucial desse entendimento que ele diz ser a necessidade, ou melhor, a não necessidade de consumir animais. O não-dito nessa fala são quais os motivos que fazem com que as pessoas continuem consumindo animais. Outrossim, quando ele aponta que as pessoas sabem que não precisam se alimentar de animais e que também sabem do sofrimento causado nesses animais, vale ressaltar

insegurança alimentar, com raiz na domesticação de animais são atualmente causadas pela monocultura e pela mercantilização da vida.

⁵² Pellerano (2017) diz que a Revolução Industrial (século XVIII) foi responsável por, hoje no século XXI, as pessoas terem uma relação diferente com a comida: “foi a partir das décadas de 1960 e 1970, quando houve um boom das grandes redes de fast food, e um grande aumento da demanda de produtos de origem animal para atender esses restaurantes, “que se tornou comum criar animais em um novo regime de confinamento (...) (ARIOCH, 2018). Ver em: <https://vegazeta.com.br/animais-confinamento-historia/>.

que não são todas as pessoas que sabem. Apesar de já ser um consenso científico e cada vez mais existirem pessoas – como o próprio – que divulgam informações acessíveis sobre a questão, muitas outras continuam presas ao senso comum devido à complexidade em transpor o véu ideológico do especismo. Para Vegano Vitor é fundamental e imprescindível transpor esse véu, para que *“a gente consiga enxergar essas relações de exploração, para que a gente consiga enxergar, né? Que tanto nós somos explorados, quanto os animais não-humanos são explorados, né? Como a natureza é explorada [...] muitas vezes de forma irrecuperável, né? Ou seja, é crucial transpassar a aparência da mercadoria e do processo de produção que explora animais humanos e não-humanos para se compreender a essência da vida animal e das relações existentes. Uma das características do processo de industrialização e produção em massa da exploração animal é tornar o referente ausente, velar o existente (a vida animal); é fetichizar a mercadoria “picanha” ocultando as reações sociais, a história e o passado do que um dia foi aquele animal. Sai de cena as características físicas/concretas – de “algo” (corpo de um animal) e passa a vigorar uma relação entre coisas, na forma de espírito.*

Em outras palavras, enxergar o pedaço do corpo de um animal como “picanha” advém de uma construção social (ideológica) determinada, podendo também ser desconstruída, subvertida a partir do trabalho coletivo.

“[...] é uma construção que vem com justificativas ideológicas que se repetem. A gente tem que entender que a gente é capaz de existir de outra forma! Nós reproduzimos uma estrutura que antecede a nossa individualidade. [...] E pra que essa estrutura se modifique, é preciso que vários indivíduos modifiquem ela. Mas nunca é um dever, uma culpa de apenas um indivíduo. É sempre um trabalho coletivo; de muitas pessoas juntas” (Vegetal Vermelho).

Para Marx (2017), o fetiche da mercadoria é o ocultamento das relações sociais, da própria história dos(as) trabalhadores(as), do trabalho humano no processo de mercantilização – dado o grau da divisão social do trabalho. Com esse processo, o trabalho humano passa a ser tão estranho a ele(a) na forma de mercadoria, que as relações sociais contidas se apresentam apenas no momento da troca de mercadorias: “Como os produtores só travam contato social mediante a troca de seus produtos do trabalho, os caracteres especificamente sociais de seus trabalhos privados aparecem apenas no âmbito dessa troca” (MARX, 2011, p. 207). Na FD do veganismo, muito se fala em “produtos de origem animal” (o próprio termo já denota uma fetichização), o processo de fetiche da mercadoria se faz presente. As “(...) origens [da vida animal] são sistematicamente negadas pelas embalagens de supermercado e pelo distanciamento linguístico (‘carne suína’ em vez de ‘porco’, ‘carne bovina’ em vez de ‘vaca’)” (MONTEIRO; SIQUEIRA, 2015, p. 44). As ações e diversas técnicas utilizadas, que vão do

momento do abate (assassinato do animal), passando pela “linha de desmontagem” (esquartejamento do corpo) (LIRA, 2013, p. 268), embalagem e refrigeração, até chegar nas prateleiras, “permitiram a desvinculação do animal de seu produto final” (Idem). Enquanto são realçados os “efeitos gastronômicos e econômicos” (ALVES FILHO, 2020, p. 98-99), são mitigadas e apagadas características relacionadas aos animais e o processo de produção.

Dessa forma, um(a) consumidor(a) consegue comprar o que agora é uma “mercadoria-animal”, não conseguindo enxergar a história, o passado, que um dia foi (teve) esse animal. Como também não percebe esse animal como um semelhante nem o ser humano como um animal também. Para Goés (2019, p. 73), em muitos casos o(a) consumidor(as) “não percebe ou não busca refletir que o que está comendo (...)”. Oportuno destacar que esse “não busca refletir” não é por abstenção da vontade do(a) trabalhador(a), mas pelo fato de existir esse processo de fetichização. A indústria animal utiliza de todos os recursos possíveis, desde fatiar o animal em partes não reconhecíveis (enquanto um corpo animal), a propagandas com animais felizes estampando embalagens e protagonizando comerciais na TV. É por isso que Vegetal Vermelho ressalta a importância de se entender como age a propaganda e o marketing na sociedade capitalista, que mascara a produção industrial dos animais e os trata de maneira “*absolutamente violenta e opressora*”. Portanto, o veganismo deve ser contrário a essa produção industrial por considerar outras diversas questões relevantes a esse processo.

O Veganismo Popular não propõe tornar o animal não-humano em um humano, mas evidenciar e fomentar que o ser humano (enquanto sujeito social) perceba que a compreensão de humanidade e suas diversas expressões são determinadas pelo capitalismo⁵³, que traduz a ideologia da classe burguesa dominante enquanto “(...) fonte dos problemas e males sociais que sofremos em nosso cotidiano e que nos oprimem” (PONCE, PROAÑO, 2020, p. 54, tradução nossa).

Vegetal Vermelho diz que o especismo é entendido como uma estrutura – inconsciente – que funda “nossa” perspectiva, “*tem a ver com um certo ponto de vista que coloca e que produz uma imagem do que são os animais, de uma determinada forma [...] o especismo é uma estrutura do ocidente*”. Portanto, para existir especismo (enquanto tal), depende de um “*determinado ponto de vista*” e de uma “*forma de relação específica*”. De fato, o especismo

⁵³ Como uma reprodução e afirmação ideológica da classe dominante: “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes (...)” (MARX; ENGELS, 2001, p. 48). Logo, a concepção de humanidade serve ao(s) propósito(s) dessa classe.

está relacionado com “um certo ponto de vista”, porém, esse ponto de vista não parte da consciência em “si mesma”. Esse pensamento deriva do concreto, é o modo de produção capitalista que possibilita o pensamento especista. É nesse sentido que Ponce e Proaño (2020, p. 54) vão destacar que o Veganismo Popular pretende que as pessoas reconheçam que a lógica que se conhece de “humanidade” não é natural, mas construída, são expressões da economia capitalista, bem como “*el Estado, la razón instrumental, la individualización y liberalización del ser; es decir, que la ontología social burguesa es la fuente de los problemas y males sociales que se padecen en la cotidianidad y que nos oprimen*” (PONCE; PROAÑO, 2020, p. 54).

Para Guimarães (2019), o veganismo se apresenta como um posicionamento político que se opõe a essa objetificação e mercantilização dos animais e se compromete com a luta pela emancipação animal. O animal é trazido de volta para o centro da discussão do veganismo. O modo de produção capitalista tem como uma de suas bases a propriedade privada dos meios de produção, que de maneira bem resumida, é o domínio, o controle exclusivo dos meios (insumos, matérias-primas, maquinário, espaço, terra e entre outros) necessários para a produção de mercadorias. A classe que é dona desses meios determina as relações de produção (bem como distribuição, consumo, etc.), portanto, essa mercadorização da vida animal é um dos pilares do capitalismo.

O objeto de estudo de Marx foi a (o modo de produção da) sociedade burguesa. Para ele, essa sociedade é uma totalidade concreta e essa totalidade não significa partes isoladas que em algum momento se interseccionam, pelo contrário, expressam um complexo de complexidades, “partes” que coexistem (NETTO, 2011). Assim, entender e analisar o veganismo e a exploração animal na sua totalidade é considerar esse(s) fenômeno(s) nas suas múltiplas determinações. Nesse sentido, o Veganismo Popular se opõe à lógica do especismo, que é uma expressão das condições materiais do modo de produção capitalista, que tem como uma das bases a exploração do animal não-humano. Um outro elemento constituindo, base do modo de produção da economia brasileira e um dos maiores responsáveis pela exploração animal é o Agronegócio nas suas diversas expressões e setores (como a indústria animal), seria incoerente falar sobre a exploração animal na sua relação com o modo de produção capitalista sem problematizar o Agronegócio brasileiro e suas dimensões.

b) Agronegócio: exploração animal e a dependência brasileira

O Brasil é um país de capitalismo dependente⁵⁴ que possui grande parte da economia voltada para produção e exportação de *commodities* como grãos (soja, milho, arroz, etc.); produtos de origem animal (carne bovina, carne suína, aves, etc.), além de minérios, petróleo bruto, entre outros. Tanto a exploração animal, quanto a exploração da classe trabalhadora são elementos que sustentam o capitalismo. No país, a agropecuária é um dos principais alicerces da economia. Em 2019 chegou a faturar cerca de R\$ 630 bilhões com a exportação de milho, soja e carne⁵⁵ (MOTA, 2021).

Mayrá Lima (2020) parte da hipótese de que o Agronegócio brasileiro, que se apresenta como um modelo de desenvolvimento hegemônico, além de se consolidar como “uma expressão neoliberal”, também propõe ser “um modelo totalizante, um organizador político ao desenvolvimento rural a partir de perspectivas relacionadas a uma racionalidade pró-mercado” (LIMA, 2020, p. 49). Segundo David Harvey (2005), a lógica do neoliberalismo enquadra todas as ações humanas no domínio do mercado, não se limitando a um tipo de política econômica ou ideologia, sobretudo, aponta Dardot e Laval (2016, p. 7), é “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida”. A partir da década de 70 deram início algumas mudanças e transformações no setor econômico nacional que se consolidam até hoje, onde os grandes proprietários rurais possuem um papel de destaque na “economia, na sociedade e na política nacionais” (SILVA, 2009, p. 2). Do ponto de vista mercadológico/comercial, esse “modelo” teve sucesso no Brasil, levando o país nos últimos anos a se firmar como “um dos principais participantes dos mercados globais de commodities agrícolas e agroindustriais” (SILVA, 2009, p. 12).

O Agronegócio brasileiro tem poder sobre a sociedade contemporânea e está presente em diversos espaços/setores. A sua produção, comercialização e consumo também perpassa questões sociais, políticas, midiáticas, científicas, linguísticas entre outras (ALVES FILHO, 2020). O desenvolvimento (“sucesso”) do Agronegócio possui diferença entre os países no

⁵⁴ Capitalismo dependente indica “que há de fato o desenvolvimento do modelo capitalista na periferia, porém com mecanismos específicos de reprodução do capital. (MARINI, 1973 apud TEMISTOCLES, 2015, p. 6). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/134973>.

⁵⁵ O Brasil também apresenta o segundo maior rebanho bovino do mundo, são 220 milhões de cabeças de gado, das quais mais de 30 milhões estão em Mato Grosso, que ironicamente é o segundo estado brasileiro que mais desmata a floresta amazônica. Entre agosto de 2019 e julho de 2020, foram cerca de 1.880 km² de áreas na região, um aumento de 31% em relação ao mesmo período entre 2018 e 2019.” (MOTA, 2021, p. 27-28).

centro do capital (como EUA e a Europa) e os da periferia (Sul Global), como no Brasil. Aqui, o Agronegócio condiciona o país a se inserir “(...) de forma regressiva na economia mundial, reprimarizando sua economia e criando uma enorme dependência industrial, tecnológica e financeira estrangeira, com impactos sociais, econômicos e ambientais destrutivos” (MITIDIÉRO JUNIOR; GOLDFARB, 2021). É nesse sentido que é trabalhado o conceito de dependência (na perspectiva da Teoria Marxista da Dependência – TMD) para enfatizar e ratificar a dependência e subordinação do Agronegócio brasileiro ao capital internacional, seja ele comercial e/ou financeiro-especulativo (XAVIER, 2017; SILVA, 2021). Segundo Silva (2021, p. 15), “o capital estrangeiro introduz-se na fraternidade do poder das classes dominantes, chegando a converter-se em hegemonia. As relações de produção são modificadas e recriadas para assegurar a reprodução da dependência”.

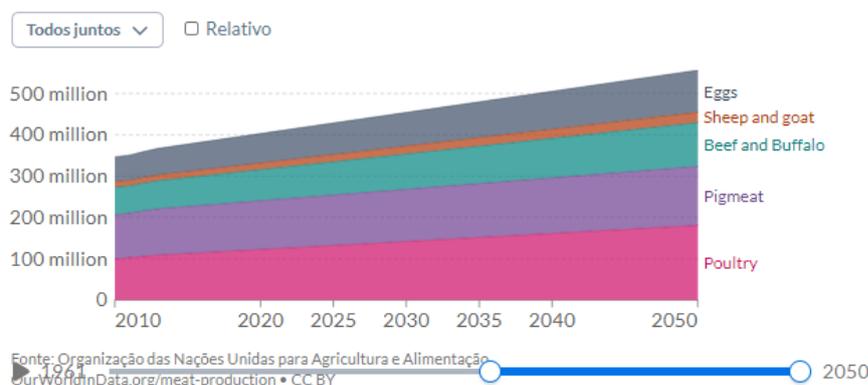
A indústria animal é protagonista no mercado global de alimentos, tem papel significativo no sistema capitalista e influencia políticas de países inteiros. Esse mercado é dominado por algumas empresas multinacionais que priorizam o lucro em detrimento dos animais e da sustentabilidade ambiental. Isso tudo em oposição também ao interesse da classe trabalhadora (MANNI; MAURIZI, 2023). Alguns dados ilustram essa condição de dependência que o modelo econômico brasileiro tem do Agronegócio. Bruno de Oliveira (2022) diz que o Brasil abraçou sua “vocação agrícola” como um país agroexportador, principalmente de grãos como soja e a “carne” animal. Em 2019, o Brasil teve um “superavit” comercial (exportou mais que importou), tendo saldo positivo de 49 bilhões de dólares. O papel do Agronegócio   dominado pela exporta o agropecuária e a indústria extrativa, ou seja, a venda de matérias-primas: soja, petróleo, minério de ferro e milho são os principais produtos de exporta o. Falando especificamente da “indústria animal”, outro setor de grande expressão   o de carne congelada desossada de bovino, representando 2,50% e pedaços de galos/galinhas (2,15%) (“produtos da indústria de transforma o”) (MITIDI RO JUNIOR; GOLDFARB, 2021, p. 5).

Abaixo há um gráfico baseado em estimativas publicadas pela FAO (Organiza o das Na es Unidas para Alimenta o e Agricultura) sobre o consumo global de carne (1997 a 2050). Foi feito um recorte (2010 a 2050) visando evidenciar os últimos treze anos (2010-2023), somada a proje o⁵⁶ para os próximos anos. “Os dados de 1961-2013 são baseados em

⁵⁶ A ferramenta não permitia limitar até o ano vigente. “As proje es são baseadas em proje es populacionais futuras e os impactos esperados das tendências de crescimento econômico regional e nacional na carne consumo.” (OURWORLDINDATA.ORG, 2023). Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/global-meat-projections-to-2050?time=2010..2013&facet=none>. Acesso em: 26/12/2023.

estimativas publicadas da FAO; de 2013-2050 com base nas projeções da FAO” (OURWORLDINDATA.ORG, 2023).

Imagem 3 – Consumo global de carne



Fonte: ourworldindata.org (adaptado pelo autor, 2023)

Facilmente observa-se no gráfico o crescimento acelerado do consumo animal ao longo das décadas, com tendência de crescimento contínuo.

É importante entender a totalidade complexa que se constitui o Agronegócio brasileiro (a sociedade capitalista de forma geral). Apesar desse “setor” não se limitar à produção propriamente dita de alimentos de origem animal, o capital da carne movimentou os diversos setores e cadeias que compõem o Agronegócio. Isto é, tomemos como exemplo uma multinacional fictícia – chamaremos de *Food* – que tem como único setor econômico a produção de milho.⁵⁷ A *Food*, precisará de grandes latifúndios para a monocultura de milho para atender à demanda do(s) mercado(s), gerando diversos impactos⁵⁸ ambientais: uso de agrotóxicos, empobrecimento do solo, poluição da água (lençóis freáticos e corpos hídricos), além de desmatamento, provocando alterações no clima, afetando direta e indiretamente o bioma e os animais.

Ou seja, o *modus operandi* do Agronegócio brasileiro vai de encontro à vida e ao projeto de libertação dos animais (humanos e não-humanos) como também dos solos, das águas, entre

⁵⁷ Por mais que saibamos que não é assim que funciona, pois, as multinacionais atuam em diversos segmentos controlando o mercado mundial de alimentos. Conferir em: <https://ojoioetrigo.com.br/2020/04/como-as-gigantes-de-ultraprocessados-dominaram-o-estomago-do-brasileiro/> e <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/05/as-maiores-empresas-de-alimentos-do-mundo-em-2022/>. Acesso em: 26/12/2023.

⁵⁸ Ver: <https://www.ecycle.com.br/monocultura/> e <https://core.ac.uk/download/pdf/211934062.pdf>. Acesso em: 26/12/2023.

outros. Esse modelo, além de ser a “maior força exploradora de animais” é também “o inimigo da justiça no campo, das agriculturas sem terra e dos povos da floresta” (GUIMARÃES, 2019). A questão ambiental é a problemática que mais motiva as pessoas a se tornarem vegetarianas/vegnas, fazem isso ao questionar os problemas provocados pelo Agronegócio (ambientais e crueldade animal) (SOUSA, 2021). Por esses e outros motivos, a luta pela libertação animal deve caminhar junto da luta pela terra, a luta do MST e dos povos originários. “Só quando nos unirmos às outras lutas de justiça social poderemos vencer um inimigo tão poderoso” (GUIMARÃES, 2019, p. 17).

As multinacionais do ramo dos alimentos ultraprocessados (incluindo também bebidas como refrigerantes e refrescos artificiais) e os gigantes monopólios que movimentam o Agronegócio mundial, em especial no Brasil, são mais um exemplo de como atualmente a exploração animal não constitui apenas uma parte marginal à reprodução do capital, mas um elemento central. “As empresas envolvidas no financiamento de experimentos com animais são algumas das maiores multinacionais do mundo” (MONTEIRO; SIQUEIRA, 2015, p. 58). Uma das principais razões da exploração animal se dá pelo fato de ser lucrativa, e esse lucro não é exclusivo da indústria de carne como uma entidade única e particular, faz parte de um modelo de produção social que obtém lucros a partir da exploração dos animais (não-humanos), natureza e também os humanos. Portanto, “a indústria da carne não será destruída até que o capitalismo de mercado seja destruído, pois, é este último que fornece ímpeto e iniciativa para tal indústria” (DOMINICK, 2019, p. 11). É nesse sentido que urge a necessidade da defesa de um “projeto coletivo de movimento anticapitalista com uma orientação de luta de classes, anti-imperialista e socialista” (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019), colocando a indústria de carne como central na exploração animal.

A estratégia de colocar a indústria da carne como central na exploração animal é por compreender que o desenvolvimento do capitalismo é estruturado nesse setor, “o capital da carne”. Contudo, vale ressaltar que essa indústria é apenas um componente de um sistema de produção político-econômico-social que compõe o Agronegócio brasileiro, pois “é impossível dissociar o consumo de carne, a criação de gado, as práticas destrutivas, portanto, o desmatamento e os megaincêndios florestais da macroeconomia, do mercado internacional de

commodities e do sistema capitalista global” (PAVAN, 2020).⁵⁹ Ou seja, tanto economicamente, quanto politicamente,

o capital da carne hoje forma o centro de gravidade para a exploração e opressão dos animais no capitalismo”, com redes formais e informais de grupos de interesse, mídia, aparato estatal, partidos e políticos, tem-se conseguido manter – o que as autoras chamam de – uma “hegemonia da carne (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019).

O Agronegócio também tem influência nas políticas públicas e em outras esferas governamentais (entre os grupos econômicos e o Estado), e essa se dá por intermédio das “associações de classe ou setoriais encarregadas da intermediação de interesses” (SILVA, 2009, p. 4). No Agronegócio brasileiro, a principal entidade nacional é a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), bem como seu “braço forte político” que defende seus interesses no Congresso Nacional: a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) também conhecida como “Bancada Ruralista” ou “Bancada do Boi”, que compõe uma das maiores e mais organizadas bancadas “formada por deputados que defendem os interesses dos grandes agricultores” (Idem)⁶⁰.

Atualmente a FPA é a “principal expressão política do agronegócio dentro do Estado” e junto à Frente Parlamentar há um braço articulado e organizado com diversas instituições da sociedade civil que reúne empresas, cooperativas e associações sindicais patronais com o intuito de atender aos interesses do Agronegócio (OLIVEIRA, 2022). Essa hegemonia da carne é mantida, pois essa bancada – organizada e articulada – representando os interesses do Agronegócio cria e aprova (se articulam para pressionar a aprovação de) projetos que atendam aos interesses dos representantes do Agronegócio. Esses interesses reproduzem a estrutura especista, pois mantém girando a engrenagem do lucro dessa elite que segue moendo a vida dos animais (SILVA, 2009)⁶¹. Para Perissinotto e Codato (2009, p. 258), “são esses ‘porta-vozes’ os responsáveis por introduzir a luta de classe no âmbito das lutas político-institucionais (...)”, pressupondo assim, a relação entre a bancada ruralista e a classe (ou frações) que compõe o Agronegócio (OLIVEIRA, 2022). A atuação dessa bancada se dá em duas frentes defensiva e ativamente. Defensivamente contra “reforma agrária, aumento de regulamentação ambiental e

⁵⁹ A relação entre a exploração dos animais e o capital não se desassocia de outras relações do modo de produção capitalista, na verdade, “a indústria da carne forma o prisma através do qual o desenvolvimento capitalista pode ser visto em sua totalidade.” (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019).

⁶⁰ Ver em: <https://www.camara.leg.br/tv/173773-bancada-ruralista/>. Acesso em: 26/12/2023.

⁶¹ Para Silva (2009, p. 5): (a) “há uma forte percepção de que tal grupo consegue legitimar suas demandas junto ao Estado nas esferas de governo local, estadual e nacional”; esse grupo tem um (b) “sistema de representação de interesses organizado” e “uma bancada com atuação destacada no Congresso Nacional”; sendo assim, (c) sempre foi fácil para elites econômicas brasileiras influenciarem as decisões públicas e a sociedade em geral.

reforço de direitos de minorias” e ativamente a favor “de interesses mais gerais dos proprietários de terras e empresas do agronegócio” relativos à “propriedade da terra, como a flexibilização de leis ligadas ao meio ambiente e demarcações de terras indígenas” (Idem).

Assim, ao analisar os discursos dos ativistas veganos percebe-se como as pautas do Veganismo Popular são totalmente opostas à atuação da Bancada Ruralista. O Veganismo Popular luta contra a “crise ambiental, as mudanças climáticas, o consumismo, a produção em larga escala são alguns dos aspectos implicados no debate da causa vegana” (SOUZA, 2022, p. 22). E o capitalismo é responsável por promover a exploração animal, além de considerar a natureza como recurso disponível a ser usado. O(s) veganos(as) populares se opõem às “regras de mercado e buscam pressionar os governos institucionais, representantes políticos por causas ecológicas, ambientais e veganas. Incomodando grupos políticos expressivos como a Bancada Ruralistas, as indústrias de alimentos processados (...)” (Idem, p. 80).

Outra forte influência que o Agronegócio detém no Brasil é o controle midiático reproduzindo assim, sua ideologia, seus ideais, ou seja, seus interesses. E como pontuamos, esses interesses são inversamente proporcionais à vida e liberdade dos animais, como também antagônicos aos interesses do Veganismo Popular. Portanto, torna-se fundamental pautar a questão animal na contramão dos meios de comunicação da grande mídia que reforçam diariamente o discurso do “Agro é POP”, normalizando práticas que impactam negativamente a natureza. Negrini (2019, p. 112), ressalta que é sempre importante lembrar o “papel dos grandes meios de comunicação, não apenas como reprodutores da cultura dominante, mas também como detentores de ativos do agronegócio”. A mídia hegemônica atende aos interesses da classe à qual ela pertence ou se associa, portanto, à burguesia. Logo, sua produção e reprodução ideológica vai ao encontro do capital e visa obter lucros – direta ou indiretamente. A peça publicitária massivamente reproduzida no maior canal da TV aberta brasileira (Rede Globo)⁶² apresenta as “vantagens do agro”, o quanto ele é *pop*, *tech* e é *tudo*. Porém, a realidade do Agronegócio difere do que essas propagandas tentam mostrar. Vegetal Vermelho também comenta sobre isso, ao enfatizar que se torna fundamental entender que o especismo se configura como uma estrutura coletiva.

⁶² Os “(...) Em 2018, o Intervozes e o Repórter Sem Fronteiras lançaram uma pesquisa em que revelam que grande parte dos maiores grupos de comunicação do Brasil, que controlam os principais veículos, tem relações com o agronegócio (INTERVOZES, 2018). O estudo mostra relações históricas como as do Grupo Folha, Globo e família Saad, da rede Bandeirantes, com grandes investimentos e propriedade de terras no país. As relações da grande mídia invisibilizam as disputas pelos direitos dos trabalhadores do campo e o acesso a terra.” (NEGRINI, 2019, p. 112).

“Quando a gente nasce, a gente é convencido pelos aparelhos ideológicos – que querem reproduzir essa estrutura – que o ‘agro é pop’, que ‘isso é bom pra nossa economia’; e mais do que isso, que ‘o nosso corpo ele não é capaz de viver sem consumir carne’ [...]” (Vegetal Vermelho).

O que Vegetal Vermelho não diz é que a sociedade que a gente nasceu e vive é uma sociedade capitalista e nessa sociedade o especismo é uma questão historicamente construída, porém, sob um véu ideológico, o especismo opera como natural, normal. Assim, ele afirma que quem “funda essa visão”

“são os donos do Agronegócio, são as pessoas que estão efetivamente enriquecendo às custas de propagandas. Que tão financiando propaganda pra TV. Que tão financiando esse canal que diz que ‘o agro é pop’. Então, a gente tem que tentar combater esses males pela raiz, por essa estrutura coletiva que antecede” (Vegetal Vermelho).

Em outros termos, esses “responsáveis” são os indivíduos e famílias que compõem a classe que detém e/ou comandam esses aparelhos ideológicos. Outro ponto: quando ele afirma que precisa “*combater esses males pela raiz, por essa estrutura coletiva que antecede*”, está falando do especismo que se sustenta no capitalismo.

O Agronegócio, como uma estratégia (midiática e propagandística) de desvincular ou desassociar a lógica da imagem “comercial”, “mercadológica” do campo e do rural, deixou de utilizar “Agronegócio” e passou a adotar apenas “agro”. Essa estratégia de suprimir, de reformular e evidenciar apenas o prefixo “agro” não é por acaso ou só para tornar o nome mais fácil ou mais popular. Evidenciar apenas “o agro” oculta a ideia de “negócio”, do lucro. Oculta a “cultura” (da agricultura) – o caráter de produção de alimentos e cultura alimentar e desvia a atenção do “agro(tóxico)” – escondendo também os venenos utilizados e suas consequências (MITIDIERO JUNIOR; GOLDFARB, 2021; POMPEIA, 2021). Outra campanha publicitária que chama atenção é a “*Agro - A Indústria - A Riqueza do Brasil*”, que procura “conquistar o consenso na sociedade brasileira” de que é esse setor que “assegura a economia nacional, sendo ele a ‘riqueza do Brasil’” (MITIDIERO JUNIOR; GOLDFARB, 2021, p. 1). Se tratando do Agronegócio, a indústria animal tem seu destaque inegável. O patrocínio milionário dessa campanha foi feito pela JBS⁶³, “maior empresa de carnes do mundo” e pela Ford, “indústria automotiva com produtos direcionados à agropecuária” (Idem).

⁶³ “Possui mais de 400 filiais em 15 países e abate diariamente até 75.000 bovinos, 115.000 suínos, 14 milhões de aves e 16.000 cordeiros. Juntos, isso soma mais de 210.000 toneladas de carne por mês.” (MAENNEL *et al*, 2021, p. 26).

Há uma contradição fundamental para compreender como se dá a essência do Agronegócio brasileiro. Ele é vendido (literal e literariamente) como o grande setor da economia que alavanca o PIB, reduz a inflação e mantém a balança comercial em superávit. Esse setor “discursiviza a si próprio e é discursivizado por instituições midiáticas e governamentais como um dos principais responsáveis pela movimentação da economia em nosso país” (ALVES FILHO, 2020) e aparece como o grande responsável por alimentar o Brasil (PONTES, 2020). Porém, esse setor é rodeado de mitos e um deles é referente ao PIB, em que é feito um “cálculo capcioso” que inclui desde o prego da cerca ao medicamento do cavalo. Sendo assim, “se limitarmos o agronegócio ao que efetivamente produz – ou seja, plantas e animais –, a sua participação real no PIB não chega a 7%, segundo cálculos do IBGE” (GOMES, 2022).

Sob o Agronegócio é construída uma imagem que apresenta sua “relevância econômica” sendo maior do que realmente é, além do fato de desfrutar de vastos incentivos fiscais e pagar poucos impostos (MITIDIERO JUNIOR; GOLDFARB, 2021; GOMES, 2022). Uma das características fundamentais para o sucesso do Agronegócio brasileiro é devido à produção discursiva desse setor. Por isso é fundamental a elaboração de discursos que antagonizem essa “produção discursiva” do Agronegócio. O sucesso comercial dessas empresas se dá por sua produção discursiva que enaltece sua produção (econômica), enquanto silencia os sentidos relacionados à matéria-prima (animais) e o modo de produção (ALVES FILHO, 2020).

Apesar dessa supervalorização, não se pode negar o peso e relevância desse(s) setor(es) no modelo econômico brasileiro. Não obstante, vale ressaltar que essa importância não se dá por fatores “naturais” e/ou “geológicos” pelo fato do Brasil ser a terra onde “plantando tudo dá”, mas pelas condições materiais e históricas que foram consolidando o país (América Latina de forma geral) como o “celeiro do mundo”⁶⁴. A carne bovina foi o segundo produto mais vendido no ano de 2019 com US\$ 7,6 bilhões, ficando atrás apenas da soja – maior produto de exportação (US\$ 26 bilhões). Já no ano de 2020, segundo a CNA, o país exportou US\$ 4,2 bilhões em carne bovina in natura (MITIDIERO JUNIOR; GOLDFARB, 2021). Esses dados mostram a dimensão da indústria animal no modelo econômico brasileiro, reforçando a importância de compreender o especismo, a exploração animal (e o veganismo) na totalidade

⁶⁴ Ler: “Esse ufanismo de que o Brasil é o celeiro do mundo é uma falácia”. Disponível em <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/esse-ufanismo-de-que-o-brasil-e-o-celeiro-do-mundo-e-uma-falacia/14562>. Acesso: 26/12/2023.

do sistema capitalista. Muitos dos animais nessa indústria morrem bem antes do abate, outros tantos também acabam morrendo devido às más condições de criação.

Feitas as considerações sobre o Agronegócio brasileiro e como este compõe a totalidade do modo de produção capitalista, sendo um complexo que se relaciona direta e indiretamente com a exploração animal (e da natureza), percebe-se como esse “setor” possui influência econômica, política e ideológica na sociedade brasileira. A manutenção da dependência econômica brasileira ao modelo do Agronegócio é também a permanência da exploração animal, pois esse é fruto de uma lógica especista que sustenta o modo de produção capitalista no qual animais são concebidos como mercadorias para perpetuação de uma elite, de uma classe (OLIVEIRA, 2022). Enquanto a sociedade brasileira tiver como base econômica o capitalismo – utilizando a natureza como recurso, sob essa base existirá o Agronegócio. (SILVA, 2009, p. 16). Ao passo que

Enquanto a comunicação pública governamental divulga estatísticas do agronegócio, como sinônimo acrítico de progresso e desenvolvimento, é a comunicação pública do ativismo animal denuncia que, por trás de cada animal explorado e morto, estamos colocando em perigo nossa própria espécie, colocando em xeque a sustentabilidade do planeta (NEGRINI, 2019, p. 159).

É com esse entendimento da realidade concreta que emerge um movimento vegano que pauta sua práxis no enfrentamento desse modelo de sociedade, o Veganismo Popular. Trata-se de um movimento defensor de uma forma de organização da agricultura baseada nas práticas agrícolas compatíveis com a natureza e não contrárias a ela, preservando a(s) cultura(as) e não o negócio. Apesar dessa compreensão/conceituação de veganismo e dessa terminologia (que não se reduz ao nome) ainda ser pouco debatida no campo acadêmico brasileiro, há uma efervescência desse debate em coletivos veganos (populares) e com grande destaque no espaço digital, sendo nesse espaço da Internet que estão os discursos analisados nesta pesquisa. É nesse sentido que a discussão do próximo capítulo ganha forma, ao compreender como a Internet pode ser um espaço que possibilita a reprodução dos discursos dos ativistas do Veganismo Popular e de que maneira a Internet funciona como uma ferramenta estratégica para esses ativistas (e para essa corrente do veganismo).

Capítulo 2 – Veganismo Popular e digital: a Internet como ferramenta (e estratégia) de divulgação, popularização e contra-argumentação

Neste segundo capítulo, discutiremos a importância da Internet, redes sociais e plataformas digitais como espaço e ferramenta de divulgação, popularização e constituição de um discurso vegano. Nosso foco será o *Youtube*, pois é onde se encontra o objeto desta pesquisa. Visto que o objeto de estudo é o discurso dos ativistas digitais, é imprescindível fazer uma discussão a respeito da (relevância) Internet⁶⁵ como espaço que possibilita a formação desses discursos, ademais, ser uma ferramenta de divulgação, popularização do movimento vegano e da luta antiespecista. Outrossim, como esse espaço possibilita a mobilização de sentidos de um discurso que se pretende ser contra-argumentativo e contra-hegemônico que dará “voz” ao Veganismo Popular, criando suas próprias perspectivas sobre a realidade em que vivem, podendo manifestar seus posicionamentos contrários (ao especismo e ao Veganismo Liberal) contestando estereótipos e discursos (LIMA *et al.*, 2017).

A discussão sobre o veganismo está presente em diversas plataformas e mídias sociais. Empiricamente, observa-se que os coletivos veganos populares (exemplos nacionais: União Vegana de Ativismo – UVA e a ANTAR – Poder Popular Antiespecista, dentre outros locais) e a Internet, são os dois espaços que vão comportar as principais discussões, pautas e reivindicações sobre o Veganismo Popular (bem como o Veganismo Liberal) e sua (re)afirmação enquanto um movimento político (antiespecista, radical, anticapitalista e interseccional). É também nesses espaços que suas formas de ativismo se materializam.

A Internet é o “principal meio de comunicação consultado pelos veganos na busca de informações, além de ser uma ferramenta de sociabilidade. É através dela que são estabelecidos os primeiros contatos entre as pessoas interessadas no tema e o veganismo” (PINTO, 2008, p. 21). Atualmente existe uma variedade de “influenciadores digitais” que vão produzir conteúdos sobre o veganismo nas redes sociais visando promover conhecimento/informação a uma quantidade maior de pessoas e “mostrar que o veganismo pode ser uma alternativa possível e adaptável para diferentes realidades” (SILVA, 2020, p. 32).

Como vimos, é na Internet que os atores desta pesquisa vão produzir seus discursos: “A partir da incorporação da Internet, os ativistas expandem suas atividades tradicionais e/ou

⁶⁵ Trazendo o recorte do *Youtube*

desenvolvem outras” (RIGITANO, 2005, p. 3). E o *Youtube* foi a plataforma escolhida para coletar esses discursos. Desde sua fundação em 2005 e conseqüentemente sua aquisição pelo *Google* em 2006, o *Youtube* passou de um “repositório de vídeos amadores” para se transformar na “maior plataforma de vídeo online do mundo” (STATISTA, 2023). Paula da Silva (2019) destaca a produção de conteúdos “originais” de autoria do(a) próprio(a) usuário(a). Essa característica de produção de conteúdo (próprio) possibilitou que essa plataforma ganhasse visibilidade tanto na imprensa, quando na Academia, se tornando tema de livros e estudos de diversas abordagens.

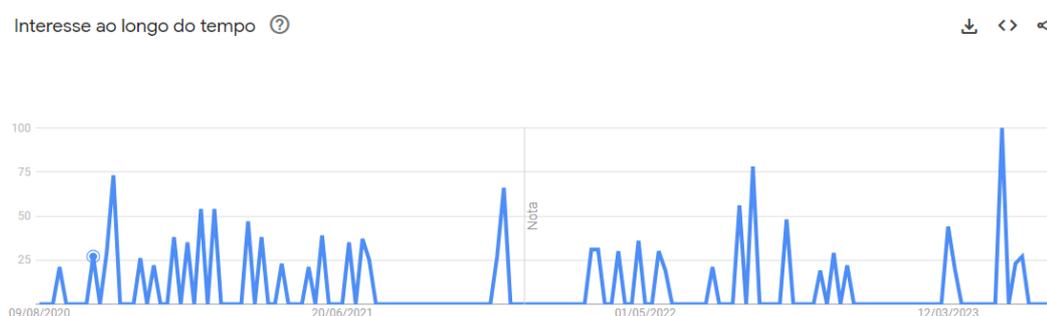
O *Youtube* foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do *PayPal*, em junho de 2005. A inovação era tecnológica (mas não exclusiva): o *Youtube* era um dos vários serviços que tentavam eliminar as barreiras técnicas para o compartilhamento de vídeos (BURGESS; GREEN, 2009). A plataforma segue em constante adaptação às novas dinâmicas e demandas dos(as) seus(as) usuários(as). Em 2022, contabilizou mais de 2,56 bilhões de usuários(as) consumindo conteúdo da plataforma pelo mundo. Em abril de 2022, por minuto, foram postadas cerca de 500 horas de vídeos, indicando um aumento da procura por conteúdos desse tipo na Internet. O que começou como uma plataforma para conteúdo original, recentemente lançou uma nova classe de produtores de conteúdo com grandes audiências (STATISTA, 2023).

Essencialmente, o site se trata de um repositório de conteúdo audiovisual que apresenta ferramentas para registro de vídeo e áudio, transmissão ao vivo, edição de vídeo e áudio, distribuição do conteúdo para usuários, medição de audiência e monetização do conteúdo publicado. Além disso, o site dispõe de espaços de interação entre usuários com a possibilidade de cadastro de comentários e de resposta a comentários, manifestação de opinião com botões de ação de gostei e não gostei², possibilidade de compartilhamento do conteúdo com outras redes e mensagem privada para o usuário (LEITE, 2019, p. 21).

A Internet, suas ferramentas, plataformas, redes sociais, etc., estão cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. É impossível, atualmente, não considerar a presença da Internet na dinâmica do dia a dia. Para Araújo, Penteadó e Santos (2011, p. 9) “as diferentes mídias fazem parte, direta ou indiretamente, da maioria do cotidiano da população, seja como meio de trabalho, ferramenta de entretenimento, mecanismo de interação social ou mesmo fonte de informação”. Dentre essas características, os canais dos ativistas escolhidos funcionam como fonte de informação devido ao tipo de conteúdo: “Cada vez mais, a atuação dos movimentos sociais nas plataformas digitais, especificamente o veganismo, vem apresentando críticas éticas e estéticas ao sistema agroalimentar” (SANTOS, 2022, p. 28).

O discurso sobre o Veganismo Popular vem se modificando com a ampliação das discussões e veiculação de informações na Internet, movimentos, ativistas e militantes veganos(as) estão cada vez mais presentes e atuantes nas diversas plataformas e redes sociais. O “*Google Trends*” é uma ferramenta própria do *Google* que consegue medir a “popularidade” de termos mais buscados na plataforma. Foi pesquisado o termo “Veganismo Popular” com o intervalo de busca de 2020-2023 para ter uma ideia do interesse pelo termo nesses anos (até julho de 2023). Observa-se abaixo o gráfico gerado pela própria ferramenta, do intervalo consultado:

Imagem 4 – print do gráfico do “*Google Trends*”



Fonte: *Google Trends* (adaptado pelo autor, 2023)

O termo começou a ter uma expressividade entre agosto e setembro de 2020, tendo um pico em outubro de 2020, até julho de 2021 manteve-se uma regularidade próxima ao 50⁶⁶. De agosto até metade de novembro de 2021, o interesse se manteve no 0, até atingir outro pico no começo de dezembro de 2021. Durante o ano de 2021, o termo manteve uma regularidade nas buscas entre 25 e 75. No começo de maio de 2023 foi quando alcançou o ponto máximo do intervalo consultado, 100. Apesar da regularidade, é possível notar uma leve tendência de crescimento no interesse pelo termo “Veganismo Popular”.

Além dos canais dos ativistas desta pesquisa, existem outros vídeos em alguns canais no *Youtube* que tratam do Veganismo Popular: (1) O canal da UVA foi criado em 2020 e possui 83 vídeos postados. (2) O vídeo “LIBERTAÇÃO ANIMAL, VEGANISMO POPULAR E ECOSSOCIALISMO” do canal “Chavoso da USP” foi postado há dois anos e possui 116 mil visualizações. (3) O vídeo “Veganismo anticapitalista | 019” do canal “Tese Onze” é o mais

⁶⁶ “Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto do gráfico para a região e o intervalo de tempo especificados. Um valor de 100 é o pico de popularidade do termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não houve dados suficientes para este termo.” (GOOGLE TRENDS).

antigo, postado há 5 anos e totaliza 86 mil visualizações. (4) O documentário “Vegano Periférico” que fala do veganismo a partir da perspectiva de Leonardo e Eduardo, dois irmãos ativistas da periferia de Campinas/SP e fundadores do perfil @veganoperiferico, foi postado no canal “Mídia NINJA” em 2020 e conta com mais de 140 mil visualizações. (5) Ellen Monielle (que também está no *Instagram* com o perfil @eco.fada) tem uma fala no TEDxSaoPaulo (canal “TEDx Talks”) com mais de 1.500 visualizações, o vídeo “A favela também pode ser vegana” foi postado em março de 2021.

Essa maior presença também é vista no *Instagram*, cito alguns perfis que tratam do Veganismo Popular sob diversas perspectivas de conteúdo: @renatolibardi, @uiaoveganadeativismo, @antarvegan, @valter.ponto, @veganoricca, @logoeunutri, @veganoperiferico, @sapavegana, @carla.candace, entre outros. Com os limites de uma pesquisa de mestrado precisei deixar de lado uma parte do diverso universo desse tema, reafirmando a importância do recorte.

O conteúdo hospedado no *Youtube* é de responsabilidade do(a) seu(sua) produtor(a), esse conteúdo é disponibilizado para acesso dos(as) usuários(as) da plataforma nos “canais”. “Canais são como são designadas as contas dos usuários cadastrados no site por meio de uma conta *Google*, conta essa que interliga todos os produtos digitais da marca. Uma vez criada uma conta *Google*, o usuário poderá realizar o upload de um material audiovisual para o *YouTube* e começar a utilizar as ferramentas da plataforma” (LEITE, 2019, p. 21). Nesse sentido, a autora destaca que a plataforma funciona/age como mediadora desses conteúdos, estabelecendo uma relação “entre produtores de conteúdo, usuários consumidores e patrocinadores” (Idem).

O *Youtube* também se configura como um espaço onde as pessoas podem “representar suas identidades e perspectivas”, bem como, conhecer outras, permitindo o contato com diferenças culturais (DURE; CEOLIN, 2016). Podemos observar essa representação das perspectivas pelo modo como os ativistas vão ratificar como entendem o veganismo, Vegano Vitor fala: “do meu ponto de vista...”; “eu acho...”. Vegetal Vermelho diz: “Eu não quero...”; “Eu tenho a impressão...”. Essa plataforma vem sendo largamente utilizada por pessoas, membros(as) de “diferentes minorias sociais”, que por compor essas “minorias” não possuem um espaço amplo para debates e participação política, e encontram no *Youtube* um canal para pautar suas reivindicações (BARREIRA; MAIA, 2020, p. 45).

Para as autoras, “A ideia da qual nasce o *Youtube*, em si mesma, é uma intervenção, visto que fomenta e potencializa a criação e compartilhamento de vídeos que tratam de temas diversos, a partir de pontos de vistas diferentes, trazendo certa diversidade” (BARREIRA; MAIA, 2020, p. 45). Uma pesquisa conduzida pelo *Google* em 2017 apontou que “sete em cada 10 brasileiros acreditam que o *YouTube* reflete a diversidade ao seu redor, proporcionando voz e opinião” (GOMES, 2019, p. 14). Essa possibilidade de compartilhamento de perspectivas distintas é fundamental quando o tema é veganismo, por haver uma certa hegemonia ao tratar desse tema na plataforma (na Internet de modo geral), a maioria fala do veganismo restringindo à alimentação (receitas) e não faz um debate político da exploração animal. E quando faz, não faz uma crítica às raízes do problema. Os canais de Vegetal Vermelho e Vegano Vitor falam do veganismo no tocante à politização do movimento: “*Veganismo é um posicionamento político, é um posicionamento moral, é um posicionamento ético, é uma forma diferente de ver o mundo*” (Vegano Vitor). “*O veganismo é sim um movimento político*” (Vegetal Vermelho).

Essa reafirmação é por entender que esse é um movimento político que questiona as formas de compreender o mundo, que crítica a exploração por enxergar os outros animais como seres políticos que possuem a liberdade de viver e que suas necessidades e individualidades devam ser respeitadas. Essa ratificação é também em razão de não esvaziar o sentido político do movimento e o reduzir a escolhas pessoais e/ou estilos de vida. O coletivo “Vegano Periférico” diz que comer é um ato político, pois “traz para o debate o sistema de sociedade vigente e propõe um modelo alternativo de resistência e combate ao especismo animal” (SOUZA, 2022, p. 22). A compreensão de político debatida aqui é no sentido do materialismo histórico, saindo do campo idealista e moralista que mobilizam sentidos de apenas uma “mudança de olhar e consciência”, ou seja, a questão animal é política, pois sua existência deve ser teorizada a partir de uma reorganização das relações produtivas e sociais (MANNI; MAURIZI, 2022).

O Veganismo Popular é um movimento que vai de encontro à hegemonia do que é o veganismo e a Internet se mostra fundamental para a articulação desses grupos “não hegemônicos”, é nesse espaço que eles ganham uma importância política. “No espaço virtual toda essa multiplicidade de grupos, não hegemônicos, com bandeiras de lutas diferentes ganham ‘voz’” (DUARTE; COLLAÇO, 2016, p. 2). Antonia Artico (2015, p. 11) se propôs a

entender o movimento vegano abolicionista⁶⁷ enquanto um movimento social contra-hegemônico e assim pôde perceber algumas características comuns entre esse e outros movimentos sociais. As ferramentas de mídias sociais, sob o uso de “coletividades subalternas”, possibilitam que esses grupos tenham espaços de produção discursiva mais ampliado e diversificado, permitindo que esses agentes sejam “lidos, vistos e ouvidos” (LIMA *et al.*, 2017, p. 9).

Com o desenvolvimento da tecnologia e conseqüentemente da Internet, as formas como os sujeitos interagem sofreram mudanças (VARGAS, 2020). “A popularização do acesso à Internet pelo uso das plataformas de mídia social tem incorporado transformações nas relações humanas e, hoje, são esferas onde os usuários expressam suas opiniões e participam do debate público sobre diferentes temáticas” (RODRIGUES; PENTEADO; OLIVEIRA, 2022, p. 2). É *online* que os ativistas, sujeitos dos discursos se posicionam e tomam posições nos seus discursos (VARGAS, 2020). É através do *Youtube* que Vegano Vitor e Vegetal Vermelho fazem com que seus pensamentos e posicionamentos produzam efeitos de sentidos (discursivos), eles utilizam do *Youtube* para legitimar seus discursos (LIMA, 2017). O discurso que o sujeito “‘joga’ na internet, ou seja, o discurso postado, compartilhado no mundo digital” (VARGAS, 2020, p. 37), é o foco da pesquisa. Esse discurso é apreendido pelo analista e por isso se constitui em efeitos de sentido em (para) uma Formação Discursiva determinada. Ferrigno (2012) ressalta a importância da Internet na difusão do veganismo (assim como no processo de articulação ativista). Essa incorporação e apropriação da Internet (entre outras tecnologias) pelos movimentos “faz surgir uma nova forma de ativismo: o “ciberativismo”⁶⁸ (Idem, p. 8).

O ciberativismo possibilita que a sociedade contra-arguente sobre paradigmas e promova uma maior conscientização política (NOGUEIRA; CÂMARA, 2018). É justamente nessa lógica que os discursos de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho se inserem, eles usam a plataforma do *Youtube* para contrapor padrões (ideológicos e discursivos) já construídos. Silva (2020) destaca que com o recorte do Veganismo Popular, o ciberativismo pode ajudar a divulgar a causa e os desdobramentos do movimento para mais pessoas. O ciberativismo é o uso das tecnologias de informação e comunicação, tanto por movimentos sociais quanto por ativistas

⁶⁷ Sob uma perspectiva política do termo, o que a autora chama de “vegano abolicionista”, chamo de “Veganismo Popular”.

⁶⁸ Lembrando que quando falo da práxis do(a) ativista digital, não estarei reduzindo-a apenas ao digital. A internet é um dos espaços de ação.

(ALCÂNTARA, 2016), “voltado para a comunicação, organização, politização, mobilização e difusão dos conflitos societários em realidades difusas” (SANTOS, 2022, p. 60).

Uma das considerações que Artico (2015, p. 135) faz com relação ao ciberativismo é de que esse “(...) é um dos grandes responsáveis por projetar visibilidade e, conseqüentemente, imprimir força aos movimentos sociais da atualidade e, entre eles, está o movimento abolicionista vegano.” Bittencourt (2021, p. 22) também ressalta a importância do uso da Internet (principalmente na comunicação) como uma estratégia de sensibilização para um Veganismo Popular. Atualmente esse espaço “não pode ser subestimado ou negligenciado (mesmo em suas evidentes limitações)”⁶⁹ Em 2019, falando sobre o impacto da Internet (da “cultura digital), Bernardo Esteves (2009) ressalta faltar naquele momento um “recoo histórico” para poder discutir com mais afinco sobre os efeitos, porém, ele aponta para uma “mudança de paradigma”, que alguns conceitos seriam (e estavam sendo) modificados profundamente, conceitos esses que “estavam bastante cristalizados na nossa sociedade”. Analisando hoje o discurso dos ativistas digitais, é possível perceber o intento desses para re(alterar) também – a partir da FD vegana popular – alguns conceitos, definições e pensamentos acerca do veganismo.

No que concerne ao Veganismo Popular, podemos fazer o exercício de observar alguns títulos entendendo-os como sequência discursiva, para perceber como eles produzem esses sentidos de confrontar um já-dito acerca do veganismo: 1) “Veganismo é um estilo de vida ou uma pauta política?”; 2) “Veganismo Estratégico vs Veganismo Político”; 3) “Finalmente!! boicotar produtos ou marcas?!?!”; 4) “Resposta ao Vegetarirango - Interconexão entre veganismo e os movimentos de Direitos Humanos” e 5) “O desmatamento é culpa de quem come carne? Veganismo Liberal e a culpabilização do outro”. Essas perguntas denotam questionamentos que resgatam uma memória discursiva onde há um efeito de sentido de que já existe um “normal”, um já estabelecido/definido. E é sobre esse “já” que os ativistas vão produzir seus discursos, porém, no sentido de uma contra-argumentação.

Alguns vídeos tanto de Vegano Vitor quanto de Vegetal Vermelho possuem interrogação nos títulos, essa forma de enunciados interrogativos produz sentido ao questionar o discurso do outro: “É um modo de dizer que mobiliza sentidos, que desperta interesse do

⁶⁹ “Representantes” do Veganismo Liberal, como a SVB, a Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA) e o Portal Vista-se também possuem um modelo de ativismo “fortemente focado em ações de comunicação” através das redes sociais, onde “informam, mobilizam, influenciam o público em geral, os veganos/vegetarianos, a mídia e a agenda política.” (NEGRINI, 2019, p. 141-142).

interlocutor sobre o assunto proposto” (LIMA, 2017, p. 170). O discurso circulado no título de uma publicação na Internet “produz efeitos de sentido que entrelaçam o tecnológico com o discursivo. O modo de se dizer em uma ‘chamada’ de publicação afeta o modo de comunicação com os leitores”⁷⁰ (LIMA, 2017, p. 138). Outro exemplo desse jogo de sentidos com o título pode ser observado em um vídeo de Vegetal Vermelho chamado “O que é o VEGANISMO? Glossário do Vegetal”, há nele um deslocamento do sentido na palavra “Vegetal”: em outra FD, “vegetal” significaria algo como um grupo de alimentos composto por frutos, folhas, flores, etc. Nesse caso, a palavra passa a assumir o sentido de adjunto adnominal informando que o “Glossário” pertence a “Vegetal Vermelho”. É visível também no vídeo “Finalmente!! boicotar produtos ou marcas?!?!”, os dois sinais de exclamação podem indicar um reforço ao caráter de importância da discussão. Portanto, uso de recursos como caixa alta, pontos de exclamação, perguntas, etc. são tão importantes quanto o discurso reproduzido nos vídeos.

O ciberativismo também é compreendido como “formas de ativismo político e protestos que emergem através das tecnologias de informação” (MAIA; SOUZA, 2014, p. 2). Silvia Bezerra (2015, p. 56) chama atenção de que “(...) os grupos políticos ciberativistas têm quase sempre se voltado à crítica do capitalismo e seu modelo societário, que permite a destruição do meio ambiente, uma globalização econômica opressiva e desigual, entre outras”. Apesar do ativismo praticado por Vegano Vitor e Vegetal Vermelho não ser através desses “grupos políticos”, o discurso do Veganismo Popular tem como um dos pilares fazer a crítica a esse sistema (BEZERRA, 2015). Vem crescendo o discurso de que (a prática do) o veganismo pode contribuir com o meio ambiente, pois não colaborar com a exploração animal pode provocar diminuição do desmatamento, entre outros fatores positivos à natureza. A exploração animal está diretamente relacionada à prática das grandes corporações e indústrias, sendo assim, praticar o veganismo é se opor a essas corporações – destacando o “aspecto” (a corrente) do Veganismo Popular (SILVA, 2020).

De acordo com Lara Nasi e Vera Raddatz (2019), o ativismo digital se expressa em diversas formas e emerge com o desenvolvimento de novas tecnologias que facilitaram a comunicação e que tem a Internet como um espaço de atuação. A palavra “ciberativismo” provavelmente surgiu de um neologismo do termo “ciberespaço” cunhado pelo escritor canadense Willian Gibson em 1984. Independente da denominação, a raiz da abordagem é o uso político das ferramentas de comunicação digital (BEZERRA, 2015), ou seja, “(...) um modo de

⁷⁰ Podemos extrapolar “leitores” para “espectadores(as)”; as pessoas que estão assistindo/ouvindo o vídeo.

fazer (e ser!) política, cujo mote é o de construir projetos de emancipação que contemplem um outro mundo livre do fetichismo da mercadoria e de suas consequências sociais” (Idem, p. 214). Rodrigues, Penteadó e Oliveira (2022) vão chamar atenção de que os efeitos do ativismo digital no Brasil passaram a ter mais evidência a partir de 2013 (com as “Jornadas de Junho”), o que se seguiu em 2014 com a “polarização política ideológica” nas mobilizações para a eleição.

Vegano Vitor discute em um dos seus vídeos sobre a construção de “outro mundo”, de um “mundo ideal” (realmente possível), um mundo que se organize de outra forma onde não haverá exploração entre as espécies. Dito isso, ratifica que sua estratégia para “chegar” nesse mundo é o da promoção da educação por meio dos vídeos que ele produz: *“Eu tento fazer com que outras pessoas enxerguem a gravidade desses problemas pra gente chegar, eventualmente, nesse mundo ideal”* (Vegano Vitor). Para Artico (2015), um dos pontos fundamentais do veganismo é a promoção da educação que leve o entendimento do que é o especismo e as consequências da exploração animal: “(...) difundir a causa vegana por meio de ações educativas e pautadas em argumentos éticos é o caminho para iniciar uma transformação⁷¹ na realidade vivida por milhares de animais não humanos” (Idem, p. 84).

Barreira e Maia (2020, p. 44) citam três aspectos “fundamentais para que se possa caracterizar o ciberativismo”, são eles: 1) “compartilhamento de informações”, 2) a natureza dessas informações: que pode ser motivacional e/ou emocional e a 3) “estrutura das redes sociais”. E caracterizam esses aspectos: a informação é de “suma importância para a coordenação e viabilização das ações ativistas”, ela é “facilitada pelas redes sociais a partir do seu alto alcance de pessoas e rapidez na propagação da informação.” A informação “é a responsável pela transformação da consciência”. E no ciberespaço “é notória essa divulgação de informações, para que, atinja o maior número de pessoas possíveis” (DUARTE; COLLAÇO, 2016, p. 6). Chamo atenção de que a informação é um passo/aspecto para a transformação da consciência, ela faz parte do processo de tomada, porém, não é a (única) responsável por essa transformação.

No tocante a natureza das mensagens, o que transparece o caráter e o apelo delas, serve para reforçar “a identidade social do grupo ativista, a indignação moral, justiça social, dentre outros” (BARREIRA; MAIA, 2020, p. 44). E por último (sem implicar uma ordem) consideram

⁷¹ Gostaria de chamar atenção para quando a autora fala “iniciar uma transformação”. De fato, ações educativas são fundamentais como ponto de partida para entendimento do que é o especismo, todavia, a transformação (no caso o fim da exploração animal) não se realizará apenas por meio da educação.

a estrutura das redes sociais: que varia de acordo com cada rede/plataforma, e “possibilita pensar em diversas estratégias de ações ativistas, bem como monitorar as informações relacionadas a essas ações e às possibilidades de facilitação desse processo” (BARREIRA; MAIA, 2020, p. 44). Para os(as) veganos(as), o ativismo digital “exerce papel fundamental na forma como se organizam e como difundem suas ideias. É nesse espaço virtual que as pessoas veganas *se encontram*, trocam impressões sobre o movimento, divulgam as posições sobre a causa que defendem e organizam as formas de atuação, tanto as *on line* quanto as *off line*” (NUNES, 2010, p. 98, grifo original). “Um dos primeiros espaços de formação se dá via redes sociais, através de grupos e páginas que militam pelos direitos dos animais com viés abolicionista e antiespecista” (LONDERO, 2019, p. 75). Não conseguimos mensurar o aspecto da relação estrutura da plataforma-estratégias de ação, pois o ativismo que os atores da pesquisa promovem não são nesse sentido, embora é possível “analisar” empiricamente a partir dos comentários feitos em cada vídeo postado como o discurso está sendo apreendido (pela informação transmitida na mensagem do público). Ressalto que esta pesquisa não se ateve nesse aspecto, mas trago aqui alguns exemplos⁷² em um vídeo de Vegano Vitor:

“Doido como a didática pode mudar o mundo. Eu odiava quando a galera nos grupos do fb tretavam em relação a esse assunto de um produto ser ou não vegano por causa da empresa que o produz. Eu achava chato, exagero etc. Agora tudo faz sentido, e não foi as tretas que me mostraram isso, foi essa ótima didática 🍷” (C1). *“Comigo tá acontecendo o mesmo. Antes eu era liberal mesmo, agora que estou entrando no veganismo estou estudando outras coisas que estão ampliando minha visão sobre o mundo.”* (C2) E *“Vixi, meu braço chega se arrepiando com a descrição do veganismo popular”* (C3).

Alguns exemplos também em um vídeo de Vegetal Vermelho:

“AH, ENTÃO QUER DIZER QUE PRA SER VEGANE EU PRECISO SER ANTICAPITALISTA????!! - sim, próxima pergunta” (C1). *“É tipo dondoca classe média alta que adora dizer que é feminista, mas Deus o livre e guarde ficar sem empregada e babá. E bem baratinha, né?”* (C2). E *“Eles querem mudar a hegemonia de um por um, desorganizados e desarticulados, convencendo a ‘consumir consciente’ hahaha”* (C3).

⁷² Esses exemplos são apenas uma forma de ilustrar a discussão, o objeto da pesquisa são os discursos dos ativistas. Foi escolhido aleatoriamente um vídeo de cada e também de forma aleatória os três primeiros comentários em cada vídeo. Optou-se para que nesses comentários tivessem informações descritivas e qualitativas (além de *emojis*) sobre os vídeos.

No que se refere ao caráter da mensagem, fica evidente nos discursos de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho, o apelo que reforçam seus posicionamentos, pautas e reivindicações. Facilmente se percebe a “identidade social” deles, isto é, suas Formações Ideológicas são facilmente compreendidas a partir das suas FD, por exemplo quando Vegano Vitor fala: “*o meu posicionamento político é extremo!*” e “*eu sou uma pessoa da esquerda revolucionária*”. Ou quando Vegetal Vermelho diz: “*o anticapitalismo e o antiespecismo, pra mim eles fazem parte da definição do próprio veganismo [...] é a partir desse lugar de debate que eu vou discutir veganismo*”. O ativismo digital, enquanto um ativismo político, acontece *na e pela* Internet, nesse espaço, atores diversos, sob práticas discursivas, além de informações em determinadas áreas, buscam as histórias dos eventos, como também defendem pautas políticas, sociais, econômicas e culturais (RODRIGUES; PENTEADO; OLIVEIRA, 2022).

Falando sobre Internet, é importante trazer um ponto. Atualmente a compreensão otimista que muitos(as) autores(as) tiveram no surgimento e crescimento das tecnologias e novas tecnologias de informações, que elas promoveriam um modelo/forma de democracia a partir do acesso à informação, etc., foi se alterando⁷³ – posto que “estamos frente a uma realidade ainda em construção e que muda muito rapidamente, muitas conclusões devem ser vistas mais com um caráter precário do que perene” (PINHO, 2011, p. 98). Já Cláudio Penteado e Rafael Pinto (2020) vão dizer que com o tempo “vemos se evidenciar cada vez mais que tudo isso não passou de uma euforia inicial”. Segundo Ulyane Gomes (2019, p. 99), a Internet quando se consolida como uma “rede universal” de concentração de dados, seguindo a tendência do sistema capitalista, empresas que pregavam um acesso “democrático”, “livre”, passam a se tornar novos monopólios.

Em seu nascimento, o Google se propunha a ser a alternativa por um sistema aberto em contraposição às empresas de telefonia que dominavam o mercado informacional nos Estados Unidos. Com o tempo e crescimento, acabou se transformando em um império quase impermeável de poder, concentrando em si quase todo o mercado de buscas na internet (GOMES, 2019, p. 99).

Segundo o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social⁷⁴ (2021, p. 5) o “tema das ‘novas tecnologias digitais’ se apresenta como um desafio que ganha cada vez mais espaço nos debates

⁷³ “Na análise dos impactos políticos da internet, observa-se a presença de dois tipos de analistas: os otimistas e os pessimistas”. Os impactos para os otimistas consistem em: “Descentralização, interatividade, multimídia, transnacionalidade e transculturalidade (...)” e para os pessimistas: se produz “isolamento e alienação, comercialização sem tréguas dos espaços público e privado e o surgimento de novas formas de colonialismo digital e diferenças sociais de classe (...)”. (DOMINGUES, 1999, p. 117; PINHO, 2011, p. 99).

⁷⁴ O Instituto Tricontinental compõe “uma rede de dezenas de institutos de pesquisa” no Sul Global. É uma instituição orientada por “movimentos e organizações populares do mundo, focada em ser um ponto de apoio e elo entre a produção acadêmica e os movimentos políticos e sociais para promover o pensamento crítico e estimular

dentro dos movimentos populares”. Destaca-se três pontos importantes ao considerar esse tema: 1) a desigualdade no direito ao acesso: “a internet se consolida como um meio de desigualdade social, evidenciado na sua também permanente exclusão digital”, “seja pela sua moradia (periferias ou espaços rurais) ou por suas condições econômicas limitadas” (SANTOS, 2022, p. 68). Stephanie Lima (2020, p. 9), chama atenção de que ainda que na aparência o *Youtube* se apresente como um espaço de “aceitação das diferenças”, as desigualdades sociais são tão reais como na sociedade. Outro ponto destacado é o 2) uso de dados para “repressão, controle e vigilância”, e 3) atualmente as maiores corporações compõem o ramo da tecnologia, tecnologia da informação.⁷⁵ Portanto, esse tema também é fundamental para entender as dinâmicas do capitalismo (Instituto Tricontinental, 2021).

Christian Fuchs (2016) pontua que a Internet passou a ser um importante sistema – que ele chama de “sociotécnico” – onde, ao mesmo tempo, configura a vida cotidiana no capitalismo contemporâneo sendo configurado por ela. A própria estrutura da plataforma incorpora aspectos técnicos e socioculturais (MATOS, 2020, p. 23). Nesse contexto, é importante estudar a Internet e as novas tecnologias digitais para entender as transformações da sociedade, das pessoas, da política, economia, cultura e a natureza na contemporaneidade (FUCHS, 2016).

O modelo de sociabilidade capitalista funciona na lógica de apropriação, esvaziamento e cooptação de todo e qualquer “movimento” (no sentido amplo da palavra: movimentação, mudança, atividade) e assim se deu com essas tecnologias. No *Youtube*, marcas se apropriam do discurso militante e transformam em uma “tendência mundial de mercado” (LIMA, 2020, p. 68). Engels (2020, p. 16) afirma que é a estrutura econômica de um determinado tempo histórico que forma a “base real” para compreender como se forma a “superestrutura”, as “instituições políticas”, entre outras. Ou seja, as próprias tecnologias da informação, plataformas e redes sociais – em dado momento – formatam-se ao modelo capitalista sendo moldadas ao seu interesse (Instituto Tricontinental, 2021, p. 9). Como aponta Pinho (2011) ao compreender a Internet como

espaço de manifestação da autonomia e da possibilidade de confrontar o capital, o que pode, por um lado, ser visto como político, mas também não podendo se enxergar nada muito revolucionário até porque o capital (leia-se o grande capital) pode não só conviver com essas novas formas de produção de conhecimento, como também vir a se apropriar delas, colonizando-as (...) (PINHO, 2011, p. 100).

debates e pesquisas com uma perspectiva emancipatória a serviço das aspirações do povo.” Ver: <https://thetricontinental.org/pt-pt/sobre/>. Acesso em: 27/12/2023.

⁷⁵ “[C]onhecidas como *Big Techs* (Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft etc)”. (INSTITUTO TRICONTINENTAL, 2021, p. 13).

Jorge Grespan (2021, p. 63) argumenta que notícias (jornais, TV, internet, entre outros), assim como descobertas científicas, obras de arte e produções culturais de modo geral – dentro do capital – assumem a forma-mercadoria, proporcionando lucro para os(as) proprietário(as) e especificamente possibilitam a “manutenção ideológica do sistema e do domínio” (Idem) da classe dominante. Porém, ainda é possível – mesmo que na lógica capitalista – utilizar desses espaços e ferramentas para subverter a ordem, propagar informações na contramão desse sistema e produzir discursos que provoquem reflexões, e é isso que Vegano Vitor e Vegetal Vermelho fazem através de seus canais no *Youtube*. Tendo o espaço da Internet como fundamental para a (re)produção do discurso do Veganismo Popular, o *Youtube* oportuna, dentre outras questões, confrontar “as aparentes tensões entre interesses comerciais e o bem comum” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 14).

Um ponto que vale salientar é que essas novas formas de comunicação e de fazer política geradas a partir do desenvolvimento da Internet “não tornam obsoletas as ‘antigas’ tecnologias” (NASI; RADDATZ, 2009, p. 2). Pelo contrário, são consequência do desenvolvimento dos meios já existentes (OROZCO, 2006 apud NASI; RADDATZ, 2009, p. 2). Bezerra (2015, p. 69) comenta como a *Web 2.0*⁷⁶ possibilitou a expansão das formas de “participação direta” de cada usuário(a), essa expansão inclui também a “criação e o compartilhamento de informações e conteúdo online”. A Internet imprime novos contornos ao ativismo social, com as mídias sociais possibilitam a produção e compartilhamento de conteúdos, bem como a mobilização para causas sociais específicas, incluindo o veganismo (SOUZA, 2022). No *Youtube*, os ativistas analisados têm a “liberdade” de criarem e compartilharem informações e conteúdos que sejam do seu interesse e a “maior liberdade de produção de informação leva a uma maior participação política via Internet” (SANTOS; PENTEADO; ARAÚJO, 2007). Evidentemente, essa lógica não existe como uma condição inevitável e determinada, entretanto, quando Vegetal Vermelho e Vegano Vitor produzem conteúdos pertinentes à FD do Veganismo Popular, possibilitam uma maior identificação e participação das pessoas que também se inserem nessa FD.

Falando especificamente sobre o veganismo, Ferrigno (2012, p. 46) destaca e ratifica a importância da Internet na difusão do movimento e no processo de articulação ativista, isto é, a

⁷⁶ “A *Web 2.0* é a segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma *Web*, onde a idéia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização desse conteúdo.” (MOREIRA, 2009). Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/498/o/Danilo2009.pdf>. Acesso em: 27/12/2023.

Internet se mostrou “um espaço privilegiado de propagação da ideologia vegana e da articulação de ações coletivas” (Idem). Essa interpretação se deu ao analisar as comunidades do extinto *Orkut*⁷⁷ e em tópicos do *Facebook*. Em razão disso, faço algumas considerações: 1) ela não explica e disserta sobre qual “ideologia vegana” está se referindo e 2) esse privilégio é com relação à o quê? Pois, a “ideologia vegana” como estamos discutindo, não é única, ou seja, a ideologia com maior repercussão, maiores canais no *Youtube*, maior número de seguidores(as) nas redes sociais é a que se associa à ideologia liberal e propaga o Veganismo Liberal. Muitas empresas, ao perceberem nas pessoas veganas (ou pessoas que querem consumir produtos de origem vegetal) um potencial nicho de mercado, passam a investir na “causa vegana”. Desde a “fundação” do veganismo (com a *The Vegan Society* na Inglaterra em 1944), as empresas “passaram a buscar atender a esse novo nicho de mercado” (DAVIDSON, 2020, p. 60).

Dessa forma, “*acaba gerando no público uma noção errada de que essa é a única vertente do veganismo e elas passam a acreditar no mito de que se a gente entupir as prateleiras dos mercados com produtos veganos a exploração animal vai acabar*” (Vegano Vitor). O que Vegetal Vermelho percebe é que o consumo de carne segue aumentando em detrimento do lançamento desses produtos “veganos”, isto é, “*Essa estratégia não se mostra eficaz. Se a gente continuar sempre na lógica do consumo, a gente nunca vai conseguir conquistar a libertação dos animais verdadeiramente!*” (Vegetal Vermelho).

A Internet é um espaço fundamental para a articulação de grupos “não hegemônicos”,⁷⁸ é nesse espaço que esses grupos ganham uma importância política, onde “toda essa multiplicidade de grupos, não hegemônicos, com bandeiras de lutas diferentes ganham ‘voz’” (DUARTE; COLLAÇO, 2016, p. 2). Souza (2022, p. 121) também diz que “sujeitos invisibilizados ou silenciados que não encontravam voz para suas demandas, através das mídias sociais, encontraram uma forma de se autorrepresentarem e praticarem o ativismo (...)”, confrontando uma hegemonia discursiva que difunde um determinado entendimento de mundo onde a ideologia de uma classe sobressai a outra (POLO, 2021). Desta forma, as redes sociais se tornam um caminho que permite que coletivos tenham voz⁷⁹, coletivos que geralmente “não

⁷⁷ Ela chama atenção para o *Orkut* e *Facebook*, como já mencionado, optei por usar o *Youtube*.

⁷⁸ Estudando o Movimento Afro Vegano e como esse movimento se orienta pela perspectiva da interseccionalidade, Santos (2022, p. 38) vai compreender um conhecimento hegemônico “como a dominação ideológica de um conhecimento sobre o outro”.

⁷⁹ Ele destaca o coletivo “Vegano Periférico”.

aderem às práticas de políticas tradicionais nem as representações e mediações nas mídias hegemônicas (...)” (SOUZA, 2022, p. 83).

Para Carlos Cury (1986), a categoria da hegemonia tanto possibilita uma (a) análise, como indica uma (b) estratégia política: “As relações de classe permeiam a sociedade no seu todo (...). Para além da exploração e da dominação, na sociedade de classes, é fundamental se haver um consenso ‘para a reprodução das relações de produção’”. Nesse sentido, a classe dominante busca por meio da reprodução ideológica “transformar sua concepção de mundo em *sensu comum*, fazendo-a penetrar nas massas e buscando assim assegurar, com o consenso dessas, a ordem estabelecida” (CURY, 1986, p. 28-29, grifo original). Portanto, a expressão “contra-hegemonia” surge da necessidade de contraposição, para se “referir aos movimentos que resistem aos interesses das classes dominantes e que representam um novo projeto de classe” (POLO, 2021, p. 22). E assim acontece com a ideologia especista, a classe dominante visando seus interesses precisam estabelecer um consenso, uma “verdade absoluta” (a sua verdade) para que sua concepção da realidade e de mundo seja percebida como “padrão”, “natural” e “única”. Dessa forma, podemos apontar dois caminhos em que se ratifica o valor/importância da Internet para o Veganismo Popular: 1) por meio da Internet os ativistas passam a produzir discursos que irão se contrapor a essa ideologia especista hegemônica. Como também 2) esses discursos vão à contramão do que defende o Veganismo Liberal – que se propõe antiespecista, mas se ancora em um antiespecismo metafísico. Logo, há um efeito de sentido contra hegemônico nos discursos desses ativistas.

Pessoas e grupos inseridos nessa lógica vão utilizar as mídias sociais, mídias digitais, entre outras, para “dar voz às suas demandas políticas” (FUCHS, 2016, p. 58). As mídias sociais vão se constituindo como espaços importantes e devem ser considerados pela instância política como um espaço legítimo de debates. São espaços que “refletem e refratam o dizer da mídia e das ruas” (MAGALHÃES, 2016, p. 103). Com o desenvolvimento das tecnologias da informação, principalmente (n)a Internet, o ativismo político vem ganhando novos espaços e atores sociais, pautando a (1) “promoção da equidade e dos direitos das minorias” e (2) “privilegia a militância ou ações contínuas, inovadoras e energéticas, que objetivam uma efetiva transformação da realidade, a partir de estratégias coletivas” (AZEVEDO, 2017, p. 295). No próximo capítulo, analisando e discutindo o que é dito (e não-dito) por Vegano Vitor e Vegetal Vermelho, veremos como é recorrente essas características apontadas pela autora: a equidade (com suas particularidades) das diversas espécies, o direito à existência dos animais não-

humanos e a militância objetivando uma transformação da realidade pelo prisma da coletividade.

Boa argumentação e um público que se identifique com a sua causa são duas “qualidades” de comunicação que o “agente mobilizador” (o ativista/ativista digital) (TAVARES; BARBOSA; SANTOS, 2014) precisa dispor para, assim, proporcionar um processo de mobilização nas redes sociais. Com relação ao “público alvo”, os(as) seguidores(as) precisam que os argumentos se aproximem de sua identidade para que eles(as) internalizem os fatos para si como algo que precisa ser defendido (Idem). Retomo Barreira e Maia (2020, p. 44) quando falam que um dos aspectos que caracterizam o ciberativismo é a natureza das informações: que vão reforçar o que o ativista quer passar, “cativando” quem o assiste. Quando Bezerra (2015) chama atenção que a práxis ciberativista se caracteriza pelo seu caráter emancipador a partir das tecnologias de informação e comunicação, ela dialoga diretamente com a práxis do Veganismo Popular, que tem como horizonte o fim da exploração dos animais (não-humanos e humanos) associado à superação do especismo. Vegano Vitor apresenta um breve conceito de práxis e comenta o cerne dela, no veganismo:

“Resumidamente, a práxis é a relação dialética entre teoria e prática. É basicamente a prática alinhada com a teoria. É uma prática sustentada por uma teoria. Então, quando a gente chega à conclusão depois de estudar, depois de ver documentário, depois de ler livros, a gente chega à conclusão de que: ‘sim, animais não humanos merecem o mínimo de respeito’. Qual é a práxis né? Qual é a prática que tá aliada com essa teoria aqui? A prática é deixar de comer animais” (Vegano Vitor).

Rigitano (2005, p. 2) elenca algumas características que são fundamentais ao considerar a Internet como uma ferramenta de luta, aqui destaco duas que dialogam com o ativismo digital de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho: a) facilitação das atividades (tempo e custo) e b) viabilidade de quebra do monopólio⁸⁰ da (emissão) informação e de divulgar informações “alternativas” sobre algo. Esses ativistas propõem a construção de um movimento por e com pessoas da classe trabalhadora, classes populares, periféricas, etc. e ter a Internet como ferramenta de luta é imprescindível justamente pela otimização do tempo e o baixo custo.⁸¹ Ao se inserirem na FD do Veganismo Popular, os discursos de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho

⁸⁰ “Nós não podemos confrontar o capitalismo transnacional com as ferramentas tradicionais usadas no contexto nacional. Neste novo mundo globalizado nós precisamos inventar formas novas de luta e solidariedade, objetivos novos e estratégias em nosso trabalho político. Nós temos que juntar nossas forças para criar espaços diversos de cooperação, igualdade, dignidade, justiça e liberdade a uma escala humana, enquanto ataque contra o capital nacional e transnacional e os acordos e instituições que ele cria para afirmar seu poder.” (AGP, 1998). Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/agp/02manifestoagp.htm>. Acesso em: 27/12/2023.

⁸¹ Apesar dos interlocutores desta pesquisa terem tido acesso à educação e atualmente possuem fonte de renda (sendo um professor concursado), ambos compõem a classe trabalhadora.

vão promover a ruptura, não só do especismo (enquanto ideologia e prática), mas também da compreensão liberal do veganismo. Do mesmo modo que esses discursos provocam a pensar outra forma de práxis no veganismo e outra forma de organização social (BOBBIO; NICOLA; PASQUINO, 1998). Conforme Duarte e Collaço (2016), com a flexibilização das fronteiras da informação, é possível acessar informações que antes não eram fáceis de encontrar. O ativismo luta na disputa da consciência moral que diz respeito ao sistema capitalista, que usa e mata pessoas e animais e destrói a natureza pela fetichização e produção em larga escala.

Não obstante, é sob esses dois estágios que o ativismo/militância de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho atuam: ao produzir um discurso que se opõe a um estabelecido como “padrão” não só na expressão especista, travando essa “luta no campo de disputa da consciência moral” (DUARTE; COLLAÇO, 2016, p. 2), como também no arquétipo liberal da FD do Veganismo Liberal. Sendo assim, por essa contraposição discursiva, produzem (outros) sentidos que vão provocar “novos padrões de comportamento” (Idem). E a Internet é um espaço amplo que possibilita esse confronto, potencializando os conflitos discursivos entre posições/perfis antagônicos (SANTOS, 2022; SANTOS *et al.*, 2023). Os discursos sobre antiespecismo na Internet (especificamente nas redes sociais) são discursos históricos e ideológicos e repousam no fato de um já-dito sobre a “importância do uso e consumo de animais” (LIMA, 2017, p. 56), – ancorado na FD especista – assim como de um discurso vegano liberal que reproduz essa FD, tornando assim, não só possível, mas necessário a criação de “perfis” que discutam sobre Veganismo Popular (Idem). Com o destaque para o *Youtube* (ARAÚJO, PENTEADO E SANTOS, 2011).

Vale salientar que fazer uma análise material é compreender a realidade como ela é, e essa realidade existe em uma sociedade dividida por classes. A Internet possibilita esse espaço que “corre por fora” da hegemonia dos grandes canais de comunicação, mas ainda assim, a ideia de liberdade plena é uma ideia abstrata. Por mais que os(as) ativistas, movimentos e organizações sejam “donos/as” e responsáveis por seus perfis na Internet, ainda que “No ambiente digital, os ativistas são livres para manifestarem suas opiniões e divulgar sua forma de vida” (DUARTE; COLLAÇO, 2016, p. 13). Continuam inseridos(as) em plataformas⁸² que pertencem, não ao responsável pelo perfil que crítica o capitalismo, mas à classe que representa

⁸² “Por exemplo, caso um indivíduo queria postar um vídeo no YouTube, ele precisará se adaptar às disposições oferecidas pelo site de rede social. Isso vale para o formato do arquivo, tipo de conteúdo disponibilizado, a maneira como ele será exibido para o público, a necessidade de colocar tags, título, descrição. Por mais que essas disposições sejam voltadas para facilitar e incentivar a apropriação dos sites de rede social pelos usuários, é evidente o condicionamento de comportamento destes” (PIZA, 2016, p. 62).

o capitalismo. Por isso, Silviane Avila (2020, p. 46) ressalta que é importante ter em vista que em plataformas como *Youtube*, não existe liberdade total, há interesses financeiros e ideológicos, “assim como todo negócio/empresa que visa lucro”.

Toda a produção, seja ela econômica, política ou cultural, nesses ambientes virtuais, é alienada dos indivíduos como propriedade de corporações detentoras das plataformas de mídias sociais, que são responsáveis pelo armazenamento, processamento e difusão dos dados pessoais dos usuários (...) (PENTEADO; PINTO, 2022, p. 88).

Dessa forma, a “horizontalidade” é comprometida, pois, o ciberespaço é moldado por contradições (BANDEIRA; VALENTE, 2018; FUCHS, 2016; ALMEIDA, 2014). Wiliam Gibson em *Neuromante* diz que esse é um “campo de batalha” de multinacionais: “a tecnologia não é neutra, pois serve aos interesses daqueles que a controlam”, por isso, é “parte da luta de classes” (Instituto Tricontinental, 2021, p. 2). A Internet é componente também das estruturas sociais, sendo parte do mundo que se constrói pelo trabalho humano, e em uma sociedade capitalista, tem como função “acumular lucros para os proprietários” (Idem). A dimensão e consolidação das plataformas digitais “marca o momento contemporâneo do imperativo do sistema capitalista na internet” (MATOS, 2020, p. 73). Seguindo a tendência da formação de monopólios, possibilitando que essas empresas condicionem “usos e comportamentos de seus clientes sob o discurso da neutralidade da técnica e dos agenciamentos sociotécnicos” (Idem). Nesse sentido, as redes possibilitam circular os mesmos entraves discursivos que acontecem fora da Internet entre os movimentos sociais e a sociedade capitalista (MITTMANN, 2010 apud LIMA, 2017, p. 95).

Entretanto, contraditoriamente, essas redes “são utilizadas pelos movimentos sociais como meio de lutar contra os discursos hegemônicos desta mesma sociedade, fazendo circular outras vozes”⁸³ (LIMA, 2017, p. 95). A Internet possibilita que “os movimentos sociais recriem novas e melhores alternativas na promoção da ação social e política, exercendo o ativismo digital” (SANTOS, 2022, p. 67). E é nessa lógica que o discurso de Vegetal Vermelho e Vegano Vitor é construído.

Ao falar de contradição, Fuchs (2016, p. 79) ressalta a importância de trabalhar a categoria marxista da dialética para se estudar a relação Internet e capitalismo, ou seja, a tecnologia no capitalismo era “moldada por um antagonismo entre as forças produtivas e as

⁸³ Entretanto, Borges e Jambeiro (2016, p. 78), ressaltam o ponto da contradição vivenciada na Internet: “A Internet deu voz a muitos indivíduos e grupos antes ‘mudos socialmente’, mas não pode garantir que de fato sejam ouvidos (...)”.

relações de produção”. A expressão da dialética na Internet está em: ao passo que ela é utilizada como mais uma ferramenta (mais um espaço) de reprodução do modo de produção capitalista, de exploração da força de trabalho, ela também possibilita ferramentas para a construção de “formas culturais e sociais alternativas” (BEST; KELLNER, 2001 apud FUCHS, 2016, p. 79).

Antonia Almeida (2014) e Maria Caputo (2008), ratificam o papel da Internet (e dos/as ativistas) como resistência na hegemonia do capitalismo: “Mesmo que o capitalismo tenha tornado a tecnologia um princípio de dominação política, resistências à técnica fazem parte do processo ambivalente de desenvolvimento social que semeia várias possibilidades” (ALMEIDA, 2014, p. 22). Penteado e Pinto (2020) ressaltam que com as transformações positivas que a Internet e mídias/redes sociais trouxeram, também permitiram “formas complexas de dominação e poder, muitas vezes embebidas do próprio discurso de emancipação dos indivíduos, exigindo novas interpretações desses processos” (PENTEADO; PINTO, 2020, p. 86).

Enquanto Caputo (2008, p. 64) afirma que “(...) o *modus operandi* dos ciberativistas confere flexibilidade às mobilizações sociais e possibilita, ao mesmo tempo, a coordenação das lutas nos níveis locais e globais, condição essencial para a globalização das resistências à ordem dominante”. É crucial nunca esquecer que a sociedade é movida por contradições e em uma sociedade forjada na luta de classes, tudo está em constante disputa, inclusive a tecnologia e a Internet. A tecnologia é carregada de contradições: assim como há uma potencialidade para libertação, também há para a alienação, conforme pontuam Penteado e Pinto (2020), ao abordar o conceito de alienação, é importante mostrar que a comunicação nas relações sociais e a ideologia não são coisas abstratas/metafísicas, mas formas específicas de dominação social que promovem dominação econômica, política e cultural. Desse modo, “O uso das tecnologias pelos trabalhadores precisa sempre estar vinculado a um projeto tático e estratégico de classe para sua eficiência real” (Instituto Tricontinental, 2021, p. 37).

Trazendo para a discussão da causa animal e da perspectiva do Veganismo Popular, analisamos como os ativistas compreendem que o fim da exploração animal só passará a ser uma possibilidade real a partir da apropriação dos meios de produção e da superação do sistema que estrutura essa exploração, nesse sentido, os meios de comunicação (principalmente a grande mídia sob o domínio da classe dominante) são essenciais para manter a ideologia de que a exploração animal é algo inevitável, natural, cultural e imutável. E de fato é, no modo de

produção capitalista. A ideologia da classe dominante é concretizada através da mídia de massa, garantindo assim, a reprodução das relações de produção (ALVES, 2016).

Um questionamento recorrente dos ativistas estudados é o fato de um discurso liberal (do Veganismo Liberal) ter uma maior projeção nas mídias digitais, redes sociais, etc. As redes sociais possibilitam que um usuário seja um “potencial ativista”, por poder compartilhar seu conteúdo com milhares de pessoas (PENTEADO; CRUZ JUNIOR, 2020). Vegano Vitor diz que o maior alcance (que leva a mais adeptos/as) dessa corrente do veganismo se dá, pois, “*A maioria das pessoas que conhece o veganismo entram por um viés mais liberal, [ao] ver uma propaganda de um produto vegano [...] ou ainda [quando] assiste um vídeo de alguns dos mais famosos canais do Youtube que falam sobre veganismo*”. É assim, visto que quem promove esse veganismo possui maior recurso financeiro, ou já tinha dinheiro antes de se tornarem veganos(as); como também pelo fato de não criticarem o capitalismo, aumentam as chances de “*receber mais dinheiro de empresas ou organizações – que por sua vez recebem doações de [outras] empresas*”. (Vegano Vitor).

Sobre esse ponto, Lima (2020) discute sobre o algoritmo, para a autora, sob a lógica dos algoritmos, o Youtube é quem decide qual canal terá mais visibilidade ou não, “conduzindo-nos a apoiar somente os que já se consolidaram como detentores de grande audiência, sem incentivos aos que estão fora do restrito círculo social composto por influenciadores e influenciadoras” (LIMA, 2020, p. 62).

Já Vegetal Vermelho comenta que

“E eles pagam muito dinheiro pra meia dúzia de pessoas brancas que vão fazer propaganda da mesma indústria que tá matando esses porcos, vacas, galinhas...E que tá destruindo a natureza. E essas pessoas vão aceitar esse dinheiro e vão fazer propaganda dessas empresas e dizer que ‘tá tudo bem, não tem problema’. E aí, você gera um efeito dominó e que em todo mundo que acompanha essas pessoas acham que está tudo bem, que não tem problema, isso não é uma questão... ‘ah, você está sendo radical demais’” (Vegetal Vermelho).

O não-dito nessa fala é que nós estamos imersos na ideologia liberal, portanto, é mais simples concordar com ideias, ações e movimentos que reproduzam esses ideais. Além também de ser mais cômodo, pois não se crítica as raízes dos problemas. Segundo Harvey (2005)

o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretarem, viverem e compreenderem o mundo”. E ele pontua algumas características que podem ter contribuído para isso: a) “os defensores da proposta neoliberal ocupam atualmente posições de consideráveis influência no campo da educação (universidades e em muitos “bancos de idéias”), nos

meios de comunicação”, bem como outros espaços públicos e privados (HARVEY, 2005).

Logo, da mesma forma que é mais cômodo e fácil de concordar com a ideologia liberal, também é concordar com o Veganismo Liberal. Amarildo Magalhães (2016), sob a perspectiva de Pêcheux e Althusser,⁸⁴ compreende que a mídia – na sociedade capitalista – também está na disputa inserida na luta de classes, e reforça a necessidade de se considerar que é sob a interpelação da ideologia capitalista que os sujeitos e os sentidos são constituídos, sem isso não há discurso. Reverter esse domínio das mentes, passa por subverter a hegemonia dos meios de comunicação, como a Internet, pois as ideologias possuem uma existência material/real que se firma nas práticas dos sujeitos sendo materializadas nos AIE (Althusser, 1985), como igreja, escola, etc. ou nos “aparelhos ideológicos de informação” (TV, rádio, jornal) (ALVES, 2016, p. 17). Evgeny Morozov (2018, p. 25) argumenta que essa subversão é viável devido à crise atual do modelo capitalista. Em razão disso, ao internalizar o veganismo como um posicionamento político, é fundamental pensar/construir formas de lutar contra a exploração animal material e ideologicamente, e a Internet, dotada de contradições, é uma ferramenta que possibilita – com o discurso dos ativistas digitais – evidenciar a construção de outras ideologias, de outras sociabilidades. E, ao entender a exploração animal na sua totalidade, percebe-se que o fim desse modelo de exploração é possível desde que a classe explorada (classe trabalhadora organizada, já que os outros animais não conseguem se organizar) tome para si a “soberania sobre a economia e a política” (Idem).

O surgimento das redes digitais facilitou e potencializou a atuação de ativistas (individuais e coletivos), apesar dessa característica, a Internet em si não muda o mundo, não promove uma transformação ou é contrária ao *status quo*. Entretanto, são os sujeitos históricos que fazem história, responsáveis pela transformação da realidade, todavia, essa transformação deve ser pensada/realizada a partir das condições existentes. Portanto, é fundamental entender a realidade que estamos inseridos(as), sobretudo, “os determinantes econômicos”, por serem decisivos no processo de transformação (ENGELS, 1898; BUCCI, 2009; ALMEIDA, 2014; Instituto Tricontinental, 2021).

Lima (2020, p. 61), refletindo sobre o ativismo digital trans, reforça que deve-se entender que o *Youtube* não é um espaço “livre”, mas um “monopólio da *Google* sobre as mídias

⁸⁴ “O que temos chamado de mídia, corresponderia, assim, ao que Althusser denominou de AIE de informação [1980], cujo funcionamento atende às coerções e evidências fornecidas pela ideologia dominante que determina o que pode e deve ser dito, visto ou veiculado.” (MAGALHÃES, 2016, p. 62).

digitais”, para assim discutir a possibilidade de lutar contra a invisibilização das pautas da população trans por meio da produção de vídeos, bem como reivindicações em paralelo com os movimentos sociais. É nessa lógica que estão inseridos os discursos dos ativistas digitais veganos: disputando a hegemonia discursiva da perspectiva liberal, propondo “outras” sociabilidades por meio de vídeos nessa plataforma. “Esse posicionamento crítico sobre as concepções de veganismos diz respeito aos próprios tensionamentos internos, decorrentes da proliferação de grupos e coletivos que reivindicam e se articulam nas diferentes esferas sociais nas mídias digitais” (SANTOS, 2022, p. 34).

Esta pesquisa não teve como objetivo fazer uma análise do *Youtube*, a interatividade dos dados, métricas, estrutura de funcionamento, entre outros. Nos propomos a analisar como funcionam os discursos dos ativistas digitais veganos, inseridos na FD do Veganismo Popular, – focando não “o que” se diz, mas “como” diz no *Youtube* – no tocante a relação entre a exploração animal e o sistema capitalista, para a compreensão do modo de funcionamento dos efeitos de sentido desses discursos (LIMA, 2017). O Veganismo Popular na Internet constitui-se a partir de novos modos de dizer, que vão ressignificar, produzir (outros) sentidos sob um já-dito acerca do veganismo, essa relação será evidenciada no próximo capítulo. Ele está dividido em quatro partes (subcapítulos) supondo uma “ordem discursiva” que trata de como o discurso desses ativistas fala sobre: definição, articulação, antagonismo e contra-argumentação e a relação com a estrutura.

Capítulo 3 – Exploração Animal e o Capitalismo no discurso do Veganismo Popular: como pensam os ativistas digitais

Neste capítulo, a Análise do Discurso dos ativistas digitais veganos Vegano Vitor e Vegetal Vermelho será discutida de maneira mais aprofundada. Serão analisados quais os efeitos de sentidos produzidos nesses discursos sobre como esses interlocutores compreendem a relação do modo de produção capitalista com a exploração animal. Como os discursos, por estarem inseridos na Formação Discursiva do Veganismo Popular, vão produzir efeitos de sentidos particulares, diferenciando-se da corrente do Veganismo Liberal. Esses sentidos consideram que o capitalismo sustenta e reproduz a exploração animal (e o especismo), portanto, é essencial a construção – a partir da organização coletiva – de outra sociabilidade, ou seja, de outro modo de produção em que a exploração para o lucro de uma classe não seja mais a essência dessa sociedade.

Este capítulo está dividido em quatro subcapítulos que surgiram à medida que os discursos iam sendo analisados. A partir do recorte do *corpus* discursivo foi possível “agrupar” os discursos de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho conforme os sentidos foram sendo mobilizados pelos ativistas. Os discursos serão inicialmente dispostos em quatro *grupos discursivos* que comportavam sequências discursivas com sentidos próximos: “definição de veganismo”, “articulação com outros movimentos”, “comparação e contraposição ao Veganismo Liberal” e “Veganismo Popular e revolução”. Vale ressaltar que essa organização será feita para facilitar o processo de análise e de exposição dos sentidos, entretanto, como vimos, o discurso é palavra em movimento, portanto, não é fechado em si (ORLANDI, 2015). As sequências discursivas vão “transitar” entre esses grupos, isto é, o discurso pode produzir um efeito de sentido de definição do veganismo e simultaneamente apontar o veganismo como um movimento que busca a construção de outra realidade. No quadro abaixo, encontram-se os grupos discursivos e os respectivos subcapítulos derivados desses grupos.

Quadro 6 – Grupo discursivo x subcapítulos

Grupo discursivo	Subcapítulo
Definição de veganismo	3.1 – O que é o veganismo? Como eles entendem o(s) veganismo(s) e o Veganismo Popular
Articulação com outros movimentos	3.2 – Libertação animal e libertação humana: Veganismo Popular e a importância da articulação com outros movimentos
Comparação e contraposição do Veganismo Liberal	3.3 – Veganismo Popular x Veganismo Liberal
Veganismo Popular e revolução	3.4 – Veganismo Popular (e) Revolucionário: da libertação animal à superação do capital

Fonte: autor (2023)

O subcapítulo 3.1 tratará da definição do veganismo, o tópico 3.2 versará sobre a importância da articulação do veganismo com outros movimentos anti-opressão, anticapitalista. O 3.3 discutirá acerca do antagonismo entre o Veganismo Liberal e o Veganismo Popular e por último, o subcapítulo 3.4 pontuará o sentido do Veganismo Popular enquanto um movimento que busca a revolução.

3.1 – O que é o veganismo? Como eles entendem o(s) veganismo(s) e o Veganismo Popular

Aqui será discutido como Vegano Vitor e Vegetal Vermelho vão pensar, compreender e definir o veganismo, ou melhor, os veganismos (SANTOS, 2022). Como, a partir da FD que eles estão inseridos, vão caracterizar a exploração animal, o especismo e o movimento vegano. Será exposto de que modo a compreensão do Veganismo Popular vai demarcando a diferença com o Veganismo Liberal e como essa (ênfase) oposição também faz parte da definição do próprio veganismo. Essas divergências, contraposições e antagonismos serão melhor discutidas no subcapítulo 3.3.

Vegano Vitor compreende que o veganismo não é um movimento uníssono, mas que pressupõe pluralidade na sua práxis, como pode ser visto nessa fala: *“Do meu ponto de vista, eu acho que não existe o movimento vegano. Eu acho que existem os movimentos veganos, cada um com sua própria pauta, com suas próprias diretrizes e suas próprias formas de ação [...]”* (Vegano Vitor). Há aqui um jogo de palavras, efeitos de sentidos provocados ao se inserir um artigo definido “o”. O uso do artigo supõe que Vegano Vitor não concorda que exista um único movimento vegano enquanto um bloco, mas que há uma multiplicidade de aspectos, como também nas diversas formas de fazer ativismo. No próprio título do vídeo “MOVIMENTOS VEGANOS”, ele já chama atenção de que forma entende o veganismo. O título produz um sentido, ou seja, antecipa a ideia central do discurso ao usar a palavra “movimentos” no seu plural. Pode-se inferir também, com base no que já discutimos acerca da hegemonia discursiva da definição da *The Vegan Society*, que quando ele afirma não existir “o movimento” é por não acreditar no pressuposto que o veganismo defendido por essa organização seja o único existente.

Em outro vídeo intitulado “O QUE É VEGANISMO????!!!”, após quatro anos, ele atualiza sua definição: *“O quê que mudou? Tudo. Mentira! Tudo não, mas mudou um bocado de coisa”*. As modificações foram partindo de *“uma série de mudanças, pensamentos, reflexões e contatos com outras pessoas”*. Ao atualizar o seu discurso, ele recorre à memória do que já

foi dito em outro momento. Isso é fundamental, pois a matriz do sentido está nesse retorno ao que foi dito. A Memória Discursiva para a AD não corresponde a uma memória individual (natural), mas a uma social, histórica, que se configura sobre o entendimento de regularização/retomadas construída a partir das repetições dos discursos (passados). Essa memória é de ordem ideológica, portanto, funda e cristaliza discursos (SANTOS; SILVA, 2014). Essa série de modificações que Vegano Vitor menciona não é decorrente de modificações, alterações semânticas e/ou morfológicas, mas possui um caráter ideológico que se materializa no seu discurso.

Por exemplo, ele comenta que no primeiro vídeo trouxe a definição “original”, “oficial” cunhada pela *The Vegan Society* na década de 40 e diz que “*veganismo é um estilo de vida baseado na compaixão*” (Vegano Vitor). Porém, atualmente ele pensa de uma forma diferente. Há um problema nessa definição, que é se basear na ideia do consumo, isto é, ele não entende o veganismo como um estilo de vida, mas sim enquanto um movimento político, moral e ético, pois “*é uma forma diferente de ver o mundo*”. Ao se referir à definição dada pela *The Vegan Society*, ele diz que essa é a “*original*”, a “*oficial*” (fazendo sinal de aspas). O uso (discursivo) das aspas nestas palavras produz um sentido de que ele não concorda com a “oficialidade” conferida a essa definição. Outrossim, quando diz que o veganismo é uma “*forma diferente*”, podemos considerar duas suposições: primeiro, está contrapondo a compreensão dada pela *The Vegan Society* que resume o veganismo ao consumo (ou não consumo). E segundo, é que existe outra forma *de ver o mundo*: o especismo, forma esta que o veganismo se opõe. Para ele, o veganismo possibilita ter outra perspectiva sobre o mundo que deve ser anti-especista.

Comentando também sobre esse ponto de vista, Vegetal Vermelho argumenta que não é “*só porque o veganismo começou a partir de uma definição, de um determinado local datado historicamente*”, que isso implique que o movimento vegano “*não possa se transformar e absorver novos conceitos no interior de sua própria luta, isso é próprio do exercício do pensamento*” (Vegetal Vermelho). Nessa fala, quando diz que “*o veganismo começou*”, ele se refere a data em que o termo “veganismo” foi cunhado (1949)⁸⁵. Essa definição “oficial” atendeu a uma demanda política-social-histórica de um determinado local (Europa) e período da história. Para Souza (2022, p. 72), “a raiz do vegetarianismo e do veganismo estão totalmente

⁸⁵ “Embora a dieta vegana tenha sido definida no início da *The Vegan Society* em 1944, por Donald Watson e nossos membros fundadores. Foi apenas em 1949 que Leslie J Cross apontou que a sociedade carecia de uma definição de veganismo.” (The Vegan Society, tradução nossa). Ver em: <https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>.

centrados no norte global”, e o Brasil “não escapa das influências coloniais, imperialistas e patriarcais da região.” De modo que hoje com o crescimento do Veganismo Popular, a compreensão de veganismo aborda outras questões. Essa definição foi (e vem sendo) revisada, repensada e ampliada para incorporar uma maior complexidade de pluralidades e isso é recorrente nos discursos dos ativistas. E os ativistas desta pesquisa têm parte nisso.

A partir do local/data do “surgimento” do veganismo, é possível “entender a materialização do conceito enquanto uma prática de consumo, não enquanto movimento contracultural que buscava desafiar as estruturas de poder daquele período/território” (DAVIDSON, 2020, 101). Assim, ressalta-se a importância de se fazer críticas a esse modelo de veganismo, possibilitando o “redirecionamento a novos conceitos”: “capazes de acompanhar as práticas em curso – que adotam a ética, política e o posicionamento antiopressão como bases. (Idem, p. 102).

Uma problematização do Veganismo Popular é que a definição da *The Vegan Society* pode levar a uma interpretação reducionista, que limita o movimento ao consumo individual. Guimarães (2018), reforçando o que os ativistas pontuaram, considera que o veganismo é “uma postura política que rejeita a objetificação e mercantilização de animais e se compromete com a luta por abolição da exploração animal”. Apesar do veganismo ter como objetivo central a libertação dos animais não-humanos, esse movimento é “uma extensão lógica da luta antiopressão de um modo geral” (Idem). Geralmente se pensa a *The Vegan Society* como o “pilar fundador” da causa animal devido ao seu alcance e influência, porém não se deve “traçar uma espécie de ‘genealogia’ do movimento, mas de buscar entender suas contradições e atores em uma tradição vasta e complexa (...)” (BITTENCOURT, 2023, p. 25-26). Vegano Vitor e Vegetal Vermelho vão, por vezes, entender/evidenciar essas contradições para apresentar leituras sobre o movimento.

Mais uma vez trazendo o diálogo do feminismo com o veganismo, Quézia Lima (2017, p. 182), ao estudar o funcionamento dos discursos feministas no ciberespaço, aponta que o posicionamento discursivo analisado é de que o feminismo liberal não incorpora a pluralidade de “mulheres”, em contrapartida, “o sujeito feminista posiciona-se enquanto uma denúncia para que o feminismo deixe de ser excludente” (Idem). O Veganismo Popular se apresenta nesse sentido, já essa definição “original” do veganismo é compreendida como vinculada à ideologia liberal, que remete a um sujeito “descontextualizado, absolutizado e assumido como medida de todas as coisas” (MANNI; MAURIZI, 2022, tradução nossa). Ou seja, não inclui a diversidade

de realidades que existem no movimento e na sociedade brasileira. Os ativistas veganos populares fazem a crítica direcionada ao Veganismo Liberal, dentre outras coisas, para que o movimento vegano não seja racista (ou melhor, seja antirracista), não seja machista nem pratique LGBTQIA+ fobia.

Quando se pensa (e se analisa) o veganismo na sua materialidade, é levado em consideração o movimento real das dinâmicas sociais, como também a compreensão do discurso enquanto palavra em movimento. As condições de produção desse discurso passam a determinar/condicionar a FD. Para a FD do Veganismo Popular, a definição “tradicional” do veganismo não é estática, mas deve se ajustar às novas demandas da sociedade. Sendo assim, *“Na medida que o veganismo se estrutura e se torna uma luta, novas definições vão surgir, novas definições pra que essa pauta esteja adequada com as demandas do nosso tempo. Então, as definições elas estão aí para serem atualizadas [...]”* (Vegetal Vermelho). Para AD, o discurso, além de teórico, possui caráter político, pois sua história vincula-se às “relações de produção/reprodução/transformação, ou seja, relações de base econômica e de cunho político, inscritas no movimento dialético do real sócio-histórico” (MAGALHÃES; SOBRINHO, 2013, p. 96). Pensar a realidade dialeticamente, é pensá-la em mudanças e contradições. Por ser repleta de mudanças, assim é contraditória (PÊCHEUX, 1995).

Pêcheux (2014, p. 147-148) afirma que a objetividade materialista, partindo do ponto de vista do proletariado, “(...) se caracteriza discursivamente por tomadas de posição a favor de certas palavras, formulações ou expressões, exatamente como uma luta pela produção dos conhecimentos”. Isso quer dizer que as palavras ou expressões possuem um sentido nos processos discursivos consoante a conjuntura histórica. Sob o “ponto de vista” discursivo, justifica-se assim, a “ressignificação” do(s) sentido(s) do veganismo, pois a incorporação tanto da palavra, quanto do sentido de “*popular*” (ver subcapítulo 1.1) parte da (re)construção do movimento pela (e para) classe trabalhadora.

Vegano Vitor reforça que na sua compreensão do veganismo, na definição do movimento, os humanos são incluídos, ou seja, foi o veganismo que o ajudou a entender que os humanos também são animais e que vivem no mesmo mundo que os outros animais. Na FD vegana popular, ao se referir a “animal/animais”, imediatamente incluem-se os humanos. Na prática antiespecista, de maneira geral, não existe “eles” e “nós”, humanos e outros animais possuem suas particularidades e especificidades e devem ser respeitadas, todavia, não deve existir hierarquia entre as espécies. Isto é, ser antiespecista é abolir essa estrutura hierárquica

entre as espécies. Vegetal Vermelho também compreende que na práxis antiespecista vegana popular, não deve existir essa hierarquia, porém compreende o especismo como um aspecto do antropocentrismo, e como já apontado, há um equívoco teórico. Para ele, o antropocentrismo é a concepção do *“Homem humano enquanto centro do mundo, o centro do cosmos”* e em geral, esse homem é: adulto, branco, heterossexual, cristão. Por conseguinte, *“tudo que não se enquadra nessa definição, então, é considerado como inferior [...]”*. Por fim, complementa que essa é uma *“estrutura de pensamento”* da *“nossa civilização”*, com origem desde o monoteísmo cristão.

Para Vegetal Vermelho o antropocentrismo faz com que o ser humano se impute o direito de explorar outros animais e a natureza e isso existe antes da sociedade moderna capitalista – *“anterior ao próprio Cristianismo”*. Continua dizendo que o antropocentrismo *“coloca uma valoração extrínseca aos próprios seres, então eles não valem mais nada além do que valem enquanto utensílio. Assim, uma planta, uma cachoeira, um porco ou um javali, eles só têm um valor na medida em que servem ao Homem [...] (Vegetal Vermelho)*. Logo, o que produziria a exploração animal na nossa sociedade seria uma certa concepção que pensa a natureza enquanto recurso a ser utilizado/explorado. Portanto, *“tudo só tem o seu valor, o seu sentido na sua relação com o Homem, com o ser humano” (Vegetal Vermelho)*.

Nessa lógica, Vegetal Vermelho afirma que *a gente* mercantiliza e trata a natureza como “utensílio”, “algo à mão”, “enquanto um valor econômico”, e o que sustenta essa mercantilização é o antropocentrismo. Em *“a gente”* há um efeito de sentido que supõe essa ação como do gênero humano como um todo, sem considerar o recorte de classe. A sua tese é que *“essa mercantilização da natureza é sustentada pelo antropocentrismo”*, porém, sob esse olhar, não é possível explicar por que apenas uma classe usufrui desse processo. Ora, se a natureza passa a ser mercadoria, visto que o ser humano se coloca como centro do mundo, o que justifica só a burguesia acumular capital com isso, enquanto a classe trabalhadora também tem seu corpo (e força de trabalho) mercantilizado?

Ao analisarmos o especismo como um dos aspectos do antropocentrismo não conseguimos compreender essa opressão na sua totalidade. Pensemos: se o especismo existe porque o ser humano se considera superior aos outros animais – considerando a realidade brasileira –, o que explica o motivo da maioria de cães e gatos serem tratados com amor e carinho, muitas vezes como parte da família, enquanto milhares/milhões de bois, vacas, galinhas, porcos e peixes são explorados e mortos diariamente pela indústria animal? Em 2022,

só no Brasil, foram abatidos mais de 29 milhões de bovinos (alta de 7,5% ao ano anterior). Frangos: mais de 6,11 bilhões e suínos: mais de 56 milhões (IBGE, 2023)⁸⁶. Sendo assim, se todos são animais (e não humanos), o que explica uns serem tratados com carinho, respeito, terem leis que os protegem⁸⁷ (Lei Federal n.º 9.605), enquanto outros – que não se enquadram como “domésticos/domesticados” ou “exóticos”, mas sim como “animais para consumo” – podem⁸⁸ ser explorados e mortos aos milhões pelas indústrias? Nessa lógica de Vegetal Vermelho, ele não diz como (e por que) o especismo trata de formas diferentes as diferentes espécies. É nessa perspectiva que Maurizi (2020) pontua que o antiespecismo (e o veganismo) não se baseia na luta contra o homem, contra a humanidade, mas contra o domínio sobre a natureza e sobre os animais. Sem esses, a sociedade de classes não poderia existir.

Para Vegetal Vermelho, uma pessoa que compõe o Veganismo Liberal ama cães e gatos, (os “pets”) da mesma forma que ama “*porcos, vacas e galinhas e os animais que são explorados pela indústria*”, porém, não amam as demais “*espécies que estão sendo ameaçadas*” com o modo de produção e consumo capitalista. Ele faz essa afirmação por compreender que o Veganismo Liberal, por não fazer a crítica ao sistema que produz (e reproduz) a exploração animal, passa a apoiar (e/ou não criticar/boicotar) uma empresa multinacional que mesmo tendo a produção animal como sua base econômica lança um “produto vegano”. Ou seja, “*se eles não se dão conta de que há um tipo de exploração própria ao capitalismo – que tá matando esses animais! – ele nunca vai conseguir libertar os animais. É impossível! Impossível*” (Vegetal Vermelho).

Há então um efeito de sentido no seu discurso em razão de que quem defende o Veganismo Liberal não considera a estrutura, ignorando assim, diversas espécies afetadas direta ou indiretamente na dinâmica desse sistema. Podemos pensar em dois exemplos para extrapolar essa relação que Vegetal Vermelho pontuou. O primeiro é que esse modo de produção tem como essência a busca pelo lucro e esse lucro advém da relação produção/consumo, para se ter êxito esse sistema cria uma lógica de consumo em massa. Assim, de modo a gerar acúmulo constante de riquezas, é necessária uma produção constante e infinita, porém, o planeta é

⁸⁶ Conferir em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/36455-em-2022-abate-de-bovinos-volta-a-subir-e-producao-de-ovos-de-galinha-bate-recorde>.

⁸⁷ Como o Artigo 32 da Lei Federal n.º 9.605 (1998), que trata de crimes contra a Fauna, considera crime sob pena e multa “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”.

⁸⁸ “Vacas, porcos, galinhas, peixes e outros animais criados para alimentação têm pouca ou nenhuma proteção contra crueldade. Embora sejam indivíduos capazes de pensar, sentir e querer aproveitar suas vidas, eles vivem em condições miseráveis em fazendas industriais ao redor do mundo” (ANIMAL EQUALITY BRASIL). Disponível em: <https://animalequality.org.br/problemas/carne/>.

composto por recursos finitos, logo, “não comporta uma produtividade infinita”. Nesse sentido, por existir uma necessidade de crescimento/expansão infinita do capitalismo sobre uma realidade de recursos finitos no planeta, a degradação ambiental é inerente a esse sistema (MORAIS; RAZEL, 2022). “A crise ambiental aparece, assim, como aquela capaz de lembrar à humanidade – ou ao menos àqueles que insistem na reprodução ilimitada do capital – que existem limites físicos, orgânicos e químicos para a sua expansão” (QUINTANA; HACON, 2011, p. 428).

Essa degradação é parte do sistema capitalista, portanto, ao se ignorar a dinâmica desse sistema, também se ignora os diversos (outros) animais afetados por ele. Com o ritmo de produção no capitalismo, tanto a criação de animais em escala, quanto os níveis de materiais poluentes se amplificam. Nesse ritmo, o futuro reservará um planeta “doente” (COGGO; MENCARINI, 2020).

Portanto, quando o Veganismo Liberal apoia e/ou não critica um sistema como esse, apesar de considerar e respeitar as espécies “para consumo”, esquece outras que são impactadas. Outro ponto a considerar, por exemplo, é quando uma empresa como a Seara lança uma “linha vegana” (2021), ela não tem interesse em deixar de explorar animais, mas de atingir outro público e gerar mais lucro. A prova disso é que atualmente a JBS (dona da Seara) é a maior produtora de carne bovina do mundo, além de ser a maior em produção de frango (graças à aquisição, em 2013, da Seara Brasil).⁸⁹ Falando sobre a relação exploração e sistema, Vegano Vitor diz que:

“Como a nossa sociedade explora animais de outras espécies em níveis que às vezes é até difícil da gente enxergar, é tão complexa a forma como a gente explora esses animais que é impossível a gente viver sem participar disso [exploração] de alguma forma, né? [...] É uma contradição do sistema que ela vai existir em um monte de casos [...]” (Vegano Vitor).

Ele conclui afirmando ser “simplesmente impossível” deixar de causar algum sofrimento a alguma espécie. Essa contradição do sistema que Vegano Vitor aponta sempre existirá e continuará existindo enquanto o modo de produção se sustentar na exploração desses animais. Quero destacar alguns pontos dessa fala. Primeiramente, ele diz que a nossa sociedade explora animais “em níveis que às vezes é até difícil da gente enxergar”, isso não é por acaso. Essa exploração se torna difícil de enxergar, pois o caráter fetichista da mercadoria oculta as

⁸⁹ “A JBS está entre as dez principais empresas internacionais de alimentos e bebidas (...). Em todo o mundo, a empresa conta com uma capacidade de abater 85 mil cabeças de gado bovino, 70 mil porcos e 12 milhões de aves diariamente. A carne é distribuída para 150 países” (SANTOS *et al*, 2016, p. 12).

relações sociais da mesma, logo um hambúrguer é dificilmente percebido enquanto um pedaço de carne que já foi um animal inteiro com vida, que foi morto, esquartejado, moído e embalado, tratando assim, os animais como dinheiro e não mais na sua própria singularidade/existência (Vegetal Vermelho). O fetichismo atravessa a representação que temos dos animais não-humanos, normalizando a violência contra eles e isso é imanente do processo de mercantilização dos corpos desses animais (ALVES FILHO, 2020; MANNI; MAURIZI, 2023).

Outro ponto que merece destaque é que em um nível de abstração maior, a existência humana implica e impacta no “consumo” da vida dos outros animais, de forma integral e igualitária sobre toda a natureza. A exploração se intensifica quando nos remetemos à modernidade, tanto que *“é impossível a gente viver sem participar disso [exploração]”* (Vegano Vitor). Porém, fazer a escolha do veganismo, em especial o Veganismo Popular, é uma forma de se “negar” a *participar disso*, pressupondo – óbvio – todas as contradições inerentes desse processo. Para Vegetal Vermelho, o veganismo surge enquanto uma *“ação política de boicote pra atender demandas que a civilização ocidental capitalista impõe pra própria luta do movimento”* (Vegetal Vermelho).

Para a FD que Vegano Vitor e Vegetal Vermelho se inserem, chamar produtos de origem vegetal de *veganos* é um equívoco. Ao usar as aspas em “veganos”, Vegano Vitor reforça esse sentido: não concorda que esses produtos possam ser considerados veganos, pois a maioria é fabricado por indústrias que seguem explorando animais. Pessoas veganas são as pessoas que constroem e compõem esse movimento, produtos que não possuem insumos de origem animal são chamados de “produtos de origem vegetal”, “vegetarianos” ou “aptos”, diferentemente da FD do Veganismo Liberal, que convém chamar qualquer produto que não possui insumos de origem animal de “vegano”. Ou seja, vegano(a) é a pessoa que vive/pratica o veganismo, ao passo que, uma pessoa que vive/pratica o especismo é chamada de especista, ou também pode aparecer como “carnista” na FD do Veganismo Popular.

“Especista é quem acredita que outras espécies de animais podem ser usadas como bens de consumo, ou seja, para entretenimento, pra testes, vestuário, alimentação. Especista é todo mundo que compactua e financia tudo isso. Então se você não é vegan, você é especista!” (Vegano Vitor).

É tentando se contrapor a essa compreensão, que Vegano Vitor chama atenção de que é mais fácil e *“muito mais interessante entender o veganismo”* partindo do seu *contrário*, o especismo: *“o contrário do veganismo não é onivorismo, o contrário do veganismo não é comer animais”* (Vegano Vitor). O que ele não diz ao chamar atenção de que o veganismo não é o contrário de comer animais ou onivorismo é que no senso comum, o “normal” ou “padrão”

seria a pessoa consumir animais, portanto, ser vegano(a) seria o diferente. E que para ele o veganismo não é sobre consumir ou não, mas ser contrário a uma estrutura de exploração: o especismo. Santos e Silva (2014) apontam que uma das formas de se conceituar algo é descartando o que esse algo não é, assim, o veganismo *não é* especismo.

Para Vegano Vitor, o especismo é uma “*forma de discriminação*” que tem como objeto os animais não-humanos, e para ele os humanos (“*Nós da espécie humana*”) discriminam e exploram os animais de formas, medidas e intensidades diferentes a depender da espécie e isso é feito quando é “*benéfico pra gente*”. O pronome “nós” se refere aqui à espécie humana como um todo (Vegano Vitor repete “nós” sempre apontando para si, para reforçar não verbalmente o seu discurso), ignorando assim, a dimensão de totalidade. De fato, em última instância, são os humanos que exploram os animais, mas precisa ser levado em consideração que vivemos em uma sociedade de classe e a exploração da mercadoria animal (na medida que é hoje, industrial) atende à demanda da classe que lucra com essa exploração. Sem compreender a totalidade da sociedade capitalista, não será possível compreender a realidade do especismo. Sendo assim, por mais que sejam os humanos, as relações com os outros animais possuem características ontologicamente diferentes a depender da classe, ao pensar a exploração animal de maneira estrutural (NETTO, 2011).

Vegetal Vermelho também entende o veganismo como um movimento político, tendo o boicote como uma estratégia de ação e assim “*decide não fazer parte de uma estrutura, de uma construção social que pensa os animais enquanto mercadoria, enquanto valor e recurso para o homem*”. Para ele, o veganismo é

“a luta pela libertação animal. É o movimento de boicote de animais humanos, que visam a libertação dos animais não-humanos que são explorados pela indústria, pelo mundo e que tão sendo exterminados por aí nos seus habitats naturais devido ao nosso modo de vida, que tem uma conexão absolutamente umbilical com a própria ideia de capitalismo” (Vegetal Vermelho).

Portanto, o veganismo é antiespecismo por não considerar a espécie humana como centro do universo e sem direito natural sobre outras espécies, e também é anticapitalismo por acreditar ser incompatível o modo de produção vigente com a existência dos animais não-humanos e humanos. “Direito natural”, “liberdade de comércio” e “propriedade privada” são alguns dogmas que estruturam o pensamento liberal (DARDOT; LAVAL, 2016). O antiespecismo na FD do Veganismo Popular mobiliza sentidos contrários a esses elementos, no qual discutiremos principalmente no subcapítulo 3.3.

O veganismo não é necessariamente sobre amar ou não amar os outros animais, mas respeitar os interesses próprios e particularidades de todas as espécies, Vegano Vitor pontua que não precisa amar um animal (humano ou não) para entender que ele merece respeito e traz um exemplo por outro ângulo: *“Eu posso odiar uma pessoa que isso não vai me fazer querer matar essa pessoa e me alimentar da carne dela sabe?”* (Vegano Vitor). Muitos(as) teóricos(as) e “escolas” do veganismo e da questão animal pregam a defesa do animal a partir de uma questão moral: amor, empatia, etc. Quando Vegano Vitor faz esse apontamento acima está fazendo uma leitura material da exploração animal e do veganismo. Todavia, um dos grandes aprendizados que Vegetal Vermelho teve com o veganismo foi a empatia com outros existentes não-humanos. Para ele, apesar de ser mais fácil ter empatia ao se projetar e se reconhecer no (a) outro (a) – no caso, no outro humano por compartilhar dos mesmos problemas que você ou estar em uma “posição” parecida com a sua (seja de classe, raça, sexo, etc.). Entretanto, *“o verdadeiro sentido da ética é pensar no radicalmente outro [...] E os animais são esse tipo de existência”* (Vegetal Vermelho).

A empatia da classe trabalhadora com os outros animais, não deve partir de um sentimentalismo (ao menos não só), mas sim, de uma condição compartilhada historicamente, isto é, a dominação e exploração humana e dos outros animais possuem uma relação material e histórica. Humanos e os outros animais derivam do mesmo reino, possuindo diversas características semelhantes como: necessidades fisiológicas, formas de se nutrir, sociabilidade, entre outras. Como aponta Hélio de Oliveira (2021, p. 38), “os animais nos revelam indícios, como comportamental, anatômico e fisiológico que provam que eles podem ser considerados enquanto sujeitos de suas próprias vidas”. Outra característica fundamental é a capacidade de ter/sentir sensações e sentimentos conscientemente, ou seja, perceber conscientemente, por exemplo o frio, o calor, o conforto, a ansiedade e a dor (ALVES FILHO, 2020). Essa condição histórica compartilhada⁹⁰ entre a classe trabalhadora e os animais não-humanos extrapola as questões biológicas, pois ambos têm seus corpos explorados pelo capital de forma alheia à sua vontade.

Monteiro e Siqueira (2015, p. 76-77) também compreendem que a base para as preocupações da classe trabalhadora com os animais não é apenas um sentimentalismo (embora pensemos que o sentimento é uma resposta tão legítima quanto a racionalidade científica), mas

⁹⁰ No entanto, no que concerne a relação de trabalho – sob a ótica marxista – é tipicamente humana. A exploração humana possui um sentido diferente da dos outros animais, porém, por trás da semelhança empírica há uma diferença essencial que só a análise teórica pode mostrar (MAURIZI, 2023).

a empatia emerge como uma condição compartilhada entre as *bestas de carga*. Vegetal Vermelho assume haver uma conexão – enquanto explorados – entre animais humanos e não-humanos, “as experiências dos seres humanos e dos animais estão ligadas e têm uma origem comum no mesmo sistema de produção e de troca” (MONTEIRO; SIQUEIRA, 2015, p. 7). Importante ressaltar que estão em “categorias” diferentes, mas que há um inimigo comum: quem lucra com essa exploração⁹¹. Tanto classe trabalhadora, quanto animais não-humanos, são peças da mesma engrenagem do capitalismo (NEGRINI, 2019).

Então, para Vegetal Vermelho, mesmo sendo opressões de naturezas distintas, com suas particularidades e singularidades, é uma “*mesma estrutura de dominação que opera*” nesses casos, é o mesmo “*mecanismo de pensamento*”, o mesmo “*modo de produção de diferenças*” que gera essas opressões. Há um inimigo em comum, portanto, essas lutas devem caminhar juntas. Apesar disso, ele não explicita três coisas: 1) qual *mecanismo de pensamento que produz* essas opressões ele está se referindo? 2) qual é esse *mesmo modo de produção de diferença*? E 3) qual é esse *inimigo comum*? Bittencourt (2023, p. 7) defende a tese de que, pelo fato de que além de cães e gatos, animais como vacas, porcos e galinhas e outras espécies serem seres sencientes, é que “as esquerdas deveriam urgentemente repensar sua práxis no que tange a questão animal”, pois se entende que as esquerdas pautam um projeto político que tem como bases “não oprimir, usar, explorar ou dominar quem quer que seja por suas características (...)”.

Da mesma forma que outros movimentos, o significado (político) do veganismo está em constante disputa e disputá-lo é tarefa de quem se reivindica vegano(a), portanto, ativistas e militantes do Veganismo Popular lutam para que esse significado não se perca na perspectiva liberal, para que o veganismo enquanto um movimento político contra hegemônico não se esvazie em pautas individualistas, como afirma Vegano Vitor: “*eu luto para que o significado do veganismo deixe de ser consumo, deixe de se consumir produtos industrializados que fazem mal pra saúde [...] que são caros pra caramba*”. Segundo ele, essa forma de enxergar o veganismo afasta as pessoas por achar o movimento não acessível e impraticável, denotando uma condição (exclusão) de classe ao “nichar” o consumo, excluindo um grupo de pessoas por “simplesmente não poderem comprar a opção mais cara que carrega o selo Vegano” (DAVIDSON, 2020), tornando a percepção comum de que o veganismo é “coisa de rico”. Pensar a consolidação do Veganismo Popular é pensar um veganismo que não se restrinja a

⁹¹ Em outro momento ele diz que da mesma forma que o animal vai implicar no privativo do que é ser Homem, o masculino implica o que o feminino não é (não pode ser), do mesmo jeito para raça, em que o negro/preto é privado aquilo que é do branco.

uma camada da população que possa pagar por “produtos veganos”, mas sim ampliar a dimensão do movimento para que ele contemple as múltiplas realidades. Em outras palavras, é pensar nesse veganismo sob um novo *ethos* radical e transformado (ARRUZZA; BAHATTACHARYA; FRASER, 2019).

Vegetal Vermelho e Vegano Vitor apontam que o Veganismo Liberal, de maneira geral, não só não contribui para a libertação dos animais não-humanos, mas contrariamente, se torna parte do problema, ou seja, é também especista por defender a visão de que a exploração animal diminuirá gradualmente à medida que aumenta a diversidade e quantidade de produtos (“veganos”) no mercado (ARRUZZA; BAHATTACHARYA; FRASER, 2019). Nesse sentido, uma sociedade “justa” só pode se realizar com a superação de todas as formas de discriminação que o capitalismo não deu conta, pelo contrário, as incorporou “para seus próprios fins.” (MANNI; MAURIZI, 2023).

A relação humano/animal-não humano se mostra cada vez mais presente nas pesquisas interdisciplinares e isso se dá com o crescimento político do veganismo aliado com o processo de reivindicação dos direitos animais que questionam as fronteiras cosmológicas que sempre separaram a natureza da cultura (FERRIGNO, 2012). Assim, lutar pelos direitos animais fortalece a luta pelos direitos humanos por existirem bases comuns entre as opressões: “tradição, o capitalismo, o patriarcado, o especismo” (NEGRINI, 2019, p. 26). O movimento vegano, pensado na sua totalidade, não está isolado e nem existe apenas por si. Nesse sentido, Vegetal Vermelho diz que a partir do veganismo abre-se uma série de debates que são “*amplos e interdisciplinar[es]*”, dialogando com diversas áreas. Ao boicotar (uma forma) a alimentação, problematiza isso e junto à saúde, também problematiza o mercado da moda, cosméticos e empresas farmacêuticas.

A concepção do que seria a luta (ou lutas) que o veganismo se propõe foi (e vem) se desenvolvendo, se adaptando e se ampliando com o passar do tempo. A dimensão de interseccionalidade vem sendo cada vez mais tomada como categoria para entendimento do movimento. As diversas opressões e dominações, “incluindo todas as espécies e especificidades em todas elas, como as dominações de classe, gênero, raça, sexualidade, etc” (MOTA; SANTOS, 2020, p. 7), foram construídas tendo também o especismo como base. Portanto, é fundamental o veganismo entender essa lógica para que a luta vegana não se limite à libertação animal, mas inclua a humana. Segundo Souza (2022, p. 78), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da

interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. E enquanto dispositivo teórico-metodológico, contribui com o veganismo pelas experiências vividas por outros grupos submetidos a esses sistemas de opressão.

Como vimos, Vegano Vitor e Vegetal Vermelho consideram que os humanos também estão inseridos na definição de veganismo e que o Veganismo Popular, na sua definição/concepção, luta pelo fim da exploração/discriminação/opressão/ entre as espécies – quando se trata da questão dos animais não-humanos, estamos falando do especismo. Com relação às outras opressões ancoradas no modo de produção capitalista, esses ativistas entendem a urgência de se pensar um projeto político que acabe a hierarquia entre as espécies. Assim, o Veganismo Popular visa combater essa estrutura social, econômica e política que subjuga humanos, não-humanos e natureza enquanto mercadorias e os ativistas entendem que isso não se faz isoladamente, ou seja, a luta do veganismo não se finda na libertação dos animais e no próprio movimento vegano, precisa estar articulada com outros movimentos.

3.2 – Libertação animal e libertação humana: Veganismo Popular e a importância da articulação com outros movimentos

Tanto Vegetal Vermelho quanto Vegano Vitor apresentam suas compreensões do veganismo, incluindo os humanos como parte do movimento por entender que também são animais, assim como entendem que a libertação animal só poderá ser materializada a partir da organização coletiva de pessoas. Outro elemento fundamental é que o Veganismo Popular considera que para haver uma libertação animal concreta é preciso estar articulado com outros movimentos, pois como vimos, essa libertação real só poderá ser alcançada com a subversão da estrutura política-econômica-social que a mantém. Ponce e Proaño (2020, p. 53) consideram o Veganismo Popular, como um movimento de resistência em busca da abolição animal (humano e não-humano): *“El veganismo popular es el camino de lucha en el que se encuentran los movimientos de resistencia que buscan la abolición de sus propias cadenas y el movimiento animalista que busca la abolición de las cadenas de los animales no humanos.”*. Assim, o Veganismo Popular – enquanto (também) movimento abolicionista –, não pauta uma “humanização dos outros animais” (como o movimento pelos direitos animais na perspectiva liberal), mas sim uma *re-animalización* [“re-animalização”] de animais humanos. Seria “trazer de volta” os humanos para a categoria de animais e “afastá-lo” da compreensão que se criou de

um ser cultural/racional que transcende e é superior aos demais animais (assim como da natureza integralmente).

Guimarães (2018), ratifica haver uma confluência entre as opressões e foi o despertar para o veganismo que a fez perceber que todas as opressões, apesar das diversas faces e particularidades, “todas elas t[ê]m uma coisa em comum: a exploração, discriminação e violência do ser mais vulnerável pelo ser que tem mais poder”. Vegano Vitor ressalta que a pauta do veganismo não é só importante para os animais ou para as pessoas envolvidas diretamente com o veganismo, “*ela é muito importante para qualquer pessoa que tem alguma preocupação com o futuro político do país*”. Foi a partir do veganismo, pela luta antiespecista, que Vegano Vitor passou a enxergar-se como um sujeito político e a identificar-se com as pautas defendidas pela esquerda. Negrini (2019, p. 88) diz que o “veganismo é uma concepção filosófica e práxis social em busca de libertar os animais de qualquer espécie de todas as formas de opressão, preconceito, exploração e crueldade”. Dessa forma, Vegano Vitor chama atenção de que a esquerda precisa perceber o movimento vegano como aliado por terem pautas em comum do mesmo modo que o movimento vegano por “*ver um futuro muito parecido lá na frente*”; precisa ter a esquerda e seus movimentos como o MST como aliados.

Quem ratifica isso é Bittencourt (2023) em seu livro “Ninguém fica para trás: por uma esquerda vegana e por um veganismo de esquerda”. Nele, o autor pressupõe dois objetivos: aprofundar e desenvolver o pensamento de que “ser de esquerda é não deixar ninguém para trás”⁹² e demonstrar objetivamente “como é profundamente incoerente ser de esquerda, ser antifascista e não incluir os animais sencientes de outras espécies no nosso círculo de consideração moral e projetos de um mundo livre de dominações (...)” (BITTENCOURT, 2023, p. 6). Ele também evoca Marx e Engels para falar de como é possível estabelecer uma relação entre a perspectiva teórica-política desses autores e a questão animal. “Mesmo que ambos não tenham aderido ao vegetarianismo em sua época, seus apontamentos teóricos são utilizados por militantes veganos de esquerda para sensibilizar camaradas próximos.” (Idem, p. 18). Vegano Vitor ressalta que o veganismo o fez “ser de esquerda”.

Nos seus discursos, os ativistas trabalham o sentido da radicalidade, essa radicalidade implica também em perceber que a transformação social passa por outras lutas e devem estar

⁹² Essa fala foi feita por Sandra Guimarães em um evento parte da I Jornada pela Libertação Animal e combate à fome, em 2022, promovido pela AVEG no Recife.: “(...) Lembrar a galera da esquerda que está faltando um projeto de justiça e solidariedade com outras espécies. E ser de esquerda é não deixar ninguém para trás, o seu compromisso com a luta na esquerda não está completo” (BITTENCOURT, 2023, p. 6).

articuladas. A aproximação do feminismo com o veganismo já se mostrou aqui mais do que evidente. Kauan Willian (2021, p. 6) ressalta a importância da relação da luta pela libertação animal e do movimento sufragista⁹³ na Europa. Iridiani Seibert (2019) também comenta sobre como a emancipação real só é possível a partir da construção de outra sociedade e que a libertação das mulheres e da humanidade ocorrerá com a emancipação do trabalho ao capital. Nessa afirmação, acrescento os animais (não-humano) às “outras” espécies. Esses apenas terão seus plenos direitos (direito à própria existência e à liberdade), com a superação da sociedade capitalista que insere esses animais sob as condições de mercadorias. Quando se fala em “liberdade” para os animais, essa não é a liberdade que o marxismo compreende, no qual seria a liberdade política de poder escolher o que quiser dentro das opções concretas, além de ter o que precisar, mas sim liberdade para que os animais

(...) não sejam mais cerceados, que eles não sejam mais encarcerados, que eles não sejam mais torturados, que seus corpos não sejam atormentados, que eles não sejam mais reproduzidos artificialmente, que eles não sejam mais transformados em mercadorias, assim como nossa força de trabalho também não vai ser mais mercadoria. (COSTA, 2021)^{[i]94}

No Veganismo Popular, o sentido de liberdade se amplia, ao considerar “experiências vivenciadas por outros movimentos que anseiam pelo mesmo ideal de liberdade” (SOUZA, 2022, p. 66). Para Annamaria Manzoni (2021), só é possível falar em justiça, liberdade e equidade se incluir os animais não-humanos e isso requer, como passo inicial, a adesão ao veganismo.

O debate sobre a opressão de gênero e raça⁹⁵ não pode ser alheio à discussão de ordem classista (ARAÚJO, 2020). Da mesma forma que não se pode pensar na opressão (exploração) animal e no especismo e dissociá-la do modo de produção capitalista. “As mulheres sozinhas não irão transformar a situação de opressão e exploração. No entanto, sem a liberação das mulheres, não se pode alcançar a emancipação humana” (ARAÚJO, 2020, p. 86). Podemos estender para a realidade da exploração animal, pois uma sociedade que almeja uma libertação plena, ou seja, o fim de todas as explorações (doravante, opressões), deve inserir a discussão

⁹³ “O que fez, para autora Carol Adams, ser o feminismo a linha de frente do vegetarianismo e do veganismo, já que em sua análise, e que essa tradição já apontava, a cultura patriarcal foi construída em relação com o ato de consumir animais diariamente, como também mostram como nos escritos de Françoise d’Eaubonne, Vandana Shiva, Susan Mann e outras” (WILLIAN, 2021, p. 6). Em outro texto, Ana e Willian apontam que “a tradição de mulheres que relacionavam as guerras ao predadorativismo humano desembocou em reflexões importantes sobre a própria construção da masculinidade, da dominação de gênero em consonância com a dominação animal (...)” (MOTA; WILLIAN, 2019).

⁹⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZ59ZtmNxck&t=44s>.

⁹⁵ Santos (2022) vai analisar o Movimento Afro Vegano (postagens Instagram).

antiespecista. Essa libertação só será plena se os outros animais, além dos humanos, também não forem mais explorados. Nesse sentido, Manzoni (2021) afirma que foram as mulheres que estabeleceram a relação entre gênero e espécie⁹⁶, perceberam que para sair da condição de opressão e dependência do gênero masculino suas lutas precisavam andar com a reivindicação da libertação animal.

Existe um horizonte que organizações, partidos e movimentos da esquerda almejam, de maneira geral, que Vegano Vitor aponta como um “*futuro muito parecido*”. Bittencourt (2023, p. 82) diz que, pensando esse horizonte comum, o Veganismo Popular vem alertando a esquerda para juntos poderem “minar e destruir um dos pilares mais importantes da ‘acumulação de capital’ do sistema econômico, a exploração dos animais”.

Muitos socialistas estão começando a ver a exploração animal como uma forma de opressão intimamente relacionada a outras formas de opressão, como exploração de classe, opressão de gênero e racismo. Assim, eles argumentam que para criar uma sociedade mais igualitária é necessário não apenas enfrentar a desigualdade econômica, mas também outras formas de opressão, incluindo a exploração de animais (MANNI; MAURIZI, 2023, tradução nossa).

Assim, um dos movimentos essenciais que o Veganismo Popular apoia e se articula é o MST, que luta pelo direito à terra, por uma Reforma Agrária Popular, pela construção de outras formas de produções agrícolas livres de agrotóxicos, agroflorestais, etc. Essas reivindicações são comuns a esses dois movimentos, por isso que não só é urgente como essencial a união e articulação desses. Vegano Vitor destaca a relevância de Sandra Guimarães, da sua vanguarda militante no blogue “Papacapim”⁹⁷ e entre outros espaços, nesse diálogo antiespecismo, veganismo e MST. Na concepção da militante, o veganismo (popular) deve também lutar contra a concentração fundiária e a Bancada Ruralista. Ou seja, um projeto de país em que não existam grandes fazendas, em que a base econômica não se sustente na exportação de *commodities* (“*a grande fazenda do mundo*”). Deve-se pensar e construir “*novas maneiras de se alimentar*” envolvendo agroflorestas e permacultura, assim como pensa o MST (Vegano Vitor).

Além de movimentos como o MST, o veganismo precisa estar articulado com as discussões dos povos originários. Para Vegano Vitor, os povos originários “*têm uma relação com animais e têm um entendimento do que são outros animais muito diferentes do nosso entendimento*”. A sociabilidade imposta pelo modo de produção capitalista subverte as relações e as interações sociais. Os seres humanos interagem com o que não é humano (outros animais,

⁹⁶ Ler “A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana” de Carol J. Adams.

⁹⁷ Ver em: <http://www.papacapim.org/>.

“natureza”) de forma estranhada, como sendo o outro. Os povos originários, em sua maioria, possuem outra forma de se relacionar com outros animais e natureza, possuem outra cosmovisão: “As mudanças climáticas são mais percebidas pelos povos indígenas, pois mantemos uma relação íntima com a Mãe Natureza: dela vem todo o nosso sustento e ela nos dá todas as explicações para os fenômenos que afetam nossas vidas. Entendemos a sua língua” (APIB, 2021).⁹⁸ Vegano Vitor considera que compreender a relação dos povos originários com os outros animais “*ajuda a gente a entender como que a sociedade, como ela é hoje*”, que transformou os animais em mercadorias.

Nessa mesma perspectiva, Vegetal Vermelho argumenta que em certas cosmologias, a imagem construída sobre o que é (ou não) um animal, “*nos dá justificativas conceituais para que uma forma de exploração se opere*”. E para ele, essa forma de pensar não existe em outras populações, mesmo que ainda haja uma certa “violência” é preciso que se entenda a particularidade desse processo. O que ele não pontua é que vivemos em uma sociedade de classe e quem condiciona a “forma de pensar” (ideologia) é a classe que detém os meios de produção, assim, quem constrói essa “imagem”, atendendo aos seus interesses, é a classe dominante. A ideologia é um “elemento decisivo na luta de classes” e a disseminação dessa pela classe dominante tem como objetivo justificar sua dominação e impor-se como “representação mental às classes dominadas”(GRESPLAN, 2021, p. 63).

Quando Vegetal Vermelho fala que isso “*não tá presente em outras populações*”, está se referindo a essa imagem construída, essa forma de pensar sobre os animais. Compreende-se assim, que os povos originários possuem outra forma de enxergar os animais não-humanos. No Brasil, a nossa cosmovisão está sob a perspectiva do capitalismo (ORLANDI, 2005), tendo o sujeito discursivo sob a forma-sujeito do capitalismo, portanto, esse sistema é a lente que passamos a enxergar e *dizer* o mundo.

Foi com o veganismo que Vegano Vitor passou a compreender a raiz estrutural das opressões, foi onde ele começou a enxergar o mundo na sua totalidade e foi assim que ele entendeu as “*ligações entre todas essas injustiças*” e passou a “*compreender o mundo de uma forma diferente, uma forma mais completa*”. De acordo com Cury (1986, p. 27), através da perspectiva da categoria de totalidade não se objetiva buscar uma (única) compreensão particular/desarticulada do real, mas “pretende uma visão que seja capaz de conectar dialeticamente um processo particular com e, enfim, coordená-lo com uma análise cada vez

⁹⁸ Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Trecho retirado do site oficial da Articulação: apiboficial.org.

mais ampla”. Para Vegetal Vermelho, toda luta – inclusive o veganismo – precisa ser interseccional, a luta antiespecista precisa não só considerar, mas incorporar as demais lutas anti-opressão, pois:

“é essa estrutura de oposição que coloca o homem como superior à mulher. Como o homem branco como superior a um negro. O homem heterossexual enquanto superior e com mais direito do que os homens e as mulheres que se organizam; organizam sua sexualidade de outra forma. Isso traz uma afinidade, sim, com o veganismo, é óbvio. Traz sim uma afinidade com a luta contra a exploração dos animais. E essa interconexão entre as lutas é uma luta contra o próprio sistema político-econômico-social que organiza a nossa sociedade” (Vegetal Vermelho).

Ou seja, a dimensão da totalidade das opressões no sistema capitalista é fundamental para uma luta comum, plural e articulada contra esse sistema. Para o ativismo do Veganismo Popular, trabalhar a interseccionalidade também dialoga com uma das situações que Santos (2022) destaca: a reflexão sobre as desigualdades sociais no veganismo. Para isso, é fundamental pensar o movimento articulado com outros.

A última (11ª) das teses defendidas por Arruzza, Bahattacharya e Fraser (2019) é a convocação de “todos os movimentos radicais a se unir em uma insurgência anticapitalista comum”. As autoras vão dizer que o feminismo não deve atuar só, isolado dos demais movimentos de “resistência e rebelião”, e o mesmo modo, o veganismo pretendido popular. Vegetal Vermelho “respondendo” ao vídeo de “*VegetariRango*” – isto é, contrapondo o discurso – é contundente ao afirmar que “*O veganismo é sim um movimento político!*”. E para ele, apesar de ter os animais não-humanos como foco, o veganismo “*tem sim uma correlação com o feminismo, com racismo, com a homofobia*”, no caso, com essas lutas. Quando ele usa o advérbio “sim” (“*O veganismo é sim um movimento político*”) está ratificando seu pensamento, produzindo assim, um efeito de sentido de que aparentemente alguém falou anteriormente algum contrário. Nesse caso, por exemplo, foi dito que o veganismo não era um movimento político.

Para Vegetal Vermelho, é a “oposição binária” que funda e justifica a “opressão e a exploração dos animais” possibilitando assim, estabelecer uma relação entre o especismo (a luta antiespecista) com as demais lutas, como o feminismo, o antirracismo, a luta contra a homo e transfobia etc. Nesses termos:

se os veganismos se apresentam como uma das possíveis respostas para a ruptura com a opressão especista, é importante implementá-la de forma politicamente integrada com as demais lutas antiopressão. Isto faz sentido para as pessoas acometidas por opressões (...) (DAVIDSON, 2020, p. 26).

Quando Vegetal Vermelho responde ao vídeo de “*VegetariRango*” ele não está contrapondo necessariamente o Flávio Giusti (dono do canal), mas o discurso que ele representa. Como afirma Lima (2017, p. 56), “os discursos circulados nas redes sociais são dinâmicos, muitas vezes, se referem a acontecimentos imediatos ou respondem a questionamentos postados (...)” em outros sites e/ou redes sociais. Existe um contexto sócio-histórico que dá condições de produção para esses discursos; eles não “nasceram” naquelas postagens. Os ativistas, ao fazerem assim, estão criticando e antagonizando uma perspectiva, um ideal, uma concepção que se materializa nos discursos. Na FD do Veganismo Popular, os discursos de Vegetal Vermelho e Vegano Vitor vão produzir efeitos de sentidos contradizendo/contrapondo os discursos liberais sobre o veganismo. Os ativistas enfatizaram essa oposição entre essas correntes do veganismo nos seus discursos, o que será discutido no tópico a seguir.

3.3 – Veganismo Popular x Veganismo Liberal

Conforme observamos, o veganismo não é um movimento único e Vegano Vitor e Vegetal Vermelho evidenciam isso em seus discursos. Uma das complexidades do veganismo está nessa pluralidade de interpretação, assim, um desafio que se coloca para afirmação do Veganismo Popular é disputar o movimento com o Veganismo Liberal, não no sentido de tentativa de “conversão” desses(as) “veganos(as)”, mas em contrapor os argumentos e o esvaziamento do debate político no veganismo promovido por essa corrente. O Veganismo Popular também objetiva atrair mais pessoas para o movimento, aumentando a sua capilaridade e militância em prol de uma sociedade antiespecista e isso, segundo alguns aspectos, passa por essa disputa política e discursiva no movimento. Neste subcapítulo discutiremos acerca desse antagonismo político e discursivo, como os ativistas, sob a FD do Veganismo Popular, vão produzir efeitos de sentidos que contrapõem a discursividade do Veganismo Liberal e de que forma é importante realçar isso.

Diferentemente de veganos(as) populares, pessoas com o discurso (e a práxis vegana) alinhado à ideologia e às práticas liberais e neoliberais não se identificam enquanto “veganos(as) liberais”, pois essa definição foi concebida por veganos(as) populares para demarcarem as diferenças entre as correntes e as distintas visões, táticas e estratégias no veganismo. O discurso se dá nas relações sociais e no condicionamento inconsciente, portanto,

o “fazer discursivo” é uma atividade da práxis humana na qual só é compreendida “a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação e de como cada indivíduo processa, no aparelho psíquico, essas determinações” (MAGALHÃES; SOBRINHO, 2013, p. 107). Essa diferenciação foi necessária, pois no senso comum, o discurso do Veganismo Liberal é o que tem maior proporção/projeção. Esse veganismo aparece como “o veganismo”, como um (único) movimento, sem disputas e contradições, representando o que seria o veganismo.

Vegano Vitor chama atenção de que *“a forma como a gente se refere a cada um desses grupos já denota meio que um viés”*. No vídeo intitulado “VEGANISMO ESTRATÉGICO VS VEGANISMO POLÍTICO” ele diz que o *“veganismo estratégico”* também é chamado de *“veganismo pragmático”*, *“veganismo de mercado”* e *“veganismo liberal”*. Assim como o *“veganismo político”* também é chamado de *“veganismo popular”*, *“veganismo interseccional”* ou com menor frequência, *“veganismo idealista”*. Há uma latente discussão sobre qual nome seria o mais “correto” para denominar cada uma dessas correntes/campos. Segundo Vegano Vitor *“cada um desses campos reivindicam pra si, o nome que essas pessoas acham que é mais coerente”*⁹⁹.

Nos discursos dos ativistas veganos é observada a recorrência da utilização discursiva da classe gramatical *adjetivo* para qualificar o substantivo produzindo sentidos ao veganismo que eles defendem, como “popular”, “anticapitalista”, “radical”, “interseccional”, “político”, entre outros. O uso desses adjetivos funciona como uma “rede de sentidos que aponta para uma heterogeneidade” nos discursivos que são hegemônicos. Isto é, indica um “outro” discursivo, um sentido de diverso (LIMA, 2017). Como a AD trata do discurso enquanto materialização da ideologia, o uso dos adjetivos “popular” e/ou “radical” no discurso de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho, por exemplo, não confere uma característica ao sujeito, mas evoca um efeito de sentido ideológico (também) contrário ao Veganismo Liberal.

Esse “viés” que Vegano Vitor menciona, corresponde ao posicionamento político (e ideológico) que a pessoa, ao usar determinada denominação, assume. Portanto, quando cada ativista se assume “vegano popular” todos os seus discursos são interpelados pela Formação Ideológica que se materializa na FD do Veganismo Popular. As FDs constituem-se em “unidades de análise que buscam identificar os principais significados mobilizados por

⁹⁹ Dito isso, Vegano Vitor prefere utilizar os termos “Veganismo Liberal” e “Veganismo Popular”, da mesma forma também o faz Vegetal Vermelho.

diferentes sujeitos (perfis) em determinados contextos históricos”, disputando assim, a produção de efeitos de sentidos sobre “determinada realidade ou acontecimento” (PENTEADO *et al.*, 2021, p. 118).

(...) as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente (ORLANDI, 2005, p. 11).

Para demarcar as diferenças e contradições, Vegano Vitor define essas duas correntes. Para ele, o Veganismo Liberal: “*tá muito ligado com o liberalismo econômico e com o altruísmo eficaz também*”. O altruísmo eficaz, trabalhado por Peter Singer, pressupõe uma lógica de “ajuda voluntária” que partiria de um dever moral. Por exemplo, sob uma ordem ética (abstrata), pessoas ricas (países ricos) teriam um dever moral de ajudar pessoas mais pobres. “O altruísmo eficaz, na abordagem de Singer, incorpora em sua prescrição moral a essência do princípio geral do utilitarismo consequencialista, isto é, fazer o maior bem possível para o maior número (...)” (OLIVEIRA, 2022, p. 159). Ou seja, o Veganismo Liberal também parte de uma lógica individualista ao acreditar que gestos individuais e isolados mudariam uma estrutura. Parte também de uma premissa abstrata, por acreditar que a indústria animal, por vontade própria, deixaria – de forma altruísta – de explorar os animais. Esse tipo de veganismo geralmente “*busca soluções dentro do modelo capitalista. Ele se foca no consumo e não questiona muito as estruturas de opressão que regem a nossa sociedade*” (Vegano Vitor).

Davidson (2020, p. 58) afirma que esse veganismo “com (quase?) nenhum poder de transformação social em termos de desafiar as estruturas de opressão que acometem minorias políticas, inclusive no caso dos animais não humanos. Trata-se de um fenômeno e conceito atrelados à saúde, alimentação e mudanças nas práticas de consumo” (DAVIDSON, 2020, p. 58). Um exemplo que Vegano Vitor apresenta é que essa corrente afirma que não há “*problema comprar produtos de empresas com denúncias de trabalho infantil, com denúncias de descaso ambiental...contanto que o produto em si não contenha nada de origem animal e nem tenha sido testado em animais*” (Vegano Vitor).

Ao buscar soluções para exploração animal dentro do sistema capitalista, o Veganismo Liberal nunca conseguirá acabar com a exploração animal, pois essa exploração compõe a totalidade desse modo de produção. Para Vegetal Vermelho, uma pessoa vegana liberal acredita que “*vai emancipar os animais, que vai libertar os animais através do consumo*”, tendo como norte apenas a questão animal (sem incluir os humanos também como animais, além da natureza

como um todo). Vegano Vitor luta para que o significado do veganismo deixe de estar associado ao consumo de produtos industrializados, pois além desses produtos fazerem mal para saúde¹⁰⁰, são caros¹⁰¹ e de difícil acesso para a maioria das pessoas. Segundo ele, “*a construção dessa ideia de veganismo baseada no consumo de produtos ‘veganos’ ela muitas vezes prejudica a aproximação de pessoas do veganismo porque elas vão entender que isso não é pra elas, porque isso é muito caro, porque isso é muito elitista, né?*” (Vegano Vitor). Além de que, esse foco no consumo é problemático, não só por não ser ineficaz, mas é insuficiente, pois não questiona a estrutura política-econômica-social. Esse veganismo “não fará progresso na redução e abolição da exploração animal” (DAVIDSON, 2020, p. 78).

Manni e Maurizi (2022) afirmam que a pessoa liberal acredita que o mercado responderia a uma “fé liberal” e ao mudar a forma de consumo, se “converteria” à produção vegetariana, produzindo cada vez menos produtos de origem animal. Nessa lógica, ratificam que fazer isso ao invés de mudar o sistema “injusto e irracional” que gera exploração, seria assim, um modo de normalizar e tornar o veganismo injusto e irracional também.

Como exemplo de veganismo liberal, Vegano Vitor cita Fábio Chaves (outro vegano que produz conteúdo para o *Youtube*). Segundo Vegano Vitor, Fábio Chaves falou que “*se não tem nada de origem animal e não foi testado em animais é vegano, não importa qual empresa que fez.*” O Fábio disse que essa é uma ‘regra dentro do veganismo e o restante é apenas opinião’” (Vegano Vitor). Vegano Vitor discorda e alega que o Veganismo Liberal é individualista e que essa corrente condiciona o problema da exploração a um produto e quem o consome, abdicando assim, da crítica às “*outras formas de exploração que a empresa que lucra com a venda desse produto comete*” (Vegano Vitor).

Da mesma forma pontua Vegetal Vermelho. Para ele, uma pessoa vegana liberal acredita “*que a exploração própria ao capitalismo não é necessariamente um problema*”. Para essas pessoas o problema se limita em usar ou não usar ingredientes de origem animal, assim

¹⁰⁰ Os alimentos ultraprocessados, segundo Guia Alimentar para a População Brasileira (2014), são classificados no grupo “evitar o consumo”, pois esses produtos “são pobres nutricionalmente e ricos em calorias, açúcar, gorduras, sal e aditivos químicos, com sabor realçado e maior prazo de validade.” Além de “favorecer a ocorrência de deficiências nutricionais, obesidade, doenças do coração e diabetes.” Ver em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/folder/escolha_dos_alimentos.pdf. Para consultar o Guia completo: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf.

¹⁰¹ Fábio Chaves (visto pelo Veganismo Popular como um vegano liberal) faz uma publicação no seu site Portal Vista-se dizendo que: “os produtos industrializados destinados a veganos muitas vezes realmente são caros”. Ele diz que esses preços são justificados, pelo fato que esses produtos são produzidos em baixa escala e a maioria contém ingredientes orgânicos. E alega ser uma lógica simples para esses produtos se tornarem mais baratos, aumentar a demanda. Ver em: <https://www.vista-se.com.br/ser-vegano-e-carol/>.

ele diz que a grande contradição nessa corrente do veganismo é justamente essa: esquecer que o próprio movimento do capitalismo produz uma violência – que é necessária desse sistema – contra os animais, pois “*o capitalismo existe enquanto um projeto de expansão do mercado mundial. Ele quer sempre produzir novos consumidores. Ele produz produtos descartáveis; que vão virar lixo, que vão matar animais*” (Vegetal Vermelho). O que fica como não-dito dessa fala é que a manutenção do capitalismo é inversamente proporcional à vida, seja ela dos animais não-humanos e humanos, dos oceanos e da natureza em sua totalidade.

Vegano Vitor não menciona quais são essas “*outras formas de exploração*”, mas podemos citar o trabalho escravo e infantil, contaminação das águas, solo e ar e a própria exploração animal, pois muitas empresas que lançam esses “produtos veganos” continuam sua linha de produção animal, como argumenta Vegetal Vermelho. De acordo com ele, esses produtos “*não resolve[m] propriamente o problema*” porque essas empresas mantêm sua produção animal e um produto não substitui o outro. Um estudo realizado pelo Painel Internacional de Especialistas em Sistemas Alimentar Sustentáveis (IPES-Food) é categórico ao afirmar que esses “produtos vegetais” não têm capacidade para salvar o planeta, contrariando as empresas do ramo. Essa lógica é “uma nova armadilha fantasiada de solução (...)” (ALMEIDA, 2022). Manni e Maurizi (2023) afirmam que na lógica capitalista de privatização dos meios de produção (e distribuição), nada pode ser capaz de findar, por si, a exploração dos animais. É nesse sentido que eles vão apontar a alternativa socialista com base em uma economia socialmente planejada e planejada.

A reprodução do que “é” o veganismo na perspectiva liberal acaba gerando uma hegemonia ideológica, um “efeito dominó” em que as pessoas passam a normalizar consumir dessas empresas que seguem destruindo a natureza desde que o produto não contenha nada de origem animal. Passam a achar que “*está tudo bem*’, que *‘não tem problema*’, *‘isso não é uma questão*’... *‘ah, você está sendo radical demais*” (Vegetal Vermelho). Pessoas que possuem uma influência, principalmente nas redes sociais, propagam que não existe problema em não boicotar esses produtos e empresas, criando assim, essa ideia de normalidade para quem acompanham seus conteúdos. Aline Ferreira e Júlio Neves (2020, p. 86), considerando que o Brasil é o país que mais usa redes sociais na América Latina, pontuam que com a “(...) expansão da cobertura da internet, o aumento do uso das redes sociais e suas influências em vários segmentos da sociedade possibilitam um movimento de construção e desconstrução de valores e imagens e disseminação de ideias e ideais”. Isso posto,

“Se a JBS, a Nestlé e a Unilever cometem crimes¹⁰² gravíssimos contra trabalhadores e contra o planeta, isso não interessa tanto assim para o Veganismo Liberal, ele vai continuar consumindo os produtos dessas empresas e ele vai continuar divulgando e apoiando os produtos dessa empresa, contanto que aquele produto em si – que ele vai consumir – não tenha nada de origem animal e nem tenha sido testado em animais. E por isso que eu digo que é um pensamento mais individualista” (Vegano Vitor).

Não é evidente nessa fala quando pontua *“ele vai continuar consumindo”*; *“ele vai continuar divulgando e apoiando os produtos dessa empresa”*, se Vegano Vitor está se referindo ao próprio Fábio Chaves ou está generalizando para todas as pessoas que seguem a corrente ideológica do Veganismo Liberal. Porém, Vegano Vitor compreende que essa é uma prática comum de quem se identifica com essa corrente, além de que Fábio Chaves é talvez o vegano que comunga dessa corrente com maior influência do veganismo no Brasil, tendo em vista que o seu canal no *Youtube* tem 375 mil inscritos(as) – no momento da pesquisa. Para Vegano Vitor, o Veganismo Liberal (e a pessoa vegana liberal) não guia seu boicote analisando radicalmente os ideais de uma empresa, mas sim com base no consumo de produtos *“que ele deseja consumir ou recomendar ainda que outras pessoas consumam”*.

Bittencourt (2023, p. 62) alerta que o boicote sem uma política e organização coletiva pode se resumir a um “privilégio de classe”, “mérito individual” ou “exemplo de sacrifício”; isto é, o boicote ao consumo não pode ser realizado por todas as pessoas. É nesse sentido que o Veganismo Popular “insiste na urgência da luta política e coletiva e que essa luta seja abertamente capitalista” (DAVIDSON, 2020, p. 78). Pensando nesse boicote estratégico, Vegano Vitor aponta alguns dos ideais comuns de uma empresa multinacional: *“expansão infinita”*; *“monopólio do mercado”*; *“privatização da água”*; *“valorização de ações no mercado financeiro”* e *“conchavo com políticos corruptos”*. Portanto, uma pessoa vegana liberal geralmente não tem um olhar crítico quando consome e/ou recomenda produtos dessa empresa, ou seja, são esses ideais que essa pessoa concorda, conscientemente ou não. Por não questionar as estruturas essa pessoa acredita que uma empresa multinacional pode ser

¹⁰² JBS comprou de fazendas flagradas com trabalho escravo e desmatamento ilegal: <https://reporterbrasil.org.br/2017/06/jbs-comprou-de-fazendas-flagradas-com-trabalho-escravo-e-desmatamento-ilegal/>; Nestlé e Mondelez processadas por escravidão de crianças na cadeia do cacau: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/16/artigo-nestle-e-mondelez-processadas-por-escravidao-de-criancas-na-cadeia-do-cacau>; Após denúncia de uso de mão de obra infantil, Nestlé e Hershey se defendem: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/03/02/interna_mundo.520225/apos-denuncia-de-uso-de-mao-de-obra-infantil-nestle-e-hershey-se-defe.shtml; Unilever é condenada por fraudes trabalhistas: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/unilever-e-condenada-por-fraudes-trabalhistas/389352588>.

protagonista na libertação animal. Elas “*não se aprofundam em críticas na forma como essas empresas exploram o planeta e os trabalhadores*” (Vegano Vitor).

Além de deixar de comprar/consumir, em muitos casos são realizadas campanhas de divulgação de informações sobre determinado produto e/ou marca e uma promoção de incentivo ao não consumo. Como vimos, a estratégia do boicote não é consenso no movimento, muitos veganos(as) que estão alinhados(as) ao Veganismo Popular fazem um boicote generalizado, estratégico e radical e esse boicote além do produto leva em consideração a marca e a empresa de maneira geral. Muitas vezes, se uma multinacional que explora animais incorpora uma pequena empresa que não explora animais diretamente, essa pequena empresa passa também a ser boicotada.

Outro ponto que Vegano Vitor apresenta para denotar as contradições entre as correntes do veganismo é a forma de ativismo. Enquanto o foco do ativismo vegano liberal está em medidas graduais como: 1) “*o aumento de produtos veganos nas prateleiras de mercados, shoppings e restaurantes*”; 2) “*implementação de práticas de ‘bem-estar’ para animais não-humanos*”; e 3) “*redução ainda de consumo de produtos de origem animal*” (por meio da educação ou de acordo com governos, empresas, etc.). As formas de ativismo mais comuns no Veganismo Popular são: a “*educação*”; o “*fomento de permacultura e agrofloresta*”; a “*conexão e apoio a grupos como o MST*”; a “*distribuição de alimentos*” e o “*fomento de um veganismo barato, acessível e inclusivo para uma maior parte da população*” (Vegano Vitor).

Os(as) veganos(as) liberais enfatizam em seu discurso que os progressos na busca pela “libertação animal” devem ser alcançados gradualmente, afirmam que veganos(as) abolicionistas são radicais e consideram que essa perspectiva dificulta encontrar uma solução imediata, mantendo assim, o sofrimento dos animais. Para o Veganismo Liberal, a luta dos (as) abolicionistas é utópica (SOUZA, 2022). Vegano Vitor faz questão de ressaltar que não está dizendo que essa forma não causa impactos positivos para os animais ou que condena as pessoas que fazem esse ativismo, entretanto, apesar de não evidenciar na sua fala, é possível compreender discursivamente, que por fazer parte do Veganismo Popular, ele não concorda com essa forma de ativismo, ou melhor, ele não percebe essa forma como estratégica para a libertação dos animais, pois “o objetivo não pode ser reduzir o número de salsichas e embutidos nas prateleiras dos supermercados[,] mas sim mudar o sistema que gera exploração” (MANNI, 2022, tradução nossa).

Vegano Vitor elenca diversos aspectos nos quais o Veganismo Popular se opõe ao liberal, essa corrente entende que 1) “*o conceito de veganismo não relaciona apenas com a exploração de animais não-humanos e estuda as muitas relações entre os sistemas de opressão*”; 2) “*faz análise profunda sobre as diferentes formas que a sociedade se organiza*”; 3) “*evita trabalhar com a culpabilização de indivíduos e faz recortes de raça, classe e gênero nas suas críticas*” e 4) enxerga o capitalismo “*como um modelo a ser superado*”. Sendo assim, o Veganismo Popular “*tem muito mais proeminência na esquerda*”. Nessa corrente do veganismo são trabalhadas pautas como “*reforma agrária, soberania alimentar e soberania dos povos originários; feminismo; antirracismo; anti LGBTQIA+ fobia; fim do uso de agrotóxicos, dos grandes latifúndios e valorização dos(as) trabalhadores(as) da terra*” (Vegano Vitor).

Vegetal Vermelho compreende que a ação do boicote deve ser plural, ou seja, que existem diversas formas de fazer inclusive “*pode ser através da internet – fazendo um vídeo*”. E essa é uma forma de ação política praticada tanto por Vegetal Vermelho quanto por Vegano Vitor, ambos compreendem o veganismo como um “*não praticar*”, “*não concordar*” como boicote e tendo como uma das formas de ação/ativismo, a produção de vídeos na Internet. O boicote é uma estratégia antiga de movimentos políticos e sociais de esquerda e também no veganismo. Vale ressaltar que os movimentos usam dessa estratégia para (a) “*mobilizar debates*”; (b) “*pressionar o poder público e as empresas*”; (c) “*causar danos financeiros*” e para (d) “*enfraquecer o poder de certas corporações.*” (BITTENCOURT, 2023, p. 59). Assim, o boicote se apresenta como antissistêmico e possibilita o exercício de outro modelo de sociedade.

Vegano Vitor afirma ser óbvio para quem o acompanha que ele se insere na corrente do Veganismo Popular, “*que eu tô no Veganismo Popular né?*”. A forma abreviada do verbo “*estar*” nesse discurso significa que ele faz parte e concorda com a perspectiva político-ideológica dessa corrente, assim como, quando ele termina a afirmação com “*né?*”, produzindo um efeito de sentido que é evidente que ele é um vegano popular. Quando o advérbio de negação “*não*” é usado com o presente do verbo ser “*é*” na sua forma contraída “*né*”, “*convoca o interlocutor para uma reflexão*” (LIMA, 2017, p. 150). Outrossim, no ciberespaço a linguagem inscrita incorpora algumas características da linguagem falada (RODRIGUES, 2009, p. 44). Para Vegano Vitor, esse veganismo é mais coerente porque “*enxerga animais humanos como parte da definição de veganismo*”, além disso, é revolucionário. Ao pontuar esse veganismo como revolucionário, ele pressupõe ser fundamental a construção de outra sociedade. Para falar sobre isso, passa a ilustrar seu pensamento como uma forma de dinamizar e tornar seu discurso

mais didático. Tendo alguns conhecimentos práticos de ferramentas de edição, a Internet possibilita a ampliação do discurso facilitando a compreensão de quem o assiste. Para ilustrar o raciocínio, um planeta surge no canto inferior direito da tela (à medida que Vegano Vitor for explicando seu raciocínio, assim como ele, tentarei ilustrar a partir de *prints* do vídeo). Assim, ele diz:

Tabela 1 – “Raciocínio ilustrado” 1

PRINT	FALA
	<p><i>“É aqui que nós estamos vivendo, mais de 70 bilhões de animais terrestres mortos todos os anos, numa sociedade capitalista que enxerga as pessoas apenas pela sua capacidade de produzir riquezas materiais. De produzir ou consumir ainda né? essas riquezas” (Vegano Vitor).</i></p>

Fonte: autor (2023)

Vegano Vitor apresenta um mundo (uma realidade) onde milhões de animais são mortos por ano e destaca que a existência das pessoas nesse mundo, sob o modelo de sociabilidade capitalista – na sua fase (neo)liberal –, se materializa por sua capacidade de produzir e consumir. Para ele, *“essa sociedade não vai ter um futuro muito distante se as coisas não mudarem”*. Ana de Melo (2022, p. 31-32) afirma que a face neoliberal do capitalismo, em relação à degradação ambiental, tem se constituído como a fase mais catastrófica devido a *“(…) sua mercantilização e da sua exploração ainda mais severa em prol do capital, como, por exemplo, a privatização de recursos naturais (...)”*. Quando Vegano Vitor aponta uma sociedade sem um futuro distante se não houver mudanças, podemos inferir que por conta do modo de produção atual, aumenta-se cada vez mais o consumo dos recursos naturais potencializando as mudanças climáticas. Com a *“dominação sobre grupos mais frágeis, a desigualdade, as inúmeras consequências destrutivas do campo social, a degradação ambiental e a ambição econômica a qualquer custo (...)”* (MELO, 2022, p. 38-39), a partir do século XXI, o modelo neoliberal passa a ser conferido por alguns termos, como *“capitalismo catastrófico”* ou *“capitalismo do fim do mundo”*. Esses termos permanecem atuais devido ao *“cenário econômico que coloca o capital antes de vidas humanas ou utilizam da destruição e exploração de mão de obra e recursos naturais como principal fonte de lucratividade”* (Idem).

Outrossim, Vegano Vitor diz que *“mesmo que você seja ‘pró-capitalismo’, se você tem um mínimo de noção da realidade, você vai concordar comigo que se as coisas não mudarem radicalmente, o planeta não vai durar muito para se acabar. Principalmente né, mas entre outras questões, por causa do aquecimento global”* (Vegano Vitor). Mudar radicalmente é subverter o modo no qual vivemos hoje. Ele ratifica que o aquecimento global se dá principalmente pela exploração da natureza como um recurso sem fim enquanto mercadoria e destaca a queima de combustíveis fósseis e a criação de animais em larga escala. Além da emissão do gás Metano¹⁰³ (CH₄), um dos gases responsáveis pelo efeito estufa por ruminantes,

a exploração animal, por meio da pecuária, é responsável pela destruição de florestas, desmatamento em larga escala e compactação dos solos, tornando-os pobres, altamente erosivos e com baixa capacidade de infiltração, sem a presença de vegetação. Uma área desertificada não tem capacidade de reter os gases lançados na atmosfera, prejudica o ciclo natural da água e não colabora com o processo natural de reflexão da radiação (VEGANO PERIFÉRICO, 2023)¹⁰⁴.

Nesse sentido, Vegetal Vermelho diz que o impacto do consumo de produtos de origem animal é *“surreal, é muito grande. É tão grande ou próximo do impacto dos transportes, por exemplo. Consumir produtos animais, em geral, tá aquecendo o planeta”* (Vegetal Vermelho). A carne, com maior destaque, a bovina, vem sendo vista como “vilã” quando o assunto é aquecimento global, foi pauta das discussões da Conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas (COP26) (PASSARINHO, 2021).

Assim, Vegano Vitor ressalta que quem é vegano(a) busca soluções para acabar com a exploração animal e, apesar das diferenças políticas, veganos(as) no geral têm em comum a busca de um “mundo ideal” sem opressões e de relação *“saudável e sustentável com a natureza [...] onde a gente nem enxerga mais né, a nós como uma oposição à natureza. A gente se enxerga, na verdade, como uma parte integrante da natureza e como responsáveis, ainda, pela manutenção dessa relação saudável”* (Vegano Vitor). Entretanto, na concepção liberal e do senso comum, os humanos são externos à natureza, a natureza é vista como “outro”, o mundo ideal seria um mundo onde os humanos são partes integrantes da natureza. Isto é, um mundo que pensa uma “dialética diferente da natureza, uma nova concepção que vê na razão humana uma força natural capaz de se relacionar com o resto da natureza não na forma de dominação

¹⁰³ Segundo Nathália Passarinho (2021), “as emissões de gás metano no rebanho bovino representaram 17% de todos os gases do efeito-estufa do país, segundo estimativa do Observatório do Clima.

¹⁰⁴ “A importância do veganismo no combate às mudanças climáticas” disponível em:

<https://www.terra.com.br/comunidade/visao-do-corre/rango-esperto/a-importancia-do-veganismo-no-combate-as-mudancas-climaticas,1c105889c400145e36e30909f7a73901fer59cmk.html>.

cega, mas na forma de solidariedade para além do pertencimento específico” (MANNI; MAURIZI, 2023, tradução nossa).

Dando continuidade, esse “outro mundo”, esse “mundo ideal” é apresentado (surge na tela) enquanto Vegano Vitor afirma que para chegar nele é possível seguir diversos caminhos e estratégias e a sua estratégia é a educação por meio de vídeos, textos, fotos, conversas, etc. Pretendendo chegar nesse mundo ideal, suas estratégias estão condicionadas à sua “visão de mundo” (ideologia) que ele diz ser radical. Como vimos, essa visão de mundo se materializa no seu discurso sob a FD do Veganismo Popular.

Tabela 2 – “Raciocínio ilustrado” 2

PRINT	FALA
	<p><i>“Eu acredito que pessoas com um mínimo de bom senso, concordam que esse aqui é o mundo ideal, né? E lutam por reformas dentro desse modelo quebrado que a gente vive, mas tendo sempre como objetivo final esse aqui (mundo ideal) [...] Então vão ter várias reformas aqui no meio (apontando para os caminhos entre os dois mundos), várias coisinhas que vão melhorando pra gente alcançar esse lugar” (Vegano Vitor).</i></p>

Fonte: autor (2023)

Quando fala desse “outro mundo” está se referindo à outra realidade de mundo, portanto, outra forma de se organizar. Entendendo que esse mundo ideal é o melhor para se viver, algumas pessoas “lutam por reformas dentro desse modelo quebrado que a gente vive” e assim, vão existir reformas nesse “meio” que vão melhorando as condições do presente para se alcançar esse lugar ideal. Entretanto, Vegano Vitor chama atenção de que pessoas no Veganismo Liberal querem “parar no meio”, ou seja, não consideram a necessidade de se alterar a estrutura da exploração animal. Essas pessoas não veem problemas em viver em um mundo capitalista que:

Tabela 3 – “Raciocínio ilustrado” 3

PRINT	FALA
	<p><i>“ainda existe uso exacerbado de agrotóxicos e de grande monocultura de soja; onde ainda existem multinacionais que monopolizam mercados inteiros, exploram trabalhadores na periferia do capitalismo; onde o plástico ainda é produzido indiscriminadamente e ultraprocessados que viciam e adoecem as pessoas vão ser tão acessíveis quanto frutas, verduras, legumes. Permitindo assim, que os donos dessas grandes empresas continuem extremamente ricos, enquanto que os trabalhadores vão continuar ganhando salários ridiculamente baixos” (Vegano Vitor).</i></p>

Fonte: autor (2023)

Dentro do Veganismo Liberal existem pessoas que se contentam com essas pequenas reformas dentro desse “modelo quebrado” – capitalismo. Grespan (2021, p. 39) diz que para Marx, “uma simples reforma moral dos indivíduos não alteraria substancialmente o capitalismo. É preciso modificar o sistema de maneira radical”. Já segundo Manni e Maurizi (2022, tradução nossa), “qualquer reforma parcial corre o risco de normalizar o status quo ao apaziguar a consciência do cidadão-consumidor”. Vegano Vitor considera que essas pessoas são as mais contraditórias¹⁰⁵, não veem problemas nas desigualdades sociais, acreditam na meritocracia e não consideram os humanos como parte do veganismo: “*não acho que nesse mundo perfeito aqui existe espaço para uma empresa como Mc Donald’s, então, tipo assim, eu não vou fazer propaganda pra essa empresa, mesmo que ela me pague muito dinheiro*” (Vegano Vitor). Ao afirmar isso, Vegano Vitor mobiliza dois sentidos. O primeiro deles é a respeito de uma realidade de mundo que ele acredita ser ideal, uma multinacional como essa que, além de explorar animais, soma diversas outras problemáticas¹⁰⁶, não deverá existir. Empresas como essas, além de contribuir para exploração animal, reproduzem a exploração humana. Quando fala sobre a propaganda, Vegano Vitor está se contrapondo ao discurso do Veganismo Liberal que concorda e faz propaganda para essas empresas, como o caso do lançamento de “lanche vegano”, por exemplo. No print abaixo podemos ver Fábio Chaves falando sobre esse lanche:

¹⁰⁵ Apoiadores(as) inclusive, “do atual ocupante do cargo de presidente desse país que nós chamamos de Brasil.” Ele grava esse vídeo em 2020, Jair Bolsonaro ainda era presidente.

¹⁰⁶ É possível consultar pesquisando no *Google* frases como: “fornecedores ligados a desmatamento ilegal e trabalho escravo”; “más práticas socioambientais”; “jornada excessiva de trabalho e pagamento de vencimentos bem abaixo do salário mínimo”; “Jornadas longas e salários baixos: a vida dos funcionários do McDonald’s” “assédio e racismo no trabalho”; “publicidade infantil”; seguida de Mc Donalds, não faltarão informações sobre.

Imagem 5 – vídeos Fábio Chaves falando sobre “lanche vegano”



Fonte: autor (2023)

De maneira geral, Fábio Chaves cita pontos positivos do lançamento desses produtos e diz ser uma “notícia boa”, todavia, não faz nenhuma crítica à empresa que o produz.

Ao apontar a contradição desses(as) veganos(as), Vegano Vitor problematiza: “*como uma pessoa pode dizer que luta pelo fim do especismo, mas não concorda com a proposta de subversão do modo de produção atual?*” Cada vez mais, ativistas passam a compreender como a exploração animal é resultado do modo de produção capitalista, portanto, a luta pela superação desse sistema não pode ser a partir de uma “simples convicção ‘moral’ dos indivíduos como consumidores” (MANNI; MAURIZI, 2023, tradução nossa), a luta deve ser travada colocando as relações de produção na centralidade do debate. Ou seja, o “modo como a sociedade se organiza e distribui junto à riqueza também sua relação com a natureza e, conseqüentemente, sua representação do mundo não-humano” (Idem). Vimos que o especismo é uma estrutura ideológica que se materializa na forma animal da mercadoria, de modo que, enquanto houver capitalismo, essa será a forma que os animais não-humanos assumirão. Então, ser antiespecista e não ser anticapitalista é uma antítese. Vegetal Vermelho e Vegano Vitor apontam que a grande falha do Veganismo Liberal é não criticar o capitalismo, não perceber esse modelo como um modelo a ser superado. Desse modo, Vegano Vitor conclui seu raciocínio dizendo que:

Tabela 3 – “Raciocínio ilustrado” 3

PRINT	FALA
	<p><i>“Se a gente não tenta buscar alternativas pra esse modelo, a gente nunca vai alcançar esse mundo ideal aqui. A gente vai ficar sempre parado em algum lugar aqui no meio. E a gente sabe que esses lugares aqui no meio também não vão durar para sempre” (Vegano Vitor).</i></p>

Fonte: autor (2023)

Há uma aparente percepção de que as condições históricas são naturais, porém, esse processo de naturalização compõe a estrutura que sustenta a sociedade capitalista (GRESPLAN, 2021). Isto é, para Vegano Vitor, no capitalismo não há solução para exploração e opressão, nele não existe um fim para isso, portanto, reforça o *“alinhamento à esquerda”* do Veganismo Popular, pois geralmente movimentos e partidos de esquerda buscam soluções para os problemas das minorias sociais e promovem um *“modelo de convívio focado no coletivo”*, enquanto que a direita (espectro ao qual o Veganismo Liberal se vincula) geralmente pauta valores individualistas. Quando Vegano Vitor afirma que *“A gente vai ficar sempre parado em algum lugar aqui no meio”*, produz efeito de sentido de que não buscar soluções (radicais) ao modo capitalista de produção, implica em um veganismo que não sairá da superfície do antiespecismo. Isto é, um veganismo que *“aborda apenas o conteúdo (ou seja, produtos de origem animal) e não a forma/estrutura (ou seja, capitalismo) do mercado global que facilita a exploração de animais como mercadorias e impede as pessoas de transformar a sociedade (...)”* (DAVIDSON, 2020, p. 77).

Percebe-se que o veganismo está em constante disputa e independente da sua reivindicação, a lógica da sociabilidade capitalista tentará cooptar os movimentos, esvaziando seu caráter político contestatório tornando-os aliados desse modo de produção. As empresas percebem um nicho de mercado nas pessoas que passam a reduzir o consumo de carne e enxergam uma oportunidade de aumentar os lucros: *“há marcas que buscam engajamento com aquilo que os consumidores reclamam e outras que buscam apenas uma oportunidade criativa e de venda”* (SOUZA, 2022, p. 41). Essas empresas investem em propagandas para esses produtos, porém Vegano Vitor chama atenção de que sempre é com *“uma mensagem bem esvaziada”*, ao incorporarem um *“selo”* de produto vegano, essas empresas *“maquiam”*

(ocultam os verdadeiros interesses), passando uma “falsa impressão preocupada com a causa animal, com as questões relacionadas ao meio ambiente, ao mesmo tempo, em que conseguem tirar proveito das demandas de consumo do público vegano” (SOUZA, 2022, p. 75).). Essas empresas “adotam o veganismo” não por motivos éticos, políticos ou de saúde, mas para gerar mais lucro, “não abandonando de forma alguma a exploração de animais não humanos (ou do meio ambiente)” (DAVIDSON, 2020, p. 60). É o chamado “*Vegan Washing*”: prática que transforma a luta radical e antissistêmica em um “dócil, adestrado e covarde movimento de consumo”, transformando assim, seus inimigos em aliados (ao capital) (BITTENCOURT, 2023, p. 42).

Para Lima (2020, p. 68)¹⁰⁷, o capitalismo neoliberal moldou o consumo para um direcionamento social, “o que leva à reprodução ideológica, cultural e política do nosso tempo histórico e das lutas ou movimentos sociais, direcionada pela esperteza das marcas em responder cada vez mais rápido por uma demanda que dizem ser nossa, mas que elas mesmas criaram: nos apresentar como militantes que expressam a revolta através de acessórios.” No tocante ao veganismo, através dos alimentos em sua maioria.

Essa mensagem “*esvaziada*” consiste em reproduzir uma perspectiva única do veganismo, sem fazer uma reflexão crítica do especismo e da exploração animal. Vegetal Vermelho critica a pessoa vegana liberal afirmando que essas surgem como “*chantagem, como uma forma de estrangular a radicalidade do nosso movimento*” (Vegetal Vermelho). O sentido da palavra é deslocado para o entendimento de que no Veganismo Liberal, as pessoas veganas atuam despolitizando o movimento vegano, ocultando a realidade do veganismo e mascarando o movimento a partir de uma ideologia liberal.

Para Vegetal Vermelho esse esvaziamento existe “*Por causa de dinheiro*”. Para ele, é uma lógica simples: quando há um movimento que se apresenta enquanto um movimento antissistêmico, revolucionário e com propostas de transformações radicais, o *modus operandi* do capitalismo é “*trazer pra dentro de si essa pauta, esvaziar todo o sentido dela e ressignificar isso. E como ele faz isso? Com dinheiro [...]*” (Vegetal Vermelho). Trazer “*pra dentro de si*” o movimento vegano, produz efeito de sentido em que o movimento é cooptado pelo sistema e é ressignificado, eliminando assim, sua característica política. “*Eles transformam o veganismo num estilo de vida, numa coisa que ‘não tem a ver com política’.* Porque no capitalismo nada pode ter a ver com política” (Vegetal Vermelho). Souza (2022) destaca a quantidade de

¹⁰⁷ A autora explica que Izabela Domingues e Ana Paula de Miranda chamam essa prática “consumo de ativismo”.

frigoríficos que incorporaram na sua produção produtos “plant-based” em parceria com grandes redes de *fast food*, criando assim, novas formas de consumo.

O Veganismo Liberal reproduz uma idealização (a “verdade absoluta”) de que apenas mudando o consumo e não o sistema – sistema este que estrutura as relações econômicas, políticas, sociais e culturais –, em algum momento, a libertação animal acontecerá. No Veganismo Liberal, se ignora também a intersecção com movimentos e culturas populares e de classe. Essa atitude esvazia “o conceito e o caráter transformador que almeja o veganismo” (MOTA; SANTOS, 2020, p. 9). A cooptação do veganismo foi (e é) responsável pelo alcance e capilaridade do que se entende atualmente por Veganismo Liberal. O crescimento desse veganismo é justificado pela eficácia não da corrente, mas do capitalismo em cooptar uma pauta radical com potencial ameaça (GUIMARÃES, 2020).

Esse veganismo ignora a dimensão de totalidade da exploração animal e muitas vezes não se encaixa na dimensão do antiespecismo. Portanto, o ativismo de Vegetal Vermelho e Vegano Vitor e seus discursos vão produzir efeitos de sentidos que vão se contrapor ao discurso desse veganismo. Essa oposição, que tem como propulsora a compreensão do Veganismo Popular mobiliza sentidos da importância de um posicionamento radical frente às contradições do sistema capitalista. Vegetal Vermelho indaga como transformar a perspectiva das pessoas se elas estão inseridas em uma sociedade especista, e questiona como isso é possível sem uma “postura radical”? Vegano Vitor responde que “*não existem soluções simples para problemas complexos*” (Vegano Vitor). Isto é, na sua militância com o Veganismo Popular, Vegano Vitor busca soluções que ajudem a acabar radicalmente com as injustiças, além do especismo. Ele ratifica: “*o meu posicionamento político é extremo! Porque a gente está vivendo num extremo. Eu acho que a gente precisa dar um jeito de balancear essa equação do capeta sabe? Então você tem que tá num extremo pra se opor ao extremo que a gente vive*” (Vegano Vitor).

Ao ratificar seu posicionamento político como “*extremo*”, ele também poderia ter dito radical. A palavra “extremo”, no senso comum, possui uma conotação negativa. Porém, na fala seguinte ele explica que o motivo de seu posicionamento ser extremo é porque estamos vivendo em um (uma realidade) extrema. Podemos entender, que o termo extremo também se refere a algo como contraditório e antagônico para quem não faz parte da classe que detém os meios de produção. É sobre essa questão que o próximo subcapítulo se estrutura. Iremos discutir de que maneira os ativistas, ao perceberem uma relação direta entre a exploração animal e o

capitalismo, não produzem efeitos de sentidos considerando o Veganismo Popular como um movimento revolucionário.

3.4 – Veganismo Popular (e) Revolucionário: da libertação animal à superação do capital

Em diversos momentos ressaltou-se como o Veganismo Popular procura fazer a crítica às diversas explorações/opressões não só à exploração animal, sendo assim, pensa a práxis vegana para além da questão individual/pessoal. Ou seja, a dimensão da estrutura passa a ser considerada, problematizada e criticada. Na sociedade moderna, essas explorações/opressões, incluindo a animal, estão ancoradas no modo de produção e reprodução da sociabilidade, isto é, no capitalismo. Ressalto duas coisas: 1) isso não acontece porque o capitalismo é “mal”, mas por ser a forma histórica (atual) do modo de produção. Por exemplo: os animais têm sua “animalidade” expropriada (sua existência enquanto um ser que quer existir), não porque os capitalistas não gostam dos animais, mas para se obter lucro com esses seres é preciso que sua existência seja espoliada para que o seu corpo seja explorado (ou dialeticamente o seu contrário, seu corpo é explorado para que sua existência não exista). Outro ponto importante: 2) como foi explicado no primeiro capítulo deste estudo, isso aconteceu em outras formas de organização social, mas é nesse momento histórico que estamos e devemos nos concentrar. Para Marx, não é o passado que explica o presente, o conhecimento do passado é essencial para explicação do presente, mas antes, é o conhecimento do presente que permite visualizar a história, ou seja, o capitalismo é a forma de sociabilidade mais desenvolvida até então, é ela que devemos estudar para também compreender as formas passadas.

De modo que - embora historicamente a categoria mais simples possa ter existido antes da categoria mais concreta - ela só pode pertencer, no seu pleno desenvolvimento intensivo e extensivo, a uma forma de sociedade complexa, ao passo que a categoria mais concreta se encontrava mais desenvolvida numa forma de sociedade mais atrasada (MARX, 2007, p. 17).

No capitalismo, o animal assume sua forma mais “desenvolvida” para o modo de produção. O seu valor (diria principal), o motivo de sua existência, não é em função do seu uso, como arar a terra, carregar peso e/ou transportar gente. Ainda, assume valor de troca. Desse modo, é incoerente ser antiespecista e ignorar a crítica ao capitalismo, ser antiespecista e não ser anticapitalista. Como também é incoerente a pessoa que deseja outra realidade em que não exista o especismo, não considerar que nessa outra realidade deva essencialmente existir outra forma de organizar a produção que não seja baseada na exploração (e expropriação). Vegano

Vitor compreende que o que define/estabelece a relação dos humanos com os outros animais é a *“forma capitalista de produção”*, ou seja, é a forma-mercadoria (animal) que causa a reificação, a alienação e o fetichismo. Diferente da lógica que muitos(as) animalista, defensores(as) da causa animal e veganos(as) compreendem, os animais não são explorados porque existe especismo, e sim o oposto. O especismo surge quando os animais são tratados como mercadorias. Eles são explorados pela sua condição de mercadoria.

Ao assumir essa lógica, Vegano Vitor, de alguma forma, suprime as concepções não materiais sobre a exploração animal. Essa também é a compreensão de Vegetal Vermelho, pois para ele o capitalismo, o modo de produção capitalista está diretamente relacionada com a exploração animal: *“o modo de produção capitalista é responsável pela destruição de diversos ecossistemas e da vida de animais humanos e não-humanos. E diz respeito diretamente ao veganismo”* (Vegetal Vermelho). Para Vegetal Vermelho, discutir o veganismo e o antiespecismo sem considerar o anticapitalismo é esvaziar o debate e ignorar a realidade, ambos *“fazem parte da definição do próprio veganismo”*, ou seja, compõem a totalidade do movimento. O capitalismo almeja o crescimento do consumo e do lucro, portanto, um veganismo que não rompe com a estrutura do capitalismo permite que esse modelo siga explorando os animais e outras “minorias políticas”. Veganos(as) que concordam com essa forma de ser do veganismo são “mantenedores do *status quo*” (DAVIDSON, 2020, p. 102). “Essas pessoas querem fazer algo para não se sentirem como contribuintes da exploração animal, mas não aceitam que o modelo de sociedade defendido por elas é uma das maiores causas da exploração animal massificada” (UVA, 2021).

Dito isso, Vegano Vitor chama atenção de que *“é a partir desse lugar de debate”*, isto é, da FI que considera o modo de produção como responsável pela destruição de diversos ecossistemas, que ele discute o veganismo no seu canal. Portanto, o discurso no seu canal transita sob a FD vegana popular, esse “lugar de debate” é o seu “lugar discursivo”. Para a AD, o sujeito é construído no e com o discurso, ou seja, um sujeito histórico que não é fonte do sentido, mas que tem esse sentido condicionado pela estrutura, ou melhor, pela ideologia (FERREIRA, 2010). E essa ideologia interpela tanto Vegano Vitor quanto Vegetal Vermelho quando eles vão falar partindo da FD do Veganismo Popular, entendendo o veganismo/especismo na totalidade do capitalismo.

O Veganismo Popular compreende que a verdadeira libertação animal virá com a construção de outra sociedade, não após, mas apenas a partir disso. É fundamental estabelecer

essa conexão, mesmo que a superação do capitalismo não acarrete automaticamente na libertação animal. Com isso, reforça-se a necessidade e importância de “(...) quebrar a lógica da dominação humana sobre os outros animais” (GUIMARÃES, 2021).¹⁰⁸ A superação do capitalismo não será suficiente, mas é condição necessária (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019; MANNI, 2022), apesar da maioria das pessoas não perceber a possibilidade do fim do capitalismo, uma vez que “é mais fácil enxergar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (FISHER, 2020).

Com isso em mente, a pauta vegana é viável? É válido ser antiespecista? Por que lutar contra a exploração animal se vivemos em um modelo de sociedade que se baseia na(s) exploração(ões)? Algumas pessoas, para justificarem a exploração animal (geralmente para não abdicar de consumo de derivados), argumentarão que uma vez que o capitalismo é um problema social, não teria importância lutar pela causa vegana/antiespecista¹⁰⁹. Vegano Vitor argumenta que apesar do capitalismo ser um problema – e “*nós devemos trabalhar para superar*” (Vegano Vitor) – não há justificativa para o desrespeito e exploração dos animais, o que implica dizer que “*essa história de ‘não adianta nada’ é uma enorme besteira. É claro que adianta*” (Vegano Vitor). O que ele não diz é que essas premissas como “capitalismo é o problema” e “os animais precisam ser respeitados” estão diretamente relacionadas, pois o capitalismo se estrutura, em última instância, na condição desses animais não serem respeitados. Um antiespecismo baseado na teoria social de Marx e Engels permite uma análise crítica de uma ideologia dominante, descortinando uma vulnerabilidade na ordem capitalista e conseqüentemente nas formas de exploração dos animais, possibilitando uma superação desse modelo. Entretanto, vale ressaltar que com a superação da sociedade burguesa capitalista, não significa que a exploração animal se encerrará automaticamente.

Ressalto aqui duas coisas: (1) não existe essa possibilidade de, do dia para noite, toda a população resolver parar de comer carne. Pensar assim seria puro idealismo, é pensar a dinâmica social por uma perspectiva metafísica, como faz a *The Vegan Society*. No seu site (vegansociety.com), há uma aba respondendo perguntas mais comuns sobre veganismo e uma é: “O que aconteceria se todos se tornassem veganos da noite para o dia?”. Nesse sentido, respondem que haveria uma “nação inteira cheia de pessoas motivadas o suficiente pelo bem-estar animal para não comê-los”. Essa afirmação é feita sem nenhum embasamento material.

¹⁰⁸ Trecho retirado do site oficial do MST.

¹⁰⁹ Vegano Vitor chama isso de “falácia do espantalho”:
<https://www.youtube.com/watch?v=hanfig5OPRk&t=12s>

Alega-se que gradativamente, as pessoas, incluindo “fazendeiros”, iriam passar a se preocupar com animais e transformariam suas fazendas em santuários: “com o tempo, mais e mais pessoas estarão interessadas em alimentos à base de plantas e no estilo de vida vegano, para eventualmente se tornarem veganas. Isso levará a cada vez menos animais que precisarão ser criados e abatidos para alimentação”. Porém, como isso irá acontecer? Por quê? O que levaria essa mudança da consciência? A exploração animal é um componente do modo de produção capitalista, logo, não há como mudar um sem impactar o outro. Marx aponta o erro metodológico dos teóricos da economia política, principalmente Proudhon, em tratar a economia (política) como categoria puramente lógica: quem se vale dessa interpretação acaba *caindo* “num método metafísico”, pois “não compreenderam o caráter histórico das determinações sociais na vida dos indivíduos” (SILVA FILHO; LOPES p. 278).

Destaco também (2) que a lógica apontada anteriormente por Guimarães (2021), só pode ser quebrada, dentre outras formas, com a mudança da perspectiva ideológica que se sustenta a partir das condições materiais que a sociedade capitalista está embasada, tal como a obtenção de lucro por meio da exploração animal. Porém, enquanto a forma de produção social tiver como lastro o modelo capitalista, o capital continuará explorando a natureza (e os animais). Enquanto a classe dominante controlar o que se produz, como se produz e como se consome, essa *quebra* é cada vez mais distante (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019). Para Vegano Vitor, ser uma pessoa vegana no capitalismo é coerente, pois: “*aquelas vítimas ali, especificamente, elas vão, né, com o passar do tempo deixar de ser consumidas, a demanda vai diminuir né? A demanda por esses produtos vai diminuir*” (Vegano Vitor).

Ao retornar para outros discursos de Vegano Vitor, parte dessa afirmação é facilmente refutada. Já vimos que na FD *vegana popular* o veganismo não se limita ao consumo, outrossim, no modo de produção capitalista é a produção que determina (dialeticamente) o consumo, logo a produção e o consumo não são esferas/momentos/determinações isoladas que existem separadamente (MARX, 2007). Assim, se o objetivo da produção burguesa é obter lucro e acumular capital, mudar meramente a forma de consumir não vai ocasionar mudanças estruturais, pois no capitalismo não se objetiva atender às necessidades existentes, mas criar novas demandas (aparentemente necessárias). A busca pelo lucro impulsiona a produção gerando mais capital por meio da venda dessa produção. (MANNI; MAURIZI, 2023). Portanto, deixar de consumir animais é imprescindível, porém, por mais que se acredite (e até que seja verdade) que a “*demanda por esses produtos vai diminuir*”, individualmente não alterará a

estrutura de exploração. Por conseguinte, essa estrutura só mudará com o processo de revolução do modo de produção atual.

Contrariando seu próprio discurso, como mencionado na sequência discursiva anterior, Vegano Vitor afirma que não são escolhas individuais que vão solucionar esse problema (capitalismo), mas sim a organização coletiva, organização política. *“O que vai solucionar o problema do capitalismo é a organização, a politização, né? É tá na rua”* (Vegano Vitor). E reforça: *“a gente tem que trabalhar para superar”*. *“Tá na rua”* produz um sentido de mobilização e organização em partidos e/ou coletivos/organizações que realizam trabalho de base, “na rua”. Essa fala corrobora a posição-sujeito ativista de Vegano Vitor. O veganismo, para Mota, Willian e Queiroz (2019), surge do desejo de mudanças, portanto, se destaca a importância do trabalho de base, com paciência, estratégia e com uma militância organizada. A pessoa vegana, pela não cooperação com um sistema que domina, explora e lucra com a dor e morte dos animais (humanos e não-humanos), pratica sua solidariedade política com esses animais. Ao entender o sistema capitalista como um dos pilares de sustentação da exploração animal, o(a) vegano(a) popular se “compromete com a luta anti-capitalista” (Idem, p. 5).

Estabelecida a relação (totalidade) direta entre a exploração animal e o sistema capitalista, pode-se concluir que se o problema é o sistema, a luta pela libertação animal e pelo respeito às outras espécies só deve ocorrer quando esse modelo for superado. Para Vegano Vitor essa condição é equivocada. Ele questiona: *“a gente não pode começar respeitá-los agora? Enquanto a gente trabalha pra superar o capitalismo?”* Por mais que ele levante esses questionamentos e não os responda de imediato, “se há questionamento é porque existe naturalização de um discurso (...)” (LIMA, 2017, p. 170). Sendo assim, a partir do seu interdiscurso é possível ter ciência de que sua resposta para essas indagações seriam “não” e “sim”, respectivamente. Nesse sentido, Vegetal Vermelho reforça a urgência da luta no tempo presente, de almejar outra realidade e de como essa luta só é possível a partir da coletividade. Ao perceber que as estruturas estabelecidas (leiam-se também opressões/explorações) são construções, percebe-se a possibilidade de transformá-las, e isso é feito pelo reconhecimento como parte de uma coletividade/comunidade. Essa é uma forma de *“romper com toda lógica de argumentação neoliberal desde a raiz, que parte sempre da primazia do indivíduo”* (Vegetal Vermelho). Assim, é imprescindível

“a gente reorganizar tudo desde o princípio pra que a gente não tenha uma vida baseada na mercantilização das coisas, na mercantilização das nossas vidas e da

natureza e dos outros seres humanos. Para que a gente continue a existir enquanto espécie e para que as outras espécies existam também junto da gente. Dado à crise ambiental que se apresenta e que é inescapável” (Vegetal Vermelho).

Vegano Vitor diz que no capitalismo moderno “*a gente coisifica tudo*”, inclusive os animais e assim “*passam a valer uma quantidade monetária*”. Consequentemente, ao precificar um animal ele passará a ser tratado como mercadoria. Nessa perspectiva, Vegetal Vermelho aponta que ao se reproduzir a “*lógica de opressão*” de superioridade do ser humano em relação às outras espécies, os humanos (auto) conferem o direito de explorar esses animais, “*de retaliá-los, e consumi-los nas mais diferentes formas possíveis*”.

Como discutimos, Vegetal Vermelho entende o especismo como um dos aspectos do antropocentrismo e que essa “*lógica*”, essa “*estrutura do pensamento*”, é base de diversas opressões. Ambos pensam e fazem a relação da exploração animal e do especismo com modo de produção capitalista, mas por vezes, fazem por um ângulo em que é preciso “*inverter*”. Sendo assim, reitero: ao assumirem a forma-mercadoria, os animais passam a serem precificados e terem valor de troca¹¹⁰. Em vista disso, a justificativa da exploração dos animais não-humanos não parte de um pensamento de superioridade, mas sim, esse pensamento do ser humano de se sentir superior aos outros animais parte (no tempo histórico no qual vivemos) da condição de forma-mercadoria que esses animais são submetidos.

Nesse sentido, Manni e Maurizi (2022) vão fazer duas considerações: (1) é correto dizer que os humanos, umas classes mais do que outras, tiram vantagem da exploração dos animais e que têm interesse em continuar explorando-os. Como também é fato que (2) os humanos discriminam os (outros) animais a partir de uma visão especista. Porém, o antiespecismo político (onde o Veganismo Popular se insere) considera a natureza estruturante do modo de produção capitalista, pois “*não é possível entender o que acontece em nossa sociedade sem olhar para esse processo*”. É dessa forma que “*A exploração – ou seja, o mecanismo de produção do valor e do lucro – torna-se o alfa e o ômega das relações sociais (...)*” (MANNI; MAURIZI, 2022, tradução nossa).

Então, a lógica do antropocentrismo se traduz “*inteiramente em capitalocentrismo*” (MANNI; MAURIZI, 2022, tradução nossa), visto que “*não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência*” (MARX; ENGELS, 2001, p. 20). É o modo

¹¹⁰ “[I]sto é, a propriedade de uma mercadoria ser comparada quantitativamente, não qualitativamente, com qualquer outra mercadoria e, portanto, trocada com ela e, em particular, com o equivalente geral que é o dinheiro. (MAURIZI, 2023).

de agir na concretude que determina o pensar, ou seja, o modo de produção. Portanto, na forma histórica do capitalismo, os animais, principalmente os “para consumo”, são produzidos com o objetivo/propósito de serem vendidos/comprados. Antes do capitalismo os animais eram usados de acordo com suas funções/utilidades para atender as determinadas necessidades, agora passam a serem (produzidos/fabricados) explorados enquanto mercadoria e assim são inferiorizados.

As abordagens que se ancoram no antiespecismo metafísico enxergam as práticas especistas como expressões do pensamento, de um modo de pensar funcionalmente especista, entendem que “(...) a prática política dirigida à libertação animal é em primeiro lugar uma questão de pensamentos, comportamentos morais e normas jurídicas adequadas(...)” (GOMYDE; COSTA; FERNANDES, 2019, p. 188). Tanto a exploração animal, quanto a libertação “são reduzidas a um problema filosófico, epistemológico e, no melhor dos casos, jurídico” (Idem). Ignorando as condições materiais do objetivo principal de uma sociedade burguesa: acúmulo de capital. Para Manni e Maurizi (2022), é necessário se afastar da compreensão liberal e pós-moderna que considera que o mundo está “errado”, pois assim é o pensamento, portanto, deve-se livrar dos preconceitos. Em contrapartida, é fundamental caminhar no sentido de outra ordem material das relações produtivas e sociais.

Sendo assim, Vegetal Vermelho faz um chamamento ao final do vídeo (já comentado aqui em outro momento): *“Eu então vos convoco, caros amigos, colegas, companheiros; amigas, colegas, companheiras; amigues, colegas, companheires; a tornar inoperante esse mundo, que é o nosso. Partiu? Considere o veganismo, mas que ele seja popular, anticapitalista e interseccional”* (Vegetal Vermelho). A expressão “Partiu?” no sentido metafórico assume o sentido de “vamos lá?”, ratificando sua convocação. Ele geralmente repete essa afirmação (ou alguma variação dela) no final dos seus vídeos - *“Considere o veganismo, mas que ele seja popular, anticapitalista e interseccional”* – sempre de modo enfático, enérgico e contundente, produzindo um efeito de sentido de quem ordena algo e não aceita desvios.

Magalhães (2016, p. 156-157) afirma que o sujeito-autor do discurso, ao tentar convencer os interlocutores a algo, trata-se de um “gesto de militância” onde “se busca a adesão do outro a uma ideia ou causa”. Por isso, o sujeito-autor utiliza de verbos no modo imperativo, atribuindo a si um lugar de: a) autoridade e b) conhecedor dos fatos, da iniciativa e da liderança. Dessa forma, Vegetal Vermelho ratifica sua como posição-sujeito militante. Por outro lado, Lima (2017, p. 175) fala da presença do modo imperativo como conselho e não como ordem e

diz que só é possível “convencer” sujeitos que já possuem uma proximidade teórica-ideológica com certa FD. Isto é, nenhum discurso tem o poder de convencer o outro (Idem, p. 157). Compreende-se que o principal objetivo deles é conseguir transmitir uma informação (que muitas vezes já foi dita, porém, sobre outra FD) e partir dessa informação cada pessoa reage de uma forma, seja concordando ou discordando.

Outro exemplo é quando Vegetal Vermelho argumenta no vídeo sobre os motivos que o fizeram se tornar ativista:

“A gente tem que mostrar pras pessoas como os animais são violentados pelo nosso mundo, pela indústria, mas não só pela indústria, mas também pelos impactos da vida humana, tal qual ela se organiza no ocidente [...]. Na indústria, o impacto é direto: o assassinato em série de animais de forma muito violenta, mas o nosso modo de vida também assassina diversos animais porque a gente produz plástico, a gente polui ambiente, a gente tá destruindo o ecossistema e por conseguinte, a gente tá matando animais” (Vegetal Vermelho).

Ao falar “a gente tem que mostrar pras pessoas como os animais são violentados”, ele não diz, mas isso reforça duas posições-sujeitos assumidas por ele. A primeira é a de vegano, ao falar “a gente”, se incluindo como responsável também. E a segunda, de ativista/militante, quando ratifica que é preciso “mostrar” para as outras pessoas¹¹¹. Essa posição-sujeito militante também aparece no discurso de Vegano Vitor quando ao falar sobre a “esquerda”, traz elementos visuais como a tela em vermelho e o hino da Internacional Comunista. Essa construção (discursiva) audiovisual, em diálogo com a FD que ele se insere, produz um efeito de sentido que supõe a identificação de Vegano Vitor com os ideais do comunismo, reforçando o entendimento do Veganismo Popular como um movimento revolucionário.

De acordo com Bittencourt (2023, p. 20), tendo como horizonte possível um futuro comunista, é urgente e necessário “levar em consideração e refletir sobre os efeitos da exploração animal na nossa cultura e economia”. Ele também pontua que é crucial combater as indústrias de exploração animal, do Agronegócio. Ativistas dos direitos dos animais cada vez mais “argumentam que um sistema socialista, com foco na propriedade e controle coletivo, seria mais adequado para lidar com a exploração de animais e fornecer-lhes melhores proteções do que a ideia de ‘igualdade’ entre humanos e não humanos” (MANNI; MAURIZI, 2023,

¹¹¹ Vegano Vitor finaliza o vídeo falando de boicote alegando que “esse foi o roteiro mais trabalhoso que eu já escrevi e não sei nem dizer quantas horas eu passei lendo matérias; revistas; reportagens; conversando com pessoas que pensam diferentes de mim; vendo vídeos de outros youtubers” (Vegano Vitor). Essa fala reforça o sentido de que ele dedicou horas do seu tempo e do compromisso com apropriação teórica para produzir um conteúdo de qualidade para quem o acompanha; isso serve para corroborar sua posição-sujeito ativista digital.

tradução nossa). Souza (2022) percebe isso quando analisa o discurso do coletivo Vegano Periférico, ao dizer que eles acionam sentidos que relacionam com discursos marxista e socialistas, evidenciando a posição-sujeito ativistas em que se reafirma que o veganismo se dá na luta de classes.

Vegano Vitor salienta que atualmente não se identifica apenas como uma pessoa de esquerda, mas de uma esquerda radical, pois *“Eu não acredito que pequenas reformas vão resolver as enormes injustiças que a gente tem na sociedade hoje. Eu acredito que a gente tem que pensar em soluções verdadeiramente revolucionárias [...] Eu sou uma pessoa da esquerda revolucionária”* (Vegano Vitor). Da mesma forma compreende Vegetal Vermelho, afirmando que a radicalidade não é utópica, mas sim necessária e possível. Radical seria no sentido de ir à raiz do problema, ou seja, ao modo de produção capitalista (MARX, 2010). Tonet (2013, p. 66) também pontua que *“constatar o caráter histórico e social de todos os fenômenos sociais significa, por sua vez, fundamentar a possibilidade de uma transformação também radical do mundo”*.

Segundo Vegetal Vermelho, ser radical não supõe uma idealização do impossível, mas consiste em perceber as dinâmicas reais e *“se engajar no máximo que a gente pode pra transformar isso”*, e esse engajamento/militância não deve se limitar a (ser refém de) produtos e empresas *“veganas”* que seguem explorando animais e trabalhadores(as): *“A gente consegue mais do que isso! A gente pode fazer mais do que isso”* (Vegetal Vermelho). Mirla Cisne (2005) diz que só é possível se pensar a emancipação da mulher com a ruptura do capitalismo e a construção de outra forma de sociabilidade, destacando a importância de ter como base a teoria marxista na luta das mulheres. *“Afim, é essa teoria que possibilita desvelar as contradições desta sociedade, instrumentalizando a classe trabalhadora para lutar por sua emancipação, pois nos ajuda a entender a natureza íntima do capitalismo, a lógica de seu desenvolvimento (...)* (CISNE, 2005, p.7).

Marx, apesar de diferenciar os humanos de outros animais, principalmente a partir da categoria trabalho (intencionalidade x instintividade), não pautou essa relação em um nível de superioridade/inferioridade. Quando ele trabalha a perspectiva da *“centralidade da atividade humana, histórica, como transformadora do seu meio e da socialidade”* (COSTA, 2019), não despreza os outros animais. Entretanto, muitas vezes em sua obra, ele faz várias menções aos animais, porém é perceptível a *“predominância de uma narrativa despreocupada em relação aos mesmos”* (Idem). Porém, a autora reforça a importância de pensar o abolicionismo animal pela

ótica marxista, pois não se deve pensar o antiespecismo como uma escolha, posicionamento ou abdicação individual, mas sim, pensar o fim da propriedade privada dos meios de produção e sua reorganização racional, culminando na exclusão dos animais das relações de produção “sem prejuízo nenhum a nossa própria espécie” (COSTA, 2019). Logo, é apenas se valendo da teoria marxista que se pode desvelar as contradições desta sociedade, pensando em propostas de transformações, objetivando a libertação (emancipação) dos animais não-humanos.

Novamente trazendo o diálogo com o feminismo, de acordo com Arruzza, Bahattacharya e Fraser (2019), o feminismo que elas almejam objetiva atacar as raízes do capitalismo. Que luta pelas necessidades e pelos direitos da maioria e defende todas as pessoas exploradas, dominadas e oprimidas (não só as mulheres). Segundo Monteiro e Siqueira (2015, p. 61), “a dinâmica do capitalismo aponta para um maior controle sobre toda a vida, humana ou animal. Se as coisas se movem no sentido contrário, será apenas porque o capital tem sido forçado a tomar um rumo diferente ou abolido”. A proposta do Veganismo Popular dialoga com essas características: subverter o modelo de produção vigente e lutar pelo fim total da exploração não-humana, mas também da exploração humana, pois só assim é possível pensar uma nova forma de sociabilidade entre as espécies. “Os veganismos politizados e antiopressão sempre precisam estar comprometidos, conceitualmente, com uma perspectiva ética que reflita aspectos políticos de fato radicais e revolucionários” (DAVIDSON, 2020, p. 76). Somente dessa forma será possível *mover as coisas no sentido contrário* do capital. É nessa perspectiva que Manni e Maurizi (2023) ratificam o socialismo como “uma ferramenta indispensável para criar as condições necessárias, ainda que não suficientes, para a libertação dos animais” por esse ser um sistema político-econômico cujo horizonte é criar uma sociedade igualitária e justa.

Nos discursos de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho é perceptível, por diversos “caminhos”, como mobilizam sentidos que indicam como o Veganismo Popular pauta que a verdadeira libertação animal só será possível em outra forma de sociabilidade. Após essas considerações, sob a perspectiva da Análise de Discurso, não se objetivou aqui a exaustividade “em extensão”, muito menos a completude ou uma exaustividade em relação ao objeto, pois, por ser empírico, é inesgotável. Como vimos, o discurso não é um discurso em si, está relacionado com um já-dito anterior e “aponta para outro” (ORLANDI, 2015, p. 60), isto é, a sociedade é uma totalidade concreta – articulada em um complexo de outras totalidades – que está em movimento visto que, advém das contradições imanentes à sociedade. Logo, o discurso dos ativistas segue em movimento, uma vez que não se encerra em si, por se tratar de um discurso reproduzido na Internet (já que suas atualizações são constantes).

As discussões acerca de como se dá a relação entre a exploração animal e o sistema capitalista no discurso dos ativistas digitais foi o que estruturou esta pesquisa. Foi pensando nessa problemática que este trabalho foi se materializando. No próximo tópico, foram suscitadas algumas considerações acerca do que foi desenvolvido até aqui, o que foi identificado e evidenciado após a árdua discussão tendo como base o problema que norteou a pesquisa e os objetivos.

CONSIDERAÇÕES

Pretendíamos aqui analisar a relação da exploração animal com o sistema capitalista no discurso dos ativistas digitais veganos. Com a Análise do Discurso de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho pudemos entender que a definição comumente conhecida de veganismo cunhada pela *The Vegan Society* atendeu a um momento histórico específico. Porém, em seus discursos inseridos na FD vegana popular, esses ativistas vão mobilizar outros sentidos para o veganismo que se contrapõem à hegemonia discursiva já estabelecida. Eles compreendem o veganismo – em especial o que eles defendem, o Veganismo Popular – como movimento político complexo que luta pelo fim da exploração dos animais não-humanos, incorporando também os humanos nessa definição. É fundamental essa incorporação, pois os humanos precisam se perceber enquanto animais que também sofrem opressões e são explorados, visto que, são os humanos, principalmente a classe trabalhadora – dado sua capacidade organizativa – os únicos responsáveis pela libertação desses animais (incluindo a sua).

Nesse sentido, o Veganismo Popular não se limita à perspectiva do consumo, é um movimento político que a partir da difusão e popularização do discurso vegano popular visa acabar com o especismo ideologicamente, para que assim (sob a práxis vegana popular), esse discurso objetive o fim do especismo materialmente, ou seja, com a subversão da base que o sustenta, o modo de produção capitalista. Apesar de não se limitar ao consumo, o Veganismo Popular adota como uma de suas estratégias o boicote, o “não fazer parte” de uma lógica que reproduz a exploração animal. Esse boicote não é apenas direcionado a um ou outro produto, mas se configura como um boicote estratégico e estrutural, ao considerar a totalidade do sistema de produção de uma multinacional.

Os ativistas digitais Vegano Vitor e Vegetal Vermelho vão dizer que o veganismo não deve existir isoladamente, sendo fundamental a articulação desse movimento com outros movimentos que partilham uma visão de mundo em que não existam opressões de raça, gênero, classe e entre outras; tampouco exploração dos animais (humanos e não-humanos) e da natureza (águas, solo, etc.). Portanto, é fundamental que o veganismo se articule com esses movimentos e se coloque enquanto um movimento além de antiespecista. Um movimento popular, plural, antirracista, feminista e antiLGBTQIA+ fóbico e claro, interseccional. Isto é, que perceba a totalidade das opressões e o que sustenta e reproduz essas opressões e explorações. Um dos principais movimentos que os ativistas destacam é o MST, pois ressaltam a importância do Veganismo Popular em se articular com esse movimento por haver uma convergência de pautas.

Nesse sentido, saliento que seria importante o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos que estabeleça essa conexão entre os movimentos: como pode ser fortalecida essa relação? Há a discussão do veganismo no MST? Se sim ou se não, quais os sentidos e os motivos?

As contradições são fundamentais para se apreender a realidade do movimento real dos fenômenos, é o “motor das contradições” que move a história. Pensar a realidade dialeticamente, é pensá-la em mudanças e contradições. Uma das contradições latentes no discurso dos ativistas digitais estudados é a relação conflitante Veganismo Popular x Veganismo Liberal. Os discursos de Vegetal Vermelho e Vegano Vitor vão produzir efeitos de sentidos que problematizam, contestam e contradizem o discurso reproduzido pelo Veganismo Liberal. Uma das principais diferenças entre essas correntes é a crítica à estrutura, já que o Veganismo Popular faz uma crítica radical enquanto o Liberal pensa a perspectiva do individual/pessoal.

Dito isso, a Internet se apresentou como uma ferramenta, um espaço estratégico que, além de dar voz/visibilidade a essa corrente do veganismo, possibilita também a reprodução do discurso vegano popular, permitindo que, inseridos na FD vegana popular, os discursos dos ativistas produzam (novos/outros) efeitos de sentidos criticando e contra-argumentando o discurso da corrente do Veganismo Liberal. E a AD (Pêcheux e Orlandi) juntamente com o materialismo histórico-dialético foram fundamentais para compreender que os sentidos que esses ativistas mobilizam nos seus discursos não se limita ao dito (em um vídeo), mas está relacionado a outros dizeres, outros vídeos e à memória discursiva sobre o veganismo. Quando esses ativistas dizem (do Veganismo Popular) não contrapõem uma fala, mas uma ideologia (interpelada no discurso).

Para Vegetal Vermelho e Vegano Vitor, o Veganismo Popular enxerga o modo de produção capitalista como a base que sustenta o especismo e outras formas de exploração/opressão, dado que, como constatamos ao discutir a exploração animal na sua materialidade, o especismo é reflexo (ideológico) do modo de produção capitalista que reifica a vida animal em mercadoria, para assim explorá-la e gerar acúmulo para a classe dominante que detém os meios de produção: a burguesia. Isso posto, utilizando a Internet como ferramenta e espaço, eles vão (re)produzir em seus discursos efeitos de sentidos justificando que o modo de produção capitalista, tendo o animal na sua forma-mercadoria, não só reproduz, mas sustenta a exploração animal (como outras) e essa só poderá ser abolida a partir (com) (d)a superação desse sistema e construção de outro modo de produção que não tenha a exploração como

sustentáculo. Em outras palavras, só poderá ser abolido a partir de uma revolução. Dessa forma, o Veganismo Popular se opõe às “expressões” desse modo de produção que exploram direta e indiretamente os animais, como o Agronegócio e a indústria animal.

Vale ressaltar que o sentido que aparece nos discursos de Vegano Vitor e Vegetal Vermelho é de que essa revolução, a superação da exploração, só será possível com a organização popular. Portanto, a Internet se apresenta como uma ferramenta que esses ativistas digitais utilizam para (re)produzir os seus discursos e, por meio da produção de conteúdo, popularizar o debate do Veganismo Popular (e se opor ao Veganismo Liberal). O que muda a sociedade não é tecnologia (em si/para si), mas é a sociedade, os movimentos, as relações sociais que vão conferir sentido “social e histórico para a tecnologia”. Ou seja, mesmo que – nesse momento histórico – o capitalismo se aproprie das tecnologias em seu favor, esses ativistas a utilizam para criticá-lo. Todavia, esse outro mundo só será alcançado “na rua” por meio da organização popular em coletivos veganos populares (como a UVA e ANTAR) ou em outros coletivos, organizações e partidos de esquerda, onde o(a) militante leve as pautas que o Veganismo Popular defenda.

Após discussões, é oportuno elencar alguns apontamentos, entendendo o não encerramento do debate e o esgotamento do objeto, bem como a importância da continuidade do processo de pesquisa:

1) Os ativistas fazem a crítica à estrutura, ao modo de produção capitalista. Porém, como percebemos algumas vezes, “se perdem” na leitura teórico-política e se limitam a pensar o especismo como um problema da estrutura do pensamento (unicamente). Penso que falta uma maior compreensão da perspectiva materialista da exploração animal. Falta inserção desses ativistas (e discursos) na FI socialista/comunista? Há organizações, partidos, coletivos socialistas/comunistas/anarquistas que trabalham o veganismo? Existe uma reprodução do discurso especista nas organizações de esquerda? Quais os sentidos do discurso da União Vegana de Ativismo e da ANTAR?

2) O Agronegócio brasileiro tem sua produção baseada na exploração animal (dos solos, da água, etc.). Os ativistas estudados fazem críticas a esse modelo de produção. Acredito que seria importante fazer uma análise mais ampliada sobre a relação do Veganismo Popular com o Agronegócio.

3) Vegetal Vermelho e Vegano Vitor ratificam como o Veganismo Popular se articula com o MST. Seria interessante explorar essa perspectiva. Como o MST se relaciona com o Veganismo Popular? Há essa discussão dentro do MST? Como a pauta da Reforma Agrária, principal defesa do MST, pode ser importante para a libertação animal?

4) O Veganismo Popular defende a soberania alimentar como uma das formas que possibilitará a livre escolha da população por uma alimentação baseada em vegetais. Assim, é válido aprofundar esse debate. Como a defesa de uma soberania alimentar pode contribuir para a superação da exploração animal? Ou como a pauta do Veganismo Popular pode inferir na perspectiva de uma soberania alimentar?

Por fim, Marx (2006) ressalta que as formas econômicas, o modo de produção é transitório, portanto, histórico. Essa constatação é importante quando compreendemos a forma que os animais não-humanos ocuparam nas formas econômicas (modo de produção) vigentes. Como constatamos, os animais são mercadorias no sistema burguês. Porém, esse modo de produção não é estático e eterno. Sendo assim, toma-se como base a consideração de que “com novas faculdades produtivas adquiridas, os homens mudam o seu modo de produção e, com o modo de produção, mudam todas as relações econômicas, que não foram senão as relações necessárias desse modo de produção determinado” (MARX, 2006). Então, podemos inferir que sob outro modo de produção podem ser erguidas outras relações econômicas/sociais nas quais os animais não-humanos (e humanos) não sejam mais mercadorias.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Livia Moreira de. **Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: repertórios, organização e difusão**. Florianópolis, Política & Sociedade, v. 15, n. 34, set./dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15n34p315>. Acesso em: 15/07/2023.

ALMEIDA, Carol. **Debate sobre “carnes vegetais” é guiado por corporações e falsas premissas**. O Joio e o Trigo, 2022. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2022/04/debate-sobre-carnes-vegetais-e-guiado-por-corporacoes-e-falsas-premissas/>. Acesso em: 13/06/2023.

ALMEIDA, Vanessa. **Autonomia e comunicação: a articulação de coletivos anticapitalistas em rede**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2014.

ALVES, Camila. **A informação ideológica e sua disseminação em redes sociais: uma análise a partir da teoria de Louis Althusser**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. João Pessoa, 2016.

ALVES FILHO, Manoel Sebastião. **Homem, Animal, Indústria: uma análise discursiva do Agronegócio brasileiro**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2020.

ANTAR; UVF. **Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário**. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.

APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Povos e terras indígenas são a reserva para vida no planeta. APIB, 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org/cop26/>. Acesso em: 17/07/2023.

ARAÚJO, Djacira. **Feminismo camponês e popular: caminhos para uma nova sociabilidade**. Revista Linguagem em (Re)vista. v. 15. n. 30. Niterói, 2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/30/04.pdf>. Acesso em: 14/02/2023.

ARAÚJO, Rafael; PENTEADO, Claudio; do SANTOS, Marcelo. Sociedade Civil Organizada e Novas Tecnologias de Comunicação e Informação: ação cidadã e implementação de políticas públicas na cidade de São Paulo. In: **35º Encontro Anual da ANPOCS**, 2011. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/35-encontro-anual-da-anpocs/gt-29/gt01-21>. Acesso em: 02/02/2023.

ARRUZZA, Cinzia; BAHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: [recurso eletrônico] um manifesto**. Tradução: Heci Regina Candiani. ed.1. São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/04/Feminismo-para-os-99-um-manif-Cinzia-Arruzza.pdf>. Acesso em: 09/02/2023.

ARTICO, Antonia Marcia. **Ciberativismo e as estratégias comunicacionais nos movimentos abolicionistas veganos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática. São Paulo, 2015.

AVILA, Silviane De Luca. **O potencial de aprendizagem e as representações pedagógicas na plataforma Youtube: entre conhecimento e entretenimento.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2020.

AZEVEDO, Elaine de. **Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos.** Sociologias. n.44. a.19. Porto Alegre, 2017.

BANDEIRA, Olívia; VALENTE, Jonas. **Na internet, a combinação de novas e velhas formas de concentração.** Le monde diplomatique Brasil, 2018. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/na-internet-a-combinacao-de-novas-e-velhas-formas-de-concentracao/>. Acesso em: 02/08/2022.

BARBOSA, Lia. **Florescer dos Feminismos nas Lutas das Mulheres Indígenas e Camponesas da América Latina.** NORUS. v. 7. n. 11. Pelotas, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/willi/Desktop/LEVANTAMENTO%20BIBLIOGR%C3%81FICO/POPULAR/Florescer%20dos%20Feminismos%20nas%20Lutas%20das%20Mulheres%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Camponesas.pdf>. Acesso em: 10/02/2023.

BARREIRA, Marília Maia Lincoln; MAIA, Luciana Maria. **Ciberativismo LGBTQIA+ no Youtube: Pautas, Estratégias e Motivações para Ação.** Revista de Psicologia da IMED. v. 12, n. 2. Passo Fundo, 2020. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3547/2543>. Acesso em: 18/04/2023.

BEZERRA, Silvia. **Ciberativismo: a política em tempos de internet.** 2015. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

BITTENCOURT, Renato. **Ninguém fica para trás: por uma esquerda vegana e por um veganismo de esquerda.** Editora Terra sem Amos: Brasil. 2023.

BITTENCOURT, Renato. Boicote. In: ANTAR & UVA. **Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário.** Editora Terra sem Amos: Brasil. 2021, p. 11-15.

BOBBIO, Norberto; NICOLA, Matteucci; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). **“Mobilização”.** In: Dicionário de Política. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2938561/mod_resource/content/1/BOBBIO.%20Dicion%C3%A1rio%20de%20pol%C3%ADtica..pdf Acesso em: 18/01/2023.

BONETTI, Alinne. **Não basta ser mulher, tem de ter coragem: uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo político feminista de Recife – PE.** 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2007.

BORGES, Jussara; JAMBEIRO, Othon. **Evolução do uso da internet na participação política de organizações da sociedade civil.** EDUFBA, 2016. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hk62f/pdf/pinho-9788523218775-05.pdf>. Acesso em: 19/04/2023.

BRASIL. **Lei Nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998.** Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1998.

BUENAVENTURA, Vinicius. **A conta não fecha no veganismo de mercado**. Medium.com, 2019. Disponível em <https://vncbnvt.medium.com/a-conta-n%C3%A3o-fecha-no-veganismo-de-mercado-1729734816cb>. Acesso em: 30/11/21.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CAPUTO, Marta Vieira. **Comunicação e Ciberativismo - boicotes: novas práticas para o exercício da cidadania**. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação)– Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, 2008.

CAREGNATO, Rita; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto & Contexto – Enfermagem. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/>. Acesso em: 19/07/2022.

COGGO, Luana; MENCARINI, Virginia. **Poliuição dos oceanos e extinção da vida marinha: o que nossos hábitos têm a ver com isso?** Contraponto Digital (PUC-SP), 2020. Disponível em: <https://contrapontodigital.pucsp.br/noticias/poluicao-dos-oceanos-e-extincao-da-vida-marinha-o-que-nossos-habitos-tem-ver-com-isso>. Acesso em: 17/07/2023.

COMSCORE. **Tendências de Social Media 2023**. 2023. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/03/Tendencias-de-Social-Media-2023-1.pdf>>. Acesso em: 07/07/2023.

COSTA, Maila. “LIVE: Lendo e comentando o texto “A Forma Animal da Mercadoria” com a autora Maila Costa”. [Entrevista concedida a Vegano Vitor]. **Youtube**, 02/06/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZ59ZtmNxck&t=5113s>. Acesso em: 19/10/2023.

COSTA, Maila. **O Marxismo e a Questão Animal**. Lavra Palavra, 2019. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2019/09/13/o-marxismo-e-a-questao-animal/>. Acesso em: 06/11/2021.

CISNE, Mirla. **Marxismo: uma teoria indispensável à luta feminista**. 2005. Disponível em: <https://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m3c6.PDF>. Acesso em: 09/02/2023.

CUTRIM, Ilza Galvão; MARQUES, Maxhemyliano Silva. **O Materialismo Histórico na epistemologia da Análise do Discurso**. Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/1243>. Acesso em: 11/04/2022.

CURY, Carlos Rorberto Jamil. **Educação e contradição**. São Paulo: Cortez, 1986.

DAVIDSON, Martina. **Repensando o Veganismo: o feminismo e projeto decoloniais como ferramentas éticopolíticas para um veganismo anticapitalista**. 2020. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplica e Saúde Coletiva. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.

DOMINGUES, José Maurício. **Sociologia e modernidade: para entender a sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Disponível em: https://www.academia.edu/2031317/Sociologia_e_modernidade_Para_entender_a_sociedade_contempor%C3%A2nea_Rio_de_Janeiro_Civiliza%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_2005_4a edi%C3%A7%C3%A3o . Acesso em: 08/06/2023.

DORNELE, Elizabeth. **Análise de discurso e os pontos de encontro tecidos na convergência das teorias**. ANALECTA Guarapuava. v.8 n. 2. Paraná, 2007.

DUARTE, Fabíola; COLLAÇO, Janine. Veganismo no Ciberespaço. In **VIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO. IV ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE ESTUDOS DO CONSUMO. II ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO CONSUMO COMIDA E ALIMENTAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. 2016, Rio de Janeiro. Artigo. Rio de Janeiro, 2016, p.1-14.

DURE, Deborah Michell; CEOLIN, Patrícia. **O crescimento do Youtube no Brasil e a popularidade do canal Nostalgia**. Riobrancofac.edu.br, 2016. Disponível em: https://www.riobrancofac.edu.br/site/doc/simposios/2016/O-crescimento-do-youtube-no-Brasil_Deborah-Dure.pdf. Acesso em: 18/04/2023.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. ed. 2. São Paulo: Edipro, 2020.

ESTEVES, Bruno. In: SAVAZONI, R; COHN, S. (Orgs). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2018/01/cultura-digital-br.pdf>. Acesso em: 08/06/2023.

FERREIRA, Aline; NEVES, Júlio. **Discurso intolerante e a rede social Instagram: uma análise de insultos e palavrões em comentários de seguidores**. Revista Letras. v. 22. n. 36. Curitiba, 2020.

FERRIGNO, Mayra. **Veganismo e Libertação animal: um estudo etnográfico**. 2012. Tese de Doutorado. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil enxergar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** ed. 1. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FUCHS, Christian **Em direção a uma problemática marxista de estudos sobre a internet**. Crítica Marxista. v. 23. n. 43. Campinas, 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19166>. Acesso em: 08/06/2023.

_____. **Mídias sociais e a esfera pública**. Revista Contracampo. v. 34. n. 3. Niterói, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/willi/Desktop/MESTRADO%20UFPB/17552-Texto%20do%20Artigo-65371-1-10-20180913.pdf>. Acesso em: 08/06/2023.

FROTA, Mainara. **“Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher...”**: *Trajetórias de vida de mulheres dirigentes nacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Bahia*. 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Salvador, 2021.

GOMES, Marcos Emílio. **O AGRONEGÓCIO É MESMO UM SUCESSO?**. Revista Piauí, 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-agronegocio-e-mesmo-um-sucesso/>. Acesso em: 09/06/2023.

GOMES, Ulyane Vieira. **A estética do youtube: forma e conteúdo no capitalismo tardio**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2019.

GOMYDE, Monalisa; COSTA, Maila; FERNANDES, Sabrina. **XVIII Teses sobre marxismo e libertação animal**. Traduzido por Monalisa Gomyde. Revisado por Maila Costa e Sabrina Fernandes. Aliança pelo Marxismo e a Libertação Animal. Revista Latinoamericana de Estudios Criticos Animales. vol.2. 2019. Disponível em:

<https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/259/250>. Acesso em: 16/09/22.

GOULART, Magnus. **Análise da discursivização das manifestações populares ocorridas no Brasil em 2013 e sua repercussão no ambiente digital**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, 2015.

GUIMARÃES, Sandra. “A armadilha do consumo consciente é culpar o indivíduo pela catástrofe ambiental”, diz Sandra Guimarães. [Entrevista concedida à SANTOS, Maria]. **Marco Zero Conteúdo**, 2019. Disponível em: <https://marcozero.org/a-armadilha-do-consumo-consciente-e-culpar-o-individuo-pela-catastrofe-ambiental-diz-sandra-guimaraes/>. Acesso em: 19/11/2021.

_____. **A libertação animal não será comprada**. Papacapim.org, 2019. Disponível em: <http://www.papacapim.org/2019/02/15/a-libertacao-animal-nao-sera-comprada/>. Acesso em: 30/10/21.

_____. **MST e Veganismo Popular**. MST, 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/11/10/mst-e-veganismo-popular/>. Acesso em: 21/11/2021.

_____. “O que o MST tem a ver com VEGANISMO? - Com Sandra Guimarães”. [Entrevista concedida a Vegano Vitor]. **Youtube**, 09/08/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w5ZpTNVdVN0>. Acesso em: 19/10/2023.

_____. “Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão”. [Entrevista concedida a WEISSHEIMER, Marco]. **Sul 21**. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2018/04/todas-as-opressoes-estao-conectadas-veganismo-e-uma-extensao-logica-da-luta-anti-opressao/> Acesso em: 19/11/2021.

GRESPLAN, Jorge. **Marx: uma introdução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

GUEDES, Taís. **As Redes Sociais — Facebook e Twitter — e suas influências nos Movimentos Sociais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. Edições Loyola: São Paulo, 2005.

LAZZARETTI, Vanessa. **Ressignificar para reconhecer: o feminismo camponês e popular no contexto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Porto Alegre, 2021.

LEITE, Rafaela Bernardazzi Torrens. **Youtuber: o produtor de conteúdo do Youtube e as relações de produção audiovisual**. 2019. Tese (Doutorado em Estudo da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudo da Mídia. Natal, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. ed. 34. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Dulcilei Conceição; HOMMA, Luana Hanaê Gabriel; SOUZA, Paulo Roberto Elias; PENTEADO, Claudio Luís Camargo. **Narrativas midiáticas em disputa: informação e contrainformação política no caso Claudia Silva Ferreira**. Revista Trama Interdisciplinar. v. 9, n. 2. 2019. Disponível em:

<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/11928>. Acesso em: 19/07/2023.

LIMA, Mayrá. **Os ruralistas como elite política: hegemonia construída através do Estado e da imprensa brasileira**. 2020. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de Brasília, Instituto de Ciência Política – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Brasília, 2020.

LIMA, Quezia. **Feminismo para quê: o funcionamento dos discursos feministas no ciberespaço**. 2017. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

LIMA, Stephanie Caroline Ferreira de. **Identidade de gênero, (in)visibilidade e militância trans nos canais Mandy Candy e Thiessita do YouTube**. 2020. Dissertação (Mestrado Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.

MAENNEL, Annette. **Atlas da carne: fatos e números sobre os animais que comemos**. (Responsabilidade editorial: Annette Maennel). Heinrich Böll Foundation, 2021.

MAGALHÃES, Amarildo. **Religião e política no Brasil: análise discursiva de comentários online de eleitores no pleito presidencial de 2010**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Maringá, Maringá. 2016.

MAGALHÃES, Belmira. Fazer a sua parte: **Materialismo Histórico-Dialético e Análise do Discurso**. In VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/FazerASuaParte.pdf>. Acesso em: 23/08/2022.

MAIA, Michelle; SOUZA, Ana Kalina de. **A cibercultura e os movimentos sociais**. Revista Eletrônica Inter-Legere. n.14. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/5310>. Acesso em: 05/08/2022.

MANNI, Dario. **Tempo di andar via**. Comune-info.net, 2022. Disponível em: <https://comune-info.net/animali-e-capitale/>. Acesso em: 12/07/2023.

MANNI, Dario. **Politiche della relazione**. Comune-info.net, 2022. Disponível em: <https://comune-info.net/politiche-della-relazione/>. Acesso em: 13/07/2023.

MANZONI, Annamaria. **Femminismi e altre liberazioni**. Comune-info.net, 2022. Disponível em: <https://comune-info.net/femminismi-e-altre-liberazioni/>. Acesso em: 13/07/2023.

MANNI, Dario; MAURIZI, Marco. **Animali e capitale**. Comune-info.net, 2023. Disponível em: <https://comune-info.net/animali-e-capitale/>. Acesso em: 12/07/2023.

MARX, Karl. **A ideologia alemã. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo : Boitempo, 2007.

_____. **Carta a Pável V. Annenkov (em Paris)**. 1846. Marxists.org, [2006]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1846/12/28.htm>. Acesso em: 15/06/2023.

_____. **Introdução à contribuição para a crítica da economia política**. 1859. Marxists.org, [2007]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcriteconpoli/introducao.htm> Acesso em: 17/01/2022.

_____. **O Capital. Livro 1: Crítica da economia política**. Edição eletrônica. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte** [tradução e notas Nélcio Schneider; prólogo Herbert Marcuse]. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

MATOS, Ludimila Santos. **“O Youtube não liga pra gente”**: *agenciamentos sociotécnicos na percepção de criadores de conteúdo brasileiros para o Youtube*. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2020.

MAURIZI, Marco. **O Antiespecismo como Apropriação da Classe Trabalhadora: Entrevista com Marco Maurizi**. [tradução] Vitória Nogueira Silva Dantas e Maila Costa. LavraPalavra, 2020. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2020/08/19/o-antiespecismo-como-apropriacao-da-classe-trabalhadora-entrevista-com-marco-maurizi/>. Acesso em: 19/11/2021.

MEIRELES, Juliana. **Primavera periférica: discursos da periferia na Internet**. 2015. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultura). Instituto de Estudos e Linguagem – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio; GOLDFARB, Yamila. **O Agro não é tech, o Agro não é pop e muito menos tudo**. Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), 2021. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/18319-20211027.pdf>. Acesso em: 04/05/2022.

MONTEIRO, Lorena Lúcia Cardoso. **Feminismo animalista: a interseção entre discursos e práticas feministas e de libertação animal**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

MORAIS, Catharina; RAZEL, Sophia. **Consumo infinito, em um mundo finito: não haverá planeta possível nesta lógica. Como o capitalismo está engolindo o meio ambiente, e com ele, todos nós**. Agência Online de Jornalismo Maurício Tragtenberg (AGEMT – PUC/SP). Agemt.pucsp.br, 2022. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/consumo-infinito-em-um-mundo-finito-nao-havera-planeta-possivel-nesta-logica>. Acesso em: 17/07/2023.

MOTA, Ana Gabriela; SANTOS, Kauan Willian dos. **Libertação animal, libertação humana: veganismo, política e conexões no Brasil**. 1ª ed. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2020.

MOTA, Ana. **Trabalhadores e Luta de Classes**. In: ANTAR & UVA. **Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário**. Editora Terra sem Amos: Brasil. 2021, p. 25-31.

MOTA, Mauricio; PEDRINHO, Suzana. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade.** São Paulo: Aleph, 2009.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NARZETTE, Claudiana. **Elações entre A Análise do Discurso e a Ciência da História.** Revista do GEL, S. J. do Rio Preto, v. 4, n. 2. 2007. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/359>. Acesso em: 11/04/2022.

NEGRINI, Vanessa. **Sobre veganos e outros bichos: as estratégias de comunicação pública do ativismo animal.** 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

[1]NETTO, José Paulo. **Aula 1 DVD 1 Curso o Método em Marx com José Paulo Netto.** João Vicente Nascimento Lins. 22/09/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCeLO0S1hEUbYX14cZ1GkGQQ>. Acesso em: 11/01/2022.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx.** 1 ed. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2011.

NUNES, Ernesto Luiz Marques. **Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica De São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Bruno Correa de. A elite de classe do agronegócio: uma análise do perfil social dos parlamentares membros da diretoria da Frente Parlamentar da Agropecuária (2021-2022). In: **XII Seminário Nacional Sociologia & Política.** UFPR: Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/12snsep/479886-a-elite-de-classe-do-agronegocio--uma-analise-do-perfil-social-dos-parlamentares-membros-da-diretoria-da-frente-p/>. Acesso em: 08/06/2023.

OLIVEIRA, Hélio Rosa de. **Ética e direitos dos animais: a questão do especismo e do antiespecismo na filosofia política contemporânea.** 2021. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Hélio Programa de PósGraduação em Filosofia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22698/1/H%c3%a9lioRosaDeOliveiraDissert.pdf>. Acesso em: 14/06/2023.

OLIVEIRA, Wesley Felipe de. **O altruísmo eficaz de Peter Singer aplicado na prevenção de desastres e crises humanitárias.** Revista Dissertatio de Filosofia (RDF). v. 55. Santa Catarina, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/21026>. Acesso em: 18/07/2023.

ORLANDI, Eni. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil.** 2003. Disponível em: <https://www.discursosead.com.br/conferencias-i-sead>. Acesso em: 19/07/2022.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos.** Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso.** Estudos da Língua(gem) n. 1. Vitória da Conquista, 2005. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 28/08/2022.

PADULLA, Luiz Fernando. **O agro planta...a crise!** Le monde diplomatique Brasil, 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-agro-planta-a-crise-interesse-do-agronegocio/>. Acesso em: 02/08/2022.

PASSARINHO, Nathália. **Como a carne virou 'vilã' em mudança climática e entrou na mira da COP26.** BBC.com, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59201457>. Acesso em: 18/07/2023.

PAVAN, Daniel. **Carne e Capital.** A terra é redonda, 2020. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/carne-e-capital/#_ednref2. Acesso em: 07/06/2023.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução: Eni P. Orlandi. ed. 5ª. São Paulo: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi (et al). ed. 5. Campinas, Editora da UNICAMP, 2014.

PELLERANO, Joana. **Industrialização e alimentação: Impactos da Revolução Industrial moderna em produção, distribuição, preparo e consumo de alimentos.** Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia. 2017. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/2764>. Acesso em: 19/07/2023.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; CRUZ JUNIOR, Brauner Geraldo. **Ação política na internet na era das redes sociais.** Ponto-e-Vírgula. n. 26. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/51518>. Acesso em: 19/07/2023.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; PINTO, Rafael Akio de Miranda. **O sujeito alienado em 3D.** Compolítica. v. 10, n. 2. 2020. Disponível em: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/298>. Acesso em: 19/07/2023.

PETROPOULEAS, Suzana Corrêa. **Poder, política e influência no youtube.** 2022. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campina, 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_8ab42e0c0ea6de5e26a23363e008dd46. Acesso em: 20/07/2024.

PINHO, José Antônio Gomes de. **Sociedade da informação, capitalismo e sociedade civil: reflexões sobre política, internet e democracia na realidade Brasileira.** Revista de Administração de Empresas, v. 51. n. 1. Salvador, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/TQ3xtN8WBhBC8nBSBqd7smh/?lang=pt#>. Acesso em: 08/06/2023.

PINTO, Taiane Cristine Linhares. **VEGANISMO E MÍDIA: Entre Representações e Apropriações.** 2008. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2106/3/TCLPinto.pdf>. Acesso em: 19/07/2023

PIZA, Mariana. **Processos de influências sociais no ambiente online: análise da youtuber Jout Jout.** 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Brasília, 2016.

POLO, Marina. **Ideologia, discurso e Internet: uma análise dos discursos parlamentares sobre a neutralidade da rede, em Portugal e no Brasil (2006-2019)**. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho. 2021.

QUINTANA, Ana Carolina; HACON, Vanessa. **O desenvolvimento do capitalismo e a crise ambiental**. *O Social em Questão* (PUC-Rio). Ano 14. n. 25/26. Rio de Janeiro, 2011.

Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=41&sid=14>. Acesso em: 17/07/2023.

RITZMANN, Bárbara. **Redes sociais online como fontes de informação: considerações quanto ao modelo de uso da informação e ao modelo de criação de significado**. Dissertação (Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SÁ, Priscila de. **Promotoras Legais Populares: Organização Coletiva de Mulheres para a Constituição de um Feminismo Popular**. 2021. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos. Goiânia, 2021.

RODRIGUES, Daniele Cristine; PENTEADO, Claudio Luís Camargo; OLIVEIRA, Taís Silva. **Vidas Negras Importam: Análise de Redes Sociais do Ativismo em Nuvem Sobre os Episódios #80Tiros e de George Floyd**. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*. v. 27. n. 2. 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/45720>. Acesso em: 19/07/2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Vozes, 1976.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4300331/mod_resource/content/1/SAFFIOTI%2C%20Heleieth.%20A%20mulher%20na%20sociedade%20de%20classes.pdf. Acesso em: 09/02/2023.

SANTOS, Arthur Saldanha dos. **Ativismos digitais do movimento Afro Vegano: uma análise das narrativas performáticas nas mídias sociais**. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

SANTOS, Eugênio; SILVA, Flávia da. **Início da análise do discurso: uma história de rupturas**. In **Análise do Discurso I**. Portal CESAD (UFS). São Cristóvão, 2014. Disponível em: <https://cesad.ufs.br/cadernosdeaulas/index/disciplinas?bsnome=>. Acesso em: 31/01/2023.

SANTOS, Kauan dos. **Anarquismo e antiespecismo: ação direta e ecologia social nos bastidores do resgate dos cães Beagles em São Paulo em 2013**. *Revista estudos libertários CPDEL/UFRJ*. v. 3, nº. 8. 2021.

SANTOS, Marcelo dos; PENTEADO, Cláudio; ARAÚJO, Rafael. **Novos atores e espaços políticos na Era da Informação: o papel dos blogs de política**. In: **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Recife, 2007. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-34-encontro/st-8/st02-7/1319-internet-e-politicas-publicas-web-2-0-como-estrategia-de-debate-e-divulgacao/file>. Acesso em: 18/04/2023.

SANTOS, Maureen; PERALTA, Rosa; DUARTE, Livia; BARTELT, Dawid; VIANNA, Manoela. **Atlas da carne: fatos e números sobre os animais que comemos**. (Org: Maureen Santos). [versão brasileira] Heinrich Böll Foundation: Rio de Janeiro, 2016.

SCHWENDLER, Sônia. **Feminismo camponês e popular: práticas, saberes e discursos de gênero, construídos nas conexões sociais e políticas dos movimentos sociais de campo.** 2017. In: TAMANINI, M.; BOSCHILI, R.; SCHWENDLER, S. F. (org.). **Teorias e Políticas de Gênero na Contemporaneidade.** Curitiba: UFPR, 2017. p. 143 – 174.

SEIBERT, Iridiani. **Feminismo camponês popular: contribuição das mulheres camponesas a luta de transformação social.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados Sobre as Américas. Brasília, 2019.

SILVA, Carmen. **Feminismo popular e lutas antissistêmicas.** Recife: Edições SOS Corpo, 2016.

SILVA, Carmen da. **Movimento de mulheres, movimento feminista e participação de mulheres populares: processo de constituição de um feminismo antissistêmico e popular.** 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Recife, 2016.

SILVA, Luana de Lourdes. **Ciberativismo & veganismo: uma análise de relações públicas acerca do movimento vegano na esfera digital.** 2020. Monografia (Graduação em Relações Públicas) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. São Paulo, 2020.

SILVA, Paula da. **Vloggers: o acontecimento comunicacional e o cotidiano na rede social YouTube.** 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo. Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais. São Paulo, 2019.

SILVA, Raimundo. **Agronegócio um negócio global.** FRIEDRICH-EBERT-STIFTUNG – Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA). 2021. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/17997.pdf>. Acesso em: 18/04/2023.

SILVA-JUNIOR, Rogério. **Mobilizações sociais e novas formas de sociabilidade na Internet: Uma análise no ciclo de protestos portugueses.** 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, Antônio Carlos de. **Desgourmetizando o veganismo: discursos políticos nas práticas comunicacionais e de consumo do coletivo Vegano Periférico.** 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo. Escola Superior em Marketing. São Paulo, 2022.

SORDI, Caetano. **Heidegger, Ingold e as (zoo)técnicas: uma discussão a partir da bovinocultura de corte brasileira.** Cadernos de Campo (São Paulo - 1991). v. 22, n. 22. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52251>. Acesso em: 18/04/2023.

SINGER, Peter. **Libertação animal.** O clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos animais. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

TAVARES, Viviany; BARBOSA, Bruno; Flávia, SANTOS. **O uso das redes sociais como meio de mobilização social nos protestos nacionais de junho de 2013.** Revista Panorama edição online. v. 4, n. 1. 2014. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/3457>. Acesso em: 18/04/2023.

TONET, Ivo. **Método Científico uma abordagem ontológica.** Maceió: Instituto Lucáks, 2013.

TRAJANO, Raphael. **Hip-hop – sujeito e(m) movimento: análise discursiva da imbricação entre as materialidades linguística, imagética e musical em um videoclipe publicado no Youtube.com**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal Fluminense, Instituto De Letras. Niterói, 2016.

TRICONTINENTAL. **Big Techs e os desafios atuais para a luta de classes**. Dossiê nº 46. São Paulo: Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, novembro de 2021. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossier-46-big-tech/>. Acesso em: 09/06/2023.

UVA – União Vegana de Ativismo. **“Polícia Vegana” – disputa de narrativas e coerência da prática vegana**. Uniaovegana.org, 2021. Disponível em: <https://uniaovegana.org/policia-vegana-disputa-de-narrativas-e-coerencia-da-pratica-vegana/>. Acesso em: 17/07/2023.

WILLIAN, Kauan. Introdução. In: ANTAR & UVA. **Antiespecistas: o manual do veganismo popular e revolucionário**. Editora Terra sem Amos: Brasil. 2021, p. 5-11.

VARGAS, Thaynara. **“Li na internet, deve ser verdade”**: uma análise discursiva dos dizeres nas redes sociais sobre mulheres públicas na política. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2020.

XAVIER, Glauber Lopes. **Agronegócio e capitalismo dependente na América Latina: o caso brasileiro**. Argumentum. v. 9. n. 2. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/15017>. Acesso em: 17/04/2023.